



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MARIA ELIENE MAGALHÃES DA SILVA

**MARCADORES DAS AFRICANIDADES NO OFÍCIO DAS REZADEIRAS EM
QUILOMBOS DE CAUCAIA/CE: UMA ABORDAGEM PRETAGÓGICA**

FORTALEZA-CE
2015

MARIA ELIENE MAGALHÃES DA SILVA

**MARCADORES DAS AFRICANIDADES NO OFÍCIO DAS REZADEIRAS DE
QUILOMBOS DE CAUCAIA/CE: UMA ABORDAGEM PRETAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

FORTALEZA-CE
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S581m Silva, Maria Eliene Magalhães da.
Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE : uma abordagem pretagógica / Maria Eliene Magalhães da Silva. – 2015.
206 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Educação interdisciplinar.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.
1. Curandeiras – Caucaia(CE) – Atitudes. 2. Curandeiras – Caucaia(CE) – Orações e devoções.
3. Cultura afro-brasileira. 4. Quilombos – Caucaia(CE). 5. Educação – Caucaia(CE) – Influências africanas. 6. Educação multicultural – Caucaia(CE). 7. Educação – Caucaia(CE) – Estudos interculturais.
8. Pretagogia. I. Título.

MARIA ELIENE MAGALHÃES DA SILVA

**MARCADORES DAS AFRICANIDADES NO OFÍCIO DAS REZADEIRAS DE
QUILOMBOS DE CAUCAIA/CE: UMA ABORDAGEM PRETAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva
Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira

Profa. Dra. Heloisa Pires Lima
Universidade Paulista

À minha avó rezadeira Otília (em memória) de alma generosa. À minha mãe D. Iolanda (em memória), mulher forte, embora meiga e que tanto forças deu-me nos meus estudos. Ao meu pai Oscar (em memória), homem que me ensinou tantas coisas. Ao meu irmão Herbert (em memória) pela graça e alegria em vida. À minha querida filha Anna Raquel, razão de minhas buscas, retrato fiel de ancestralidade, e a meu neto João Guilherme minha descendência que amo tanto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao criador do universo.

À minha orientadora Sandra Petit pela orientação, aprendizados e vivência desde 2010.

Às queridas rezadeiras quilombolas: Mariinha, Maria dos Prazeres, Mundoca, Rita, Valda, Verônica, Terezinha, Dalva e as iniciantes Luiza, Camila, Franciane e Suelina.

Aos meus companheiros e companheiras do sindicato pela paciência e contribuição: Maria, Catarina, Enedina, Liduína, Karla, Zilma, Ronise, Kellynia, Valkelen, Denilano, Gledstone e Lionete.

À Claudia quilombola pela parceria na pesquisa.

À Eliane Santos pela colaboração na mobilização com as rezadeiras de Porteiras.

À Adilbênia Machado pela parceria na revisão.

A Leonardo Sampaio Filho pela contribuição nas transcrições.

Aos integrantes do Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE) pela contribuição nas oficinas e culminância, além das reuniões contínuas de pesquisa: Rafael Ferreira, Manu Kelé, Gloria, Sávia, Alessandra, Hélio, Calu, Nancy, Magnata...

À tia Antonieta e aos tios Iran e Valter.

Às Tias (em memória) Estela e Lourdes

Às minhas Irmãs Elane, Edilene e Érica,

Às Primas Ivana, Ivany, Ivanise, Thaís, Gardênia, Alícia, Théo, Verbena, Cristian, Valdilla, Diógenes e Yasmin.

Aos nenéns da família, nossa renovação: João Guilherme, Iolanda Larissa, Sarah Rebeca, Alícia e Cristian.

Aos amigos e amigas do *Abraço Literário*, em especial Nice, Lucinha, Inês e Eudismar.

Aos confrades e congreiras da primeira *Academia Afrocearense de Letras (AAFROCEL)*, em especial, ao meu amigo presidente Manuel Casqueiro e Leonardo Sampaio que contribuiu para realização desta pesquisa.

Aos confrades e congreiras da *Academia Juvenal Galeno de Letras (AJULG)*, especialmente à presidenta Eliane Arruda.

Aos confrades e congreiras da *Academia Aracatiense de Letras (AAL)* em presidente Augusto Pessoa.

RESUMO

A pesquisa com título: 'Marcadores das Africanidades das Rezadeiras de Quilombos de Caucaia/CE: Uma Abordagem Pretagógica'. O trabalho foi realizado entre 2013 e 2015, com sete rezadeiras quilombolas e cinco iniciantes, de três comunidades quilombolas de Caucaia-CE: Serra do Juá, Porteiras e Cercadão dos Dicetas. Diante da lacuna enorme no que se refere à relação das africanidades com o ofício das rezadeiras, intento responder, no decorrer desse trabalho, as seguintes indagações: Quais os marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras? Como é possível trabalhar com os marcadores das africanidades no ofício da reza na perspectiva de uma intervenção pedagógica? Como a Pretagogia pode contribuir para a apropriação desses marcadores? O trabalho teve fase interventiva com três oficinas usando como técnica a mandala dos objetos geradores com os marcadores africanos da reza que foram: oralidade, ancestralidade, senhoridade, iniciação, elementos da natureza, espiritualidade, segredo, relação comunitária, territorialidade, que são de base africana. Para isso, a dissertação organiza-se da seguinte forma: CAPÍTULO 1: Introduz contando minha trajetória familiar, acadêmica e profissional em relação às africanidades; CAPÍTULO 2: Trata do diálogo com os autores da pesquisa e as senhoras rezadeiras; CAPÍTULO 3: Apresenta oficina Pretagógica na Serra do Juá com objetos geradores da Pretagogia com as rezadeiras e comunidade; CAPÍTULO 4: Aborda oficina em Porteiras com as rezadeiras capulanas; Capítulo 5: Trata da oficina ministrada em cercadão dos Dicetas rezadeira com crianças e jovens. CAPÍTULO 6: Conclusão com descrição da culminância dos trabalhos e homenagens às matriarcas rezadeiras das comunidades de Juá, Cercadão e Porteiras, além da síntese dos resultados da pesquisa como um todo. O trabalho utiliza como fundamentos teóricos a Pretagogia de Sandra Petit (2015), a Tradição Viva apresentada por Hampaté Bâ (1982), o Estudo sobre a Cura Através da Palavra em Gomes e Pereira(2004), A magia na Cura de Santos (2007), a importância da Transmissão da Fala por Bernat (2013) e o Uso do Corpo e a Musicalidade por meio dos Tambores da Pedagogia de Rosa (2013), o aprendizado na Cosmologia Africana em Oliveira (2006) e a teoria da Afrodescendência de Cunha (2010). A pesquisa apresenta minha reflexão quanto ao conceito de Afroreza como e que afroancestrais, rejeitando a afirmação da reza ser totalmente de base católica, anulando as sabedorias africanas contidas em seus versos e gestos. Desse modo, a dissertação fortalece o compartilhamento das experiências das rezadeiras e sua afirmação afrodescendente na construção de uma educação libertadora e sem preconceitos em relação ao nosso legado africano.

Palavras-chave: Rezadeiras; Quilombos; Caucaia; Pretagogia; Africanidades

ABSTRACT

The research title: Bullets of Africanidades of Mourners of Quilombo Caucaia / EC: An Approach Pretagógica '. The study was conducted between 2013 and 2015, with seven Maroons mourners five starters, three quilombo communities of Caucaia-CE: Serra do Jua, Gateshead and Cercadão of Dicletas. Given the huge gap as regards the relationship of Africanities to the letter from mourners, attempt to answer in the course of this work, the following questions: What are the markers of Africanities in the office of mourners? How you can work with markers of Africanities in the office of prayer from the perspective of an educational intervention? As the Pretagogia can contribute to ownership of these markers? The work had interventional phase with three workshops using as technique mandala generators objects with African markers of states that were orality, ancestry, seniority, initiation, elements of nature, spirituality, secret, community relationship, territorialidade, which are based African. For this, the dissertation is organized as follows: Chapter 1: Introduces telling my family, academic and professional trajectory in relation to Africanities; CHAPTER 2: This is the dialogue with the authors and the mourners ladies; CHAPTER 3: Displays Pretagogica workshop in Sierra Jua with generators objects Pretagogia with mourners and community; CHAPTER 4: Discusses workshop in Gateshead with capulanas mourners; Chapter 5: It's given workshop in cercadão of Dicletas rezadeira with children and youth. CHAPTER 6: Conclusion describing the culmination of the work and tributes to the matriarchs of mourners Jua communities Cercadão and Gateshead, in addition to the summary of the search results as a whole. The work uses as theoretical foundations to Pretagogia Sandra Petit (2015), the Living Tradition by Hampaté Bâ (1982), Study on the Healing Through the Word in Gomes and Pereira (2004), Magic the Healing Saints (2007), the importance of Speech Transmission Bernat (2013) and the Use of Body and musicality through Rose Pedagoginga barrels (2013), learning in the African Worldview in Oliveira (2006) and the theory of wedge Afrodescendência (2010). The research presents my reflection on the concept of Afroreza as and afroancestrais, rejecting the claim of prayer be totally Catholic base, nullifying African wisdom contained in his verses and gestures. Thus, the thesis strengthens the sharing of experiences of mourners and their African descent claim to build a liberating education and unprejudiced about our African heritage.

Keywords: Markers of Africanities; mourners; Afroreza; Quilombos - Caucaia; Pretagogia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Serra de Munguba – 2015.....	24
Figura 2	Casamento católico dos meus avós maternos: Gordulino e Otília, em 1929.....	25
Figura 3	Maria Lourdes e Maria Estela, irmãs da minha mãe e filhas da rezadeira Otília. Foto de 1945.....	28
Figura 4	Santos da casa da Rezadeira Otília 1980.....	30
Figura 5	Santuário de Otília -1890.....	30
Figura 6	Eu e minha mãe (Maria Iolanda). 2012.....	35
Figura 7	Escola Diferenciada Quilombola Maria Iracema do Nascimento.....	73
Figura 8	Oficina no Juá – Momento inicial da oficina – 2015.....	85
Figura 9	Desenvolvendo a atividade, Diana Duarte, pesquisadora da UERN e a rezadeira do Cercadão Dona Rita.....	87
Figura 10	Atividades da oficina-Livrinho de contos: Rezadeira Dona Rita de Cercadão e a pesquisadora Diana Duarte, UERN.....	87
Figura 11	Trecho dos sentimentos da rezadeira Dona Rita do Cercadão e da pesquisadora Diana Duarte da UERN.....	88
Figura 12	Atividades da iniciante de rezadeira Camila do Cercadão.....	89
Figura 13	Atividades da oficina.....	90
Figura 14	Capa do Álbum de receitas.....	90
Figura 15	página do álbum.....	90
Figura 16	Caderno de saberes.....	91
Figura 17	Caderno de saberes.....	91
Figura 18	Foto da oficina com as rezadeiras Suelina e Dona Dalva.....	92
Figura 19	Caderno de saberes.....	94
Figura 20	Caderno de saberes.....	94
Figura 21	Caderno de saberes.....	94
Figura 22	Caderno de saberes.....	94
Figura 23	Caderno de saberes.....	94
Figura 24	Caderno de saberes.....	98
Figura 25	Texto de atividade.....	98
Figura 26	Trechos do cordel.....	98
Figura 27	Trechos do cordel.....	98
Figura 28	Rezadeira Dona Prazeres, do Cercadão e Pesquisadores.....	99
Figura 29	Pesquisadores trabalhando.....	99

Figura 30	Avaliação feita por rezadeira de Porteiras Luiza no caderno dos saberes..	99
Figura 31	Mandala de objetos geradores e inspiradores para capulanas.....	105
Figura 32	Capulana com nenê.....	107
Figura 33	Capulana com nenê.....	107
Figura 34	Capulana com nenê.....	108
Figura 35	Jovem no ritual de iniciação.....	108
Figura 36	Conjunto de fotos da oficina de capulana com as senhoras rezadeiras.....	108
Figura 37	Conjunto do panorama do atelier de artes capulanas quilombolas rezadeira em atividades capulanas.....	110
Figura 38	Varanda de casa quilombola com eu e as rezadeiras.....	110
Figura 39	Rezadeiras pintando suas histórias em pano.....	110
Figura 40	Rezadeira do juá D. Dalva desenhando sua história de reza.....	110
Figura 41	Mulheres desenhando suas história de reza em pano capulana.....	111
Figura 42	Exposição de capulanas pintadas Eu e D. Maria dos Prazeres.....	112
Figura 43	Dona Verônica com sua capulana.....	112
Figura 44	Desfile e prova das capulanas.....	114
Figura 45	Prova das capulanas.....	114
Figura 46	Luiza, 39 anos, Porteiras.....	115
Figura 47	Suelina da Serra do Juá.....	115
Figura 48	Dona Dalva, 52 anos – Serra do Juá.....	115
Figura 49	Exposição.....	115
Figura 50	Chegada ao anexo quilombola.....	119
Figura 51	Jardim de uma moradia quilombola.....	121
Figura 52	Anexo quilombola - creche da comunidade – 2014.....	122
Figura 53	Material paradidático 1.....	123
Figura 54	Material paradidático 2.....	123
Figura 55	Paradidático 3.....	124
Figura 56	Jogo da memória.....	124
Figura 57	Livro Paradidático 4.....	125
Figura 58	Jogo da memória.....	125
Figura 59	Material didático.....	126
Figura 60	Material didático.....	126
Figura 61	Material Paradidático 5.....	127
Figura 62	Jogo da memória.....	127

Figura 63	3ª estação com jogo, literatura e tecido de chita.....	130
Figura 64	Foto da 1ª estação.....	133
Figura 65	Andressa e Antônia que trabalharam com o segredo e o terço africano...	134
Figura 66	Desenhos de Kellyane e Beatriz – 2ª estação.....	135
Figura 67	Terceira estação – Tambores / Musicalidade.....	136
Figura 68	Tambores / musicalidade.....	136
Figura 69	Tambores/ musicalidade.....	136
Figura 70	Desenho da manda cura, desenhada pela rezadeira Dona Prazeres.....	137
Figura 71	Foto da oficina.....	139
Figura 72	Rezadeira Dona Dalva.....	147
Figura 73	Dona Prazeres do Cercadão apresentando sua capulana.....	147
Figura 74	Rezadeira Suelina de capulana.....	147
Figura 75	-Desfile das rezadeiras na escola quilombola Maria Iracema na Serra do Juá. As rezadeiras co-pesquisadoras, a pesquisadora e a orientadora.....	148
Figura 76	Quadros das rezadeiras quilombolas.....	149
Figura 77	Eu entregando o quadro para rezadeiras.....	149
Figura 78	Profªs Geranilde Costa e Rebeca Mijer da UNILAB.....	150
Figura 79	Nick Pereira, Coordenador de Políticas da Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Fortaleza, Sandra Petit, Rebeca Meijer e Geranilde Silva acompanhando as apresentações.....	150
Figura 80	Cortejo e preparação para a caminhada com o estandarte das rezadeiras do Juá.....	151
Figura 81	Preparação para a caminhada com o estandarte das rezadeiras do Juá...	152
Figura 82	Ladainha da rezadeira (capoeira) – apresentação do resultado da pesquisa do companheiro Rafael Ferreira, doutoranda Adilbênia Machado ajudando na apresentação.....	152
Figura 83	Apresentação do trabalho coletivo da sociopoética com a companheira Cláudia Quilombola.....	152
Figura 84	Rafael Ferreira apresentando o resultado da sua pesquisa na comunidade e cantando ladainhas de capoeira criadas em suas oficinas.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Doenças, rezas, curas e marcador africano.....	33
Tabela 2	Marcadores das africanidades.....	48
Tabela 3	Plantas e religiosidade africana.....	62
Tabela 4	Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Serra do Juá.....	67
Tabela 5	Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Porteiras.....	67
Tabela 6	Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Cercadão dos Dicetas.....	67
Tabela 7	Estações e produção didática.....	80
Tabela 8	Planejamento da oficina.....	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: MEU MEMORIAL DAS AFRICANIDADES.....	19
1.1	Problemática e percurso de construção do meu memorial.....	19
1.2	Memórias sobre a rezadeira Otilia Alves Magalhães (*1903 +1982).....	24
1.3	Lembranças e identificadores das africanidades na relação com a reza	27
1.4	Relação com os santos da família.....	30
1.5	Minha mãe.....	35
1.6	Minha história.....	37
2	MARCADORES DAS AFRICANIDADES NA REZA.....	44
2.1	O que é a Pretagogia e sua relação com os marcadores.....	44
2.2	Marcadores das africanidades: O que são e contexto do surgimento desse conceito operacional.....	45
2.3	Ancestralidade/linhagem.....	50
2.4	Iniciação/senhoridade.....	51
2.5	Palavra- corpo e Segredo.....	54
2.6	Relação com a natureza.....	59
2.7	Espiritualidade/magia.....	62
2.8	Relação comunitária.....	65
2.9	Rezadeiras das comunidades co-pesquisadoras.....	67
2.10	Algumas pessoas que compuseram o processo da pesquisa.....	68
3	A TÉCNICA DOS ARTEFATOS GERADORES NAS ESTAÇÕES DE APRENDIZAGEM NA SERRA DO JUÁ	73
3.1	Oficina dos Artefatos Geradores na Serra do Juá – Histórico e contexto.....	73
3.2	Como surgiu a ideia dessa técnica (Desde a fase da Sociopoética).....	74

3.3	Material das entrevistas que embasou a técnica dos pretagógica.....	
3.4	Elementos da Afroreza: Distribuição dos Artefatos, trechos, proposta de atividades (Produto didático.....	79
3.5	Descrição do desenrolar de oficina e apresentações do Afrosarau.....	84
4	OFICINA CAPULANAS – REZADEIRA NA COMUNIDADE DE PORTEIRAS.....	104
4.1	Histórico de Porteiras, inspiração e planejamento da oficina.....	104
4.2	Desenrolar da oficina capulana rezadeiras	106
5	OFICINA DOS ARTEFATOS GERADORES NAS ESTAÇÕES DE APRENDIZAGEM – COMUNIDADE REMANESCENTE CERCADÃO DOS DICETAS.....	117
5.1	Histórico da comunidade.....	117
5.2	Como surgiu a oficina – Uma problematização no solo quilombola.....	118
5.3	Distribuição do Material na oficina de Artefatos Geradores nas Estações de Aprendizagem.....	121
5.4	Primeira parte da oficina de Artefatos Geradores nas Estações de Aprendizagem.....	128
5.5	Segunda parte da Oficina: : resultados- apresentações	132
5.6	Apresentações e dialogo com a ministrante.....	133
5.7	Análise geral.....	140
6	CONCLUSÃO RESULTADOS FINAIS E CULMINÂNCIA NA SERRA DO JUÁ: ANDANÇAS DE UMA APRENDIZ – PRETAGOGIA TECENDO CONHECIMENTO DA AFROREZA, UM CAMINHAR QUE	142

SEGUE...	
6.1 Resultados significativos.....	
6.2 Culminancia da Serra do Juá.....	146
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS.....	156

Meu memorial, quem sou

Eliene Magalhães

I

Vou contar à vocês

Uma História dos meus antepassados

Meu memorial das africanidades

Nele relato histórias pessoais

De reza, cura e preconceitos.

Tem também, minha afirmação.

II

Sou Eliene, afrodescendente

Sou avó de João Miguel

Tenho linhagem de rezadeira, minha gente.

e mãe da Anna Raquel

Minha negra da tem laços da mama África

Tem no rosto herança negra.

III

Filha e neto de cabelos crespos de raiz

Lábios grossos de Angola

São belos teus traços afroancestrais

Bisneta e tataraneto de rezadeira.

Meu neto é feito Zumbi, forte e valente.

Minha filha tem beleza exótica, feito Dandara.

IV

Trabalho e moro em Caucaia

Terra de índios e negros

Muitos negam essa verdade
Afirmam ser apenas terra de índios
Mas afirmo, reafirmo e esperneio
Caucaia é terra de negros e negras também.

V

Tem quilombos e rezadeiras
Serra do Juá, Cercadão e Porteiras.
Lá conheci as rezadeiras
Negritude em festa, minha gente!
Com Sandra, minha orientadora a trabalhar
Os marcadores africanos pretagógicos a gingar.

VI

Acordar no quilombo, com oficinas a realizar.
Galo a cantar, comidas gostosas a deliciar.
Serra do Juá maravilhosa estive lá
Tem Porteiras, mas que encanto!
E Cercadão a me esperar
A Pretagogia decolou por lá!

VII

Meu destino é pesquisar
As benzeduras quilombolas.
Ervas, folhas, encantos e velas
Elementos da natureza
É a cosmovisão africana a nos rodear
Digo e afirmo, é a negritude a nos identificar.

VIII

Do segredo ao sagrado, são marcas africanas.
Sua cura tem espiritualidade
Na senhoria elas iniciam familiares
Eu te benzo, eu te curo, eu te ensino à rezar.
A palavra dita e não dita, são doutoras da oralidade.

IX

Pura ancestralidade na reza
Na benzedura sacralidade
Na irmandade UBUNTU
Que me traz a musicalidade do amor
Benze corpo, benze alma.
Respeita o corpo e traduz corporeidade.

X

Tem batuque na roda
Tem cura, é benzedura das africanidades.
Sua relação comunitária, mestras da tradição oral.
Está na casa cheia pra rezar
Balaio africano no ofício das rezadeiras
Tudo isso são marcas africanas a nos rodear.

1 INTRODUÇÃO: MEU MEMORIAL DAS AFRICANIDADES

A pesquisa **‘Os marcadores das Africanidades no Ofício das Rezadeiras de Quilombos de Caucaia/CE: Uma Abordagem Pretagógica’**. Essa dissertação é parte de uma pesquisa guarda chuva, sobre as possibilidades da Pretagogia enquanto potencializadora do pertencimento afro em quilombos e bairros populares.

O trabalho trata dos elementos culturais que identificam a presença africana no ofício da reza, teve como lócus três comunidades quilombolas do município de Caucaia, Ceará: Serra do Juá, Cercadão dos Dicletas e Porteiras. Envolveu sete rezadeiras atuantes, as senhoras: Dona Dalva; Dona Mariinha; Dona Terezinha; Dona Valda; Dona Verônica; Dona Rita e Dona Prazeres, além das iniciantes ao ofício de rezadeiras: Suelina; Luíza; Camila e Franciane. O capítulo é constituído dos seguintes subtemas: Lócus e problemática; Memórias sobre a rezadeira Otília Alves Magalhães (*1903 +1982); Lembranças e identificadores das Africanidades na relação com a reza; Relação com os santos da família; Minha mãe e Minha história.

1.1 Problemática e percurso de construção do meu memorial

O surgimento da Lei 10.639/03, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, modifica a LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação) e exige a obrigatoriedade do ensino da História Africana e Cultura Afrodescendente em todas as escolas. A Lei 10.639/03, diz em seu texto: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira."

Essa lei traz a necessidade de buscarmos mecanismos para trabalharmos novos conteúdos curriculares nas escolas, o que envolve inclusive as tradições orais africanas e sua riqueza de saberes e práticas, dentre as quais se encontra o legado africano que permeia o ofício das rezadeiras, enquanto prática do chamado ‘catolicismo de preto’, ou uma prática católica que se sincretiza com fundamentos e cultos africanos.

Em Caucaia há uma afirmação que diz ‘Caucaia é terra de índio’ e o nome Caucaia tem origem indígena, significando ‘mato queimado’. Talvez, no caso, se perceba Caucaia apenas como terra de origem indígena e se descarta a presença negra. Com isso há um esquecimento da presença negra quilombola no município.

Nos quilombos, o fenômeno da reza ainda é forte, é uma prática de cura muito mais presente lá do que nos grandes centros urbanos, mas a dimensão de suas africanidades é pouco conhecida ou desvalorizada. Para Masullo (1989) há uma razão histórica que resiste e clama pela efetivação política e social dos valores civilizatórios, da cultura, dos bens simbólicos africanos e afrodescendentes.

No entanto, sabemos que, mesmo nos quilombos, a prática da reza está se extinguindo em virtude de preconceitos generalizados, inclusive com ações por parte de algumas igrejas fundamentalistas que tomam conta dos quilombos e procuram combater quaisquer resquícios de religiosidades africanas, desqualificando suas características. Daí, sem desqualificar a mistura com a religiosidade cristã, torna-se importante referenciar o legado africano nessa prática, contribuindo para o conhecimento de alunos, professores e moradores em geral no quilombo, inclusive com as próprias rezadeiras, que frequentemente se sentem obrigadas a esconder a dimensão das africanidades ou, simplesmente, a desconhecem.

Não foi fácil realizar este estudo, considerando o contexto de uma sociedade racista que historicamente vem rejeitando ou escondendo as práticas de origem africana e tudo que se relaciona à negritude, apesar das evidências desse pertencimento, ficando os termos negro e africano e todos os seus sinônimos e derivados palavras tabus que não podem ser nomeadas. Assim, devido ao preconceito escondem-se, por exemplo, as influências da umbanda na reza de algumas rezadeiras, evitando que se percebam os símbolos dessa religiosidade.

Devido ao teor místico nas benzeções, segredos, crenças nos maus espíritos e olho gordo (mau olhado), no uso de frutos da natureza e a concepção do próprio corpo como veículos espiritual, existem preconceitos por parte de muitas pessoas, uma vez que esses elementos relacionam-se ao fenômeno da magia, algo que para a cosmovisão africana não é mais do que a interação das energias positivas e negativas que nos atravessam, mas que para a concepção cristã conservadora tende a ser malquisto e até demonizado.

Sabemos que pela falta de identificadores das dimensões das africanidades na prática das rezadeiras, desqualifica a importância de seus saberes, inclusive no quilombo, dificultando a implementação das políticas curriculares inclusive das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola, que trata em um de seus objetivos:

VII - subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileira. (MEC, 2012. P. 5)

Nessa dissertação, conforme conceito da Pretagogia (Petit e Alves, 2015) chamamos de marcadores das africanidades esses identificadores que nos permitem reconhecer a influência africana na reza e em tantas outras manifestações da cultura brasileira. Os marcadores das africanidades pontuam a relação das rezadeiras com a cultura africana, como veremos melhor no capítulo dois. Sandra Petit e Kellynia Alves referem-se da seguinte forma aos marcadores:

(...) Pretagogia, promoveu várias experimentações que deram origem a novos conceitos, como é o caso dos Marcadores das Africanidades. Para compreender os marcadores das africanidades, faz-se necessário explicitar que eles referem-se àquilo que nos permite identificar uma conexão histórico-cultural com a África. São marcas daquilo que nos conecta, desde membros da nossa linhagem, práticas religiosas e espirituais, artísticas, de saúde, culinárias, arquiteturas, presentes no cotidiano de todos brasileiros e brasileiras. (PETIT & ALVES, 2015, P. 137)

Tudo isso explica por que exista uma lacuna enorme no que se refere à relação africana com o ofício das rezadeiras. Com intuito de diminuir tal lacuna, busca responder, no decorrer da dissertação, às seguintes indagações: **Quais os marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras? Como é possível trabalhar com os marcadores das africanidades no ofício da reza no âmbito de uma intervenção pedagógica? Como a Pretagogia podem contribuir para a apropriação desses marcadores?**

Para tanto, a dissertação foi montada com a seguinte estrutura:

Assim, a dissertação começa no primeiro capítulo com o que são os marcadores, seguido o meu memorial que conta minha trajetória relativas às das experiências de africanidades tanto familiar como acadêmica e profissional, onde apresento fazendo relação com minha prática, saberes e sentimentos, abordando lembranças e vivências de minha ancestralidade, desde Pacatuba-Ce, a terra da minha bisavó, até Caucaia onde atualmente,

moro e trabalho. Posteriormente, explicito marcadores das africanidades que dizem respeito ao ofício da reza, relacionando os autores pesquisados com as falas das rezadeiras entrevistadas. As oficinas pretagógicas realizadas com as rezadeiras e as pessoas da comunidade que, resultou na construção de produtos didáticos. Por fim, trago a conclusão apontando marcadores com os resultados das oficinas e apresentação da culminância das oficinas.

O município tem nove comunidades quilombolas. Desse modo, a afirmativa de ausências de negros/as fica logo desmentida. Começo essa dissertação apresentando minha linhagem a partir de minha bisavó e avó. Ou seja, na construção dessa história de vida da minha avó e principalmente da bisavó, desconstruo um fato revelando outro. A partir da constatação da lacuna de dados biográficos em relação ao ofício das rezadeiras, no que diz respeito às africanidades, parti em busca dos aspectos africanos na reza, a fim de explorar e apontar a prática das africanidades nesse ofício.

Para tanto, procurei familiares, parentes e amigos(as) conhecidos(as) da falecida Dona Otília, minha avó. Entretanto, a ausência de elementos dificultou a pesquisa, pois várias pessoas próximas encontravam-se doentes, muito idosos/as e com memória debilitada. Na minha família há dois tios com mal de Alzheimer, outras pessoas já haviam falecido.

Inicialmente, comecei as conversas com familiares e vizinhos/as, amigos/as, entrei em contato por meio da rede social “facebook”, com parentes que há tempos não via, e peguei contatos para realizar telefonemas e assim marcar entrevistas. No artigo “Mulheres Rezadeiras” (2015), de autoria própria, conto a trajetória de reza da minha família, trazendo seguinte relato:

Fui até a filha mais nova da Dona Otília, minha tia Antonieta, de 73 anos, residente no Conjunto Ceará. Escolhi um lugar bem significativo como campo para propiciar e relembrar o passado, a casa da minha avó, a mãe da tia Antonieta, onde Dona Otília criou seus filhos e alguns netos. O lugar favoreceu a investigação, as lembranças vieram como um caleidoscópio de imagens e falas. Lá ainda há o cheiro, os móveis antigos, a sala local de suas rezas e o quintal, recanto de suas plantas da reza. (SILVA, 2015, p. 2).

O principal dado encontrado durante a apuração empírica foi a negação das africanidades, devido aos séculos de preconceitos vivenciados pelo processo colonial massacrador. Comento esse fato no referido artigo:

Isso se deve à trajetória de negação da nossa história familiar à negritude e à nossa cultura afro-brasileira. Alguns exemplos dessas negações: o significado do altar com santos da umbanda, do quadro de Yemanjá, a dificuldade de falar da religiosidade afro na reza. Assim nas três entrevistas que fiz percebi momentos de inquietação, negação, mudança de humor, sentimentos enraizados por longa história de preconceito em nosso povo. (SILVA, 2015 p. 2).

Tia Antonieta, chamada por nós familiares por tia Êtinha, não aceitava a relação com as africanidades na reza de vovó Otilia, no entanto, no decorrer das entrevistas e dos diálogos, consegui que, aos pouco, minha tia mudasse um pouco seu posicionamento.

Desse modo, comecei a falar que a reza de rezadeira tem sentido afro em seus gestos e palavras, e para reforçar passei a chamá-la de **Afroreza** para que aos poucos a reza fosse vista na sua africanidade, reconhecendo-se os seus marcadores.

Tinha Êtinha na entrevista negava quando as perguntas eram dirigidas à religião de base africana, mas persistir em outras fontes empíricas, meu primo, depoimento de vizinha.

Tive dificuldades tendo em vista a carência documental e de memória, para construir dados de passagens de vida em virtude da distancia temporal entre 33 à 50 anos atrás (Avó e Bisavó).

Após entrevistar Tia Antonieta, foi a vez de fazer o mesmo trabalho com meu primo Diógenes que residiu desde que nasceu até seus 18 anos de idade com minha avó Otilia. Percebi dificuldades devido as lembranças escassas. Já com Diógenes foi diferente, ele afirmou a ligação com religiões de matriz africana, mas dizia que era orientado pela Valdilla que é de santo. A ligação do catolicismo da avó Otilia tinha relação com “catolicismo de preto”.¹

1.2 Memórias sobre a Rezadeira Otilia Alves Magalhães (*1903 +1982).

¹ Catolicismo de preto é a prática de fusões culturais em relação as religiões de base africana: umbanda e candomblé.

Figura 1- Foto da Serra de Munguba – 2015



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Minha bisavó, senhora Maria Alves Laranjeira da Costa, era chamada de ‘Maroca’, ao modo africano, Maria carinhosamente. Nascida na localidade de Munguba, no município Pacatuba, estado do Ceará, no século XIX, mãe de minha avó materna, dona Otília Alves Magalhães, ela nascida também, na mesma localidade.

Pelos relatos dado, Dona Maroca, minha bisavó, passou o aprendizado da reza para suas 5 filhas. Contudo, Otília foi a única que desenvolveu interesse e a praticou na comunidade em que morava, muito embora sua irmã Dona Carminha, rezava nos filhos e nos netos. Relatos dos familiares contam que Maroca ensinou as rezas por meio das palavras ditas, um marcador africano.

Otília aprendeu, como toda rezadeira, decorando os versos secretos. Tanto Maroca como Otília eram muito respeitadas pela comunidade, mantinham uma relação comunitária muito forte, outro marcador das africanidades.

Vicente da Costa Alves, meu bisavó, não admitia que suas filhas aprendessem a ler, elas viveram numa época patriarcal e machista. As filhas de Maroca aprenderam a ler contrariando a vontade do pai, aprenderam o essencial. Segundo minha tia Antonieta em depoimento, era para evitar que fizessem bilhetinhos para os namorados ou pretendentes,

naquela época os pais eram muito severos na criação principalmente das filhas. Assim, todas tiveram uma educação rígida, católico, bem característico daquela época. A escolaridade da minha avó Otília, era 2ª série primária incompleto.

Figura 2 - Casamento católico dos meus avós maternos: Gordulino e Otília, em 1929. Fonte:



Foto de Arquivo Pessoal. 2013

Otília era filha de Maria (grupo da Igreja católica). Em 1929, casou no religioso e no civil com o Sr. Gordulino Marcionílio Magalhães, meu avô. Segundo contam, o casal passou apenas 10 anos casado, até que minha avó, ainda muito jovem torna-se viúva aos 35 anos.

Otília viúva jovem não quis casar de novo, resolveu criar seus filhos e filhas sozinha e com a pensão de seu falecido marido. Otília resolveu dedicar-se ao ofício da reza por volta de seus 40 anos. Da união de Otília e Gordulino nasceram: 2 filhos homens: Francisco Iran (agrônomo) e José Valter (taxista) e 4 filhas: Maria Estela (bordadeira e pensionista), Maria de Lourdes (costureira e pensionista), minha mãe Maria Iolanda (prendas do lar) e Antonieta (prendas do lar).

A reza foi iniciada pela minha avó Otília, num momento em que passava por muitas dificuldades:

Otília aprendera o segredo da reza, mas o guardou por algum tempo, até que se sentisse preparada, conforme recomendação de sua mãe. Sofreu grandes perdas, como a morte de sua mãe, um grave acidente do seu marido, com um bonde que arrastou sua cabeça seis quarteirões, próximo à Av. Alagadiço, hoje Bezerra de Menezes. Ele sobreviveu por milagre, mas ficou com a cabeça perturbada, e assim

aos poucos foi perdendo tudo que ele tinha de posses, tendo que vender várias casas na Major Facundo em meados dos anos 40. Em poucos anos ele faleceu deixando Dona Otília viúva. Foi quando ela sentiu necessidade de iniciar a reza. Vivia desde muitos anos sentindo espíritos e isso a perturbava bastante. A reza era uma necessidade para acalmar esses espíritos já que ela não queria realizar o desenvolvimento da mediunidade no centro espírita nem na umbanda, por fidelidade à igreja católica. (SILVA, 2015, p. 3).

Segundo tia Antonieta, Otília morou em frente à Igreja São Gerardo, na Bezerra de Menezes na capital do Ceará, em seguida na Avenida 13 de maio, em Fortaleza. Um dado importante e que aponta relação com marcadores africanos é que ela morava em casas alugadas e por causa disso não quis manter relação de reza com a comunidade pelo fato de se tratar da fase passageira na comunidade, posicionamento africano. Segundo depoimento da tia Antonieta, minha avó dizia que ali: “Se tratava de casa alugada e não podia estabelecer relação com a comunidade e para reza, sendo assim ela não começou a reza, e só começou quando comprou sua casa própria”.

Quando minha avó mudou-se para residência própria, começou, de fato, a desenvolver o ofício da reza, pois tinha fincado moradia efetiva junto à comunidade. Esse fato atribui-se ao sentimento comunitário que é um marcador das africanidades. Minha avó morou na Rua Santa Fé (em Fortaleza, no Bairro Otávio Bonfim), residência própria, onde começou a reza. Em seguida a casa foi vendida pelo filho Valter para comprar seu táxi. Depois juntou dinheiro e a devolveu comprando outra casa na Rua Minervino Castro, no Parque Araxá, também em Fortaleza. Chegando ali, passou a estabelecer laços fraternos com a comunidade e a rezar lá e em bairros adjacentes.

Otília tinha 43 anos (1946) quando se iniciou no ofício da reza. Por ser uma rezadeira de sucesso na cura, era muito requisitada:

(...) inclusive dos médicos e outros membros das classes abastadas do bairro, ela passou a ser rapidamente conhecida na comunidade do Parque Araxá e adjacências, sendo carinhosamente apelidada de Madrinha Otília. Dona Lourdes, também moradora da rua, vizinha da família já há muitas décadas tinha toda sua família, parentes e amigos, que passaram por sua reza. Chegavam ao ponto de ir primeiro à rezadeira Otília e depois ao médico, pelo poder grande de cura da velhinha e fé. (SILVA, 2015 p. 5).

Na Rua Minervino de Castro, encontrei uma senhora que conheceu minha avó, era sua amiga, Dona França, falou:

Madrinha Otília uma pessoa meiga, amável e amiga que gostava de ser prestativa, que se preocupava com as pessoas e rezava em quem precisasse, sem fazer distinção. Seus filhos, netos e parentes todos passaram pelas suas mãos milagrosas. Assim, Madrinha Otília fazia a magia do bem com mãos e folhas e era vista como orientadora espiritual. (SILVA, 2015, p. 5).

Minha avó era muito bem quista, pelo bom coração e pela força de sua reza. Era uma senhora franzina, de voz calma e carinhosa, rosto meigo, angelical, de beleza delicada e profunda. Mulher boa, de grande espiritualidade, inteligência e sabedoria humana, pela bondade e pela dedicação em atender a quem buscava cura por meio da reza.

1.3 Lembranças e identificadores das Africanidades na minha relação com a reza

Na minha infância há lembranças da reza, de saberes e sentimentos que minha avó transmitiu. A avó Otília trouxe-me muitos aprendizados. Lembro que meu pai levava-me a casa dela todos os finais de semana. Na antiga casa tudo tinha significado e lá passou a ser meu palco de vivências e conhecimentos. Ainda hoje, a lembrança de minha avó povoa minha mente em quase tudo, desde o cheiro da horta, das ervas medicinais, o cantar do galo, o pé de goiaba, a cacimba, o pé de pinhão, a reza, até as premonições, as simpatias e crendices. Em meu artigo comento que:

o interessante era que quando nascia um irmão, era a minha avó que o banhava e fazia uns rituais como apertar o nariz do recém-nascido para ficar afilado, penso que era para evitar a herança afro do meu avô paterno, porquê alguns dos meus irmãos têm nariz chato”. (SILVA, 2013, p. 140).

Minha avó quando nasciam os netos, cuidava da filha ou nora e dos nenéns, uma maneira africana de comportar-se. Esse cuidado era ensinado, através de uma espécie de iniciação, que faz parte dos ensinamentos de parteira, talvez pela minha tataravó e bisavó que exerceram esse ofício. Esses cuidados da matriarca com sua descendência é muito comuns na cultura africana.

A avó Otília era muito religiosa (católica) e ao mesmo tempo muito supersticiosa, uma mistura de saberes católico e de base africana. Quando uma criança nascia, ela logo orientava a usar figa e se alguém elogiasse a criança tinha que repetir três vezes ‘Benza Deus’, usar fitilho vermelho no pulso do recém-nascido, andar com alho na bolsa, usar uma peça vermelha. São orientações de base africana que mostram espiritualidade, medo do quebranto, a energia do olhar do outro, que ela chamava de olho mal.

Lembro que, na minha infância, numa dessas tantas visitas que meu pai fazia à minha avó, poderia ser manhã ou tarde, a sala simples da casa, sempre estava cheia, com gente querendo reza. Vinha gente de longe, atrás de sua reza, em torno de umas dez por dia. Ela sempre atendia a tudo que pediam. Lembro-me, também, que às vezes ficava gente do lado de fora da casa.

A rezadeira Otília, para cumprir a tradição, passou o ofício para as duas filhas mais velhas: Maria de Lourdes e Maria Estela.

Figura 3 - Maria Lourdes e Maria Estela, irmãs da minha mãe e filhas da rezadeira Otília.
Foto de 1945.

Figura 3 - Maria Lourdes e Maria Estela, irmãs da minha
mãe e filhas da rezadeira Otília. Foto de 1945.



Fonte: Foto de Arquivo pessoal. 2013

Hoje as duas são falecidas. Maria Estela faleceu em 2013, quando eu tinha começado o mestrado. E em seguida, apenas alguns meses depois, Maria de Lourdes veio a falecer também. Infelizmente, não deu tempo de entrevistá-las.

A tia Maria Estela era solteira e não tinha filhos, também não quis passar a reza adiante, detestava quando alguém a procurava chamando-a de “velhinha da reza”. Assim, rezava só para as pessoas da família. A tia Maria de Lourdes, solteira, tampouco tinha filhos, era costureira e também não quis passar à frente seus conhecimentos acerca da reza. Assim, as duas filhas escolhidas por vó Otília para o ato da iniciação na reza, para transmitirem seu legado, não foram assíduas e não aprofundaram a prática, interrompendo o elo ancestral.

Na minha infância, lembro-me de um “pé de goiabeira” que subíamos para brincar. A avó Otília usava os “olhinhos” das folhas dessa goiabeira para fazer chá para curar diarreia das crianças, Sempre notei que minha avó tinha essa intimidade com os elementos da natureza, principalmente com essa árvore. Percepção não apenas pelo uso dessas folhas, mas pelo cultivo de outras plantas em seu quintal e jardim.

Quando Avó Otília rezava, as folhas do pinhão murchavam e ela suava. Quem sabe disso é meu primo Diógenes que morou com ela. Via como ela se sentia fraca quando a energia da pessoa não estava boa e passava para ela a negatividade. Então ela suava e se arrepiava toda. As vezes tinha que se fortalecer, parando a reza por um tempo para poder voltar de novo com a reza, ela dizia que a reza era magia do bem. Ela rezava todos os dias em duas sessões, com muito compromisso. (SILVA, p. 6, 2015).

Vó Otília fazia o descarrego no pé de goiabeira, descarregava as energias ruins, para libertar-se das transferências negativas. O pé chegava a ficar seco, “esquisito”. Minha avó não deixava que brincássemos lá, dizia que era por causa da cacimba, lembro-me que ela não queria ninguém por perto, no entanto, aquele era um lugar de nossas brincadeiras.

No quintal, também havia um cantinho onde se acendiam velas para os falecidos, depois se construiu um quarto porque ela dizia que em casa fazia mal, que agourava, e os espíritos dos falecidos poderiam aparecer dentro de casa se a reza fosse feita lá.

Eu percebia essa forte ligação sobrenatural que é atribuída às rezadeiras, pelo exemplo de minha avó, pelas histórias contadas na calçada, de meus bisavós e tios que apareciam a seus parentes, mas entendia a reza como sendo católica, apenas.

A minha avó tinha plantas no jardim e no quintal. Cultivava plantas para uso de cura e reza como malvarisco, capim santo, corama, comigo-ninguém-pode, arruda, cidreira, mastruz hortelã.²

O uso das folhas era habitual, na falta, ela arranjava uma solução. Certa vez na falta de folhas de pinhão roxo ela pediu que a vizinha Dona Lourdes que desse folhas de cidreira, pois não podia deixar uma criança doente sem a reza, mas não era bom, porque a força da reza, a magia do mal, é tirado com *pinhão roxo*³. (SILVA, p. 7, 2015).

² Plantas utilizadas no ofício da reza.

³ A casa-das-minas, no Maranhão utiliza a folha do pinhão roxo em banhos de descarrego e pelas rezadeiras em suas benzenduras.

Vó Otília cultivava essas plantas apenas para uso da família. Orientava as demais pessoas o modo usá-las. Na reza ela usava 3 (três) folhinhas de pinhão nas crianças. Em adultos ela usava as mãos, para espinhela caída utilizava uma palhinha de vassoura e a pessoa colocava as mãos na porteira da porta, então, ela ia levantando até a espinhela ficar no lugar, até a pessoa ficar boa. Rezava muito baixo. A filha caçula, Antonieta, que não tinha o segredo da reza, não sabia por que ela rezava muito baixo. Não sabia o que ela falava, era tudo baixinho, era o segredo da reza.

Próximo da casa de minha avó havia uma horta com cata-vento, detalhes que me trazem muitas recordações, tais como: o cheiro da horta, crianças brincando na rua. Hoje, no mesmo lugar há um grande colégio chamado Deoclécio Ferro.

1.4 Relação com os santos na família

Figura 4 - Santos da casa da Rezadeira Otília 1980 Figura 5 Santuário de Otília -1890



Fonte: Fotos de Arquivos Pessoal. 2013

Na casa da avó Otília havia um quadro de Yemanjá (veja acima) na cozinha, próximo ao seu santuário católico, além de santos cultuados na umbanda, São Cipriano, São Jorge Guerreiro, como Nego Gerson, Cosme e Damião, dentre outros que ela não lembra. Dona Antonieta, minha tia, conta que os santos são da minha prima Valdilla, adepta da umbanda. Tia Antonieta disse-me que quem trouxe esses elementos para a casa foi a neta Valdilla, que desde muito jovem iniciou-se na umbanda e morou cinco anos com Dona Otília, negou essa relação toda vez que indagada. Apesar da negação dessa religiosidade, houve interação com

rituais de umbanda, pois a avó Otília participou várias vezes com Vadilla e minhas tias de rituais de oferendas a Yemanjá na praia e no cemitério para rezar às almas benditas.

Também acontecia na minha casa preces à noite invocando santos que hoje entendo eram da umbanda. Lembro-me das simpatias, dos terços, das trezenas a Santo Antônio, da doença da tia Lourdes que teve que fazer tratamento, benzeções. Tiraram agulhas do corpo e como elas acreditavam em tudo isso. Havia invocação também para rezar às almas benditas à segundas-feiras, para Nossa Senhora do Desterro, para o anjo da guarda. Segundo Antonieta, segunda-feira é dia das almas benditas e não é bom sair de casa, só para trabalhar, estudar ou ir ao cemitério rezar.

Outro acontecimento da família relacionado à premonição foi a morte de um primo por acidente aos 18 anos, filho de um dos filhos de minha avó Otília. Nesse caso, os irmãos tiveram sonhos, ouviram barulhos no quarto e isso só parou de acontecer quando a família soube que a criança de uma menina que trabalhava na casa deles era neta do primo falecido. Para quem tem linhagem com rezadeiras às premonições são comuns. No meu caso, tive primeiro um sonho, em agosto de 1982, com minha avó Otília despedindo-se vestida de branco e acordei com meu tio Iran no portão avisando do falecimento da minha avó Otília.

Lembro-me da última vez que vi meu pai, era março de 2007, no Hospital Geral, cheguei à minha casa e vi uma coruja conhecida como “rasga mortalha” (rasgando), soltando sons peculiares de sua espécie. Pela manhã fui dar aula na Escola Francisca Alves do Amaral. Estava muito triste, com um sentimento que não sabia explicar, quando entrei na sala de aula, meu irmão ligou avisando do falecimento do meu pai.

Em 2012, foi a vez de minha mãe, aquele sentimento me acompanhava, sabia que era algo ruim. Minhas sobrinhas ligaram para mim e minha filha para nos encontrarmos e passear na casa de minha irmã Elane, mas no caminho um trágico acidente tirou a vida de minha mãe.

No mesmo ano, em dezembro, tive esses pressentimentos e fiz uma poesia para minha mãe, parecia que ela estava querendo comunicar-se comigo. Logo em seguida uma ligação de minha irmã avisou que meu irmão tinha sido morto a tiros, vítima da triste violência urbana.

Lembro-me que na minha casa, de infância, havia um quadro de São Jorge Guerreiro na sala, para nos proteger, e a noite meu pai sempre colocava um copo d'água⁴ perto da porta para livrar-nos do mal. No jardim tínhamos jarro de comigo-ninguém-pode⁵ e Espada de São Jorge⁶, plantas usadas na Umbanda por sua força energética.

Meu pai adorava pimenta malagueta, maxixe, quiabo, batata doce e jerimum, culinária africana sempre servida em nossa casa, indicada por ele e por minha mãe e tudo isso sem termos consciência da nossa negritude.

Minha avó parecia conviver bem com os símbolos da umbanda em sua casa. O neto Diógenes, meu primo, disse que a casa dava a impressão, em alguns momentos, de tratar-se de um terreiro.

Relembrando tudo isso, percebo, apenas hoje, que a relação com os santos da umbanda de certa maneira demonstrava a tolerância e convivência de Dona Otília com algumas simbologias umbandistas, que se refletiu também na filha Dona Iolanda, minha mãe.

Provavelmente, Otília tenha feito uso de simpatias, pois a filha dela, Maria Estela, repassava esse conhecimento à irmã mais nova, minha mãe, Dona Iolanda, embora isso seja negado pela filha caçula, Dona Antonieta, talvez por não fazer parte da doutrina católica.

A rezadeira Otília tinha o dom dos sonhos, da vidência e da premonição. Segundo relato de sua filha Antonieta

(...) ela nunca quis desenvolver essa forma de mediunidade por ser filha de Maria. Daí, evitava andar em centros espíritas, mas ao dormir muitas vezes ela recebia os espíritos. Também sentia as coisas antes de acontecer. Quando sentia pedia para os familiares não saírem, pois se saíssem sempre acontecia alguma coisa ruim. Às vezes sofria com isso. (SILVA, p. 8, 2015).

Minha tia Antonieta, filha caçula da Vó Otília, sabe algumas rezas por ter observado sua mãe. Ela disse-me que queria aprender, mas minha avó só ensinara às duas filhas mais velha.

⁴ Elemento da natureza, do reino mineral-água. Usado na umbanda e no candomblé para purificar o ambiente.

⁵ Elemento da natureza, do reino vegetal – comigo-ninguém-pode. Muito usado nas religiões de matriz africana como símbolo de proteção.

⁶ Elemento da natureza, do reino vegetal – Espada de São Jorge. Usado como símbolo de proteção na umbanda.

Segue uma das rezas, citada por tia Antonieta, a “*dos braços ou pernas desmentido*” que devia ser repetida três vezes:

Rezadeira: *O que eu cozo, carne trilhada*

A pessoa rezada respondia: *tudo isso eu cozo com os poderes de Deus e de São Frutuoso.*

O que eu cozo,

A pessoa rezada respondia:

Osso torto, nervo rendido, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de São Frutuoso.

Rezadeira: *O que eu cozo, carne trilhada*

A pessoa rezada respondia: *nervo rendido, carne trilhada, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de São Frutuoso.*⁷(Entrevista à tia Antonieta)

Segue tabela⁸ cura e reza que a rezadeira Otília fazia, segundo tia Antonieta:

Tabela 1 – Doenças, rezas, curas e marcador africano

Enfermidade	Reza/ procedimentos/ritual	Marcador africano
Espinhela caída	É a maneira popular de chamar a doenças que tem sintomas por forte dor na boca do estômago e nas costas, pernas e cansaço anormal, ao fazer esforço físico. Ela usava como medição uma palha de vassoura e depois botava a pessoa na porta, levando pela cintura até a pessoa ficar boa e rezava a mesma reza três vezes.	Oralidade; Segredo; Elemento da natureza.
Quebranto	Só rezava em crianças e com folhas de pinhão. Não usava arruda e rezava em silêncio. Guardava segredo.	Elemento da natureza: folhas Segredo.
Íngua	Ela mandava a pessoa tirar o chinelo e riscava com faca no pé da pessoa e rezava, no pé que ela tinha riscado, fazia um ponto riscado, formando uma cruz, uma estrela, a estrela de cinco pontas, denominada Salomão, chamada ‘estrela-	Oralidade; Segredo;

⁷ Santo Católico São Frutuoso.

⁸ Dados (quadro) do Anais: Artefatos da Cultura Negra: Ed. Afropensada: Repensar o Currículo e Construir Alternativas de Combate ao Racismo, no meu artigo: Mulheres Rezadeiras: Memória e Percepção de Elementos das Africanidades na Prática da Reza.

	de-Davi', que também é riscada na umbanda.	
Terçol	Reza secreta (reza em segredo), fazia esquentamento e rezava no local.	Segredo Oralidade.
Dor de dente	Usava o gesto das mãos na boca da pessoa próxima ao dente e perguntava o nome da pessoa e abria a reza com um pai nosso, oferecia ao anjo da guarda da pessoa. A reza dava-se em segredo.	Corporeidade; Segredo; Oralidade.
Cobreiro	Pegava uma caneta, ia medindo o local afetado até desaparecer em dias, Rezava 3 vezes de acordo com a vinda da pessoa, até ficar bom.	Corporeidade; Segredo; oralidade
Ventre virado/vento caído	Só usava o chá da Maria Aninha, um chá de folhas.	Oralidade; Segredo;
Olho malhado (olho mal)	Para espantar esse mal só usava folha de pinhão. Era reza de segredo. Ela perguntava o nome da pessoa e abria a reza, como em toda reza, com um pai nosso e oferecia ao anjo da guarda da pessoa, "Em diarreias de adultos e crianças também usava folhas de: Maria Aninha e era tiro e queda"	Segredo; Oralidade; Folhas.
Diarreia	reza secreta.	Segredo; Oralidade; Folhas.
Engasgamento	reza secreta	Segredo; Oralidade; Folhas.

Fonte: Entrevista da tia Maria Antonieta Magalhães Melo

Segundo tia Antonieta ‘Para criança e adultos também usava folhas de Maria Aninha e era tiro e queda para a cura. Também recomendava chá de folhas do olho da goiabeira para crianças maiores’.

1.5 Minha mãe, a senhora Maria Iolanda Magalhães da Silva (*1940 +2012)

Figura 6 – Eu e minha mãe (Maria Iolanda). 2012



Fonte: Foto do arquivo pessoal - 2012

Iolanda Magalhães, analfabeta, filha de Dona Otília, hoje falecida (28/07/2012), mãe, 6 filhos, 2 homens e 4 mulheres. Lembro-me que ao nascer meus irmãos e irmãs mais jovens meu pai chamava minha avó Otília para cuidar do resguardo de minha mãe. Costume de minha família, a mãe cuidar da filha quando esta torna-se mãe, além de orientar os cuidados, configurando uma espécie de ‘iniciação’. Trata-se de uma maneira africana de ser entre nós, as mais velhas cuidar das mais novas, pela sabedoria adquirida na senioridade.

A ligação da família com o sobrenatural, com sonhos, sentir energias negativas, arrepiar-se, ter pressentimentos, sentir presenças de espíritos, ter mediunidade, às vezes apavorava-me, pois são sentimentos que sempre nos acompanham, como no caso da minha irmã que:

Durante um período da infância, minha irmã teve problemas espirituais que ninguém sabia identificar. A conselho de amigos, meus pais a levaram para um terreiro de umbanda onde foi detectado que ela era médium de caboclo e foi pedido que ela se desenvolvesse. Isso foi mantido como segredo familiar. A relação com a umbanda no início foi boa, ela melhorou, mas depois aconteceram desavenças que terminaram reforçando o preconceito dos meus pais. (SILVA, 2013, p. 140).

A relação com a umbanda era mantida em segredo na família, nenhum filho saía com meus pais para o Centro de Umbanda. O objetivo das idas era a cura espiritual da minha irmã que foi detectada, pela minha avó e tias, a sua mediunidade.

Minha mãe não passou por aprendizado de iniciação à reza, a ela não foi dada a transmissão desses saberes. Contudo, depois que perdeu a mãe e tornou-se avó e começou a cultivar em seu jardim pés de pinhão roxo, cada vez que seus filhos e netos adoeciam ela rezava com rezas católicas ou com orações intuídas. Dona Iolanda dizia que sentia o dom e todos da família tinham fé, porque sua reza espontânea curava.

Hoje, com essa pesquisa sobre a reza das rezadeiras, noto que esses saberes são geralmente atribuídos a mulheres rezadeiras, na África são as curandeiras ou curandeiros⁹, uma marca africana. Nesse modo, a anciã adquire os saberes de seus ancestrais e por esse fato é também respeitada pela comunidade. Esse foi o caso da minha avó.

No período colonial eram taxados de mistificadores, bruxos, heréticos e o curandeirismo era proibido (e punido) por lei portuguesa. Após as Independências voltaram a exercer livremente seus saberes. Aqueles em que a população tem confiança e credibilidade, sempre foram (e são) muito considerados. Atualmente a medicina convencional já reconheceu o valor dos “doutores da selva”, pois quase 80% da população africana vive nas zonas rurais e depende muito desses curandeiros tradicionais. Além deles(as) existem os(as) “profetas da aldeia” que possuem conhecimentos mágicos e professam religião. (Entrevista, Casqueiro, p.1)

Hoje, sinto-me responsável pela divulgação desse ofício, não só porque essa prática em minha família morreu com elas, que não estão mais entre nós. Mas, em virtude da negação das africanidades, que noto no âmbito familiar e que reflete a visão preconceituosa que a sociedade brasileira ainda possui em relação às religiosidades de matriz africana.

⁹ As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam benzeduras. Dissertação (SANTOS P. 16, 2007)

Em tudo que narrei, neste trabalho, percebo, além do valor da senhoria, a relação da reza nos gestos e uso dos elementos da natureza (terra, ar, fogo, água, vegetais) uma prática de herança africana, que abordarei durante o texto dissertativo.

1.6 Minha história

Nasci no bairro histórico do Monte Castelo, um bairro de Fortaleza que guarda em seus casarões sua historiografia, momentos de ouro da sociedade fortalezense, quando criança ia para o centro da cidade a pé, tudo era mais fácil, próximo de casa. Minha mãe também era de Fortaleza, meu pai era natural de Quixadá, tinha uma história amarga por lá, era de família muito pobre e negra, foram expulsos de suas terras por grilheiros, uma história a pesquisar, ele chegou ainda jovem em Fortaleza, aos 14 anos.

Sou filha de afrodescendentes, mãe de Anna Raquel Magalhães Moreira, 22 anos de idade, menina de traços afro, que é mãe de João Miguel Magalhães Ponte, meu neto de 2 anos de idade, retrato da mãe dele e muito parecido com meu pai, pelos olhos azuis/esverdeados e cabelos crespos claros. Disseram-me que meu avô paterno, Sr. José Maria da Silva (falecido), era negro e que minha avó D. Maria José Gomes da Silva (falecida), que conheci ainda criança, ela era branca de olhos azuis e cabelos afro, resultando assim no meu saudoso pai Sr. Oscar Gomes da Silva, falecido em 30/03/2007. Ele tinha pele branca, olhos esverdeados e cabelos afros, num tom muito claro. Era um homem muito bonito, um retrato falado da mestiçagem de muitos brasileiros.

Contudo, meu pai sofreu muita discriminação pelos estereótipos de sua característica africana, relativos ao cabelo afro que possuía, chamavam-no de ‘cabra’, ‘sangue ruim’ e ‘cabelos de Bombril’ ‘pixaim outros cognomes preconceituosos. Sempre notei nele a vergonha pelo cabelo que possuía e isso foi criando nele uma vontade de esconder seus traços. Assim, lembro-me que quando criança ele comprava uma pasta azul para alisar os cabelos, isso era cotidiano, pois não suportava quando a raiz africana crescia. Eu sentia o sofrimento nele.

Homem trabalhador e honesto, nascido em Quixadá, não mantinha muitos contatos com seus parentes. Nunca entendi essa maneira de se distanciar da sua terra natal, desse

modo, não tenho muitas informações sobre minha ancestralidade paterna. Depois que ele faleceu, resolvi visitar Quixadá e pesquisar sobre minha origem.

Quase todos meus os irmãos e minhas irmãs possuem traços afros, mesmo com cabelos lisos, alguns fios grossos e ondulados, que no salão de beleza chamam de fios rebeldes (forma preconceituosa de falar). Outros têm cabelos crespos como uma irmã que tem os cabelos fielmente afros. Porém, todos têm a cor da pele muito branca, exceto eu e meu irmão mais velho que somos mais escuros de cor. Penso que com isso nós somos todos/as da raça negra, muito embora eles não pensem como eu.

Eu mesma só vim a considerar isso a partir do Curso de Especialização nos quilombos Minador e Bom Sucesso no município de Novo Oriente, quando passei a pensar, compreender diferente no que diz respeito à minha autoafirmação. Na minha família sempre houve uma rejeição à minha irmã mais caracterizada como negra, por conta dos cabelos afros, levando inclusive a um sentimento de competição entre mim e ela por eu ter os cabelos mais lisos, isso em casa com meu pai, que sempre brincava, dizendo que sou mais bonita que ela, por conta do cabelo. Posso dizer que esse comportamento preconceituoso teve um impacto negativo sobre nós durante nossa infância e adolescência, principalmente pela minha irmã que teve problemas de relacionamentos com as pessoas, chegando até em não querer mais estudar.

Com isso, quando fui realizar minhas graduações, no decorrer de minha vida, fiquei curiosa em buscar referências que me permitissem entender mais sobre essa origem afro. E todos meus estudos procurei aprender e conhecer quem somos e de onde viemos.

Cursei a graduação, em 1999, em Ciências da Religião no (ICRE-Instituto de Ciências Religiosas), hoje Faculdade Católica. Naquela época pensei em aprender algo sobre as religiões de matriz africana, mas no Seminário da Prainha essas não eram consideradas religiões e sim seitas, sendo que à época o referencial estudado era predominantemente católico. Depois, por necessidade, da minha lotação no Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, na qual lecionava o fundamental I, de acordo com exigência da LDB, cursei ao mesmo tempo o curso de Pedagogia na Universidade do Vale do Acaraú – UVA (2000) e Psicopedagogia na Universidade Federal do Ceará - UFC (2002), mas vi poucas referências à cultura afro-brasileira e geralmente, quando existiam, era de forma distorcida. Com o advento da Lei 10.639/03 cursei História na UVA (2006) para aprender um pouco mais sobre a

História da África como final de curso veio-me à luz de escrever minha monografia sobre a implementação da Lei 10.639/03, assim escrevi um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o título: O Ensino da História Afro-brasileira e Africana: Como Formação Humana Anti-Racial no ensino Fundamental e Médio.

Depois de um ano cursei uma pós-graduação (2009) por uma faculdade mineira, a Faculdade Noroeste de Minas (FINOM), em Ensino Religioso, quando ao término escrevi um artigo com o seguinte título: “Ensino Religioso e o Sincretismo: Refletindo as Tradições Religiosas Afro-brasileiras”. Também sou graduada em Letras/Português pela UFC (2007), busquei tal graduação para aprender sobre o tronco linguístico afrodescendente tão presente em nossa língua, mas são pouquíssimas as referências, de cinco estágios do curso, não há nenhum relativo à relação africana no português, sendo que só há uma disciplina optativa em relação às africanidades, a de literatura africana. No decorrer de minha história acadêmica e do magistério, sempre me aproximava de nossa origem mais forte: a africana. Percebendo a forte influência que tinha na minha família, nos meus alunos e no lugar onde vivo.

Também sou professora concursada da Prefeitura Municipal de Caucaia, estou no momento a disposição do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Caucaia–SINDSEP, onde ocupo a pasta de Secretaria de Comunicação e Cultura e hoje interina na pasta da Secretaria da Promoção da Igualdade Racial.

A Pretagogia foi a referência teórico-metodológica criada para o curso de Especialização em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes para Formação de Professores de Quilombo, este nome foi desenvolvida durante o curso pela Sandra Petit e Geranilde Costa e trabalhados com os alunos. Tal referência metodológica tratou-se de um verdadeiro laboratório para o aprendizado dos docentes e discentes e fez parte fundamental das minhas transformações interiores, fortalecendo-me como o referencial metodológico da minha própria pesquisa no mestrado e principalmente minha mudança interior, minha afirmação a ser negra.

Nascida das nossas experiências e intervenções em diversos grupos universitários e não universitários, a pret@gogia se revela potencializada de muitas mudanças: desde a descoberta de seu pertencimento étnico (as pessoas foram mudando de cor durante o curso, tornando-se pretas), até o reconhecimento de praticar o racismo na infância, passando por uma maior inter-ligação corpo e natureza, o estar no lugar Quilombola, o reconhecimento de pertencer a uma linhagem que leva até a África, o pertencer em

atos, tradições, atitudes e tecnologias a presença marcante das africanidades no seu cotidiano, o desvelar de uma História até então mal contada sobre a África, e a população negra, o desejo de interferir e transformar suas realidades dentro e fora da escola, a valorização da cosmovisão africana e a desmistificação e revisão de preconceitos arraigados a respeito das religiões de matriz africana. (SILVA & PETIT, 2011, P. 98)

Em 2013 gerei dois filhos na literatura, o primeiro foi um artigo para o livro **Africanidades Caucaenses** organizado por Sandra Haydée Petit e Geranilde Costa e Silva, momento em que a Pretagogia surgiu com as mães Sandra Petit e Geranilde Silva. E o segundo, um livro de poesias, com poesias em geral (coletânea) e afro.

PRETAGOGIA

As duas moças pensaram
 Sandra e Geranilde
 Com uma sociedade multicolor,
 Em que todos se respeitassem
 Onde só poderia existir amor
 Com utopias de liberdade
 A teoria se desenhou
 Pedagogia para pretos, índios e brancos
 A teoria em gestação apresentou
 Sandra pariu, assim originou
 Geranilde benzeu e batizou
Pretagogia, o nome ficou.

Com a morte de minha mãe comecei a pesquisar e escrever sobre rezadeiras, para resgatar essa história familiar, talvez esta fosse uma forma de estar próxima a minha avó e a minha mãe e, principalmente, começar a construir o projeto de mestrado intitulado ‘Dimensão Africana na Oralidade das Rezadeiras nos Quilombos das Serras do Juá e Porteirias: Rezas e Rimas Como Instrumento de Transposição Didática Literária’, no decorrer do tempo mudou para: **‘Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de (Caucaia/Ce): uma abordagem da Pretagógica’**.

Minha vontade na pesquisa, era de aprofundar a identificação dos marcadores das africanidades estudados na Pretagogia desde a especialização a partir de minha ancestralidade e em seguida no local onde trabalho e moro, onde há quilombos, para desconstruir essa ideia absurda e racista de que em Caucaia não há negros.

Desde as escritas inspiradas nas lembranças da minha vida, da minha ancestralidade, gerei, também em 2013, em março, o meu segundo filho da literatura, o livro intitulado: **Eu e a poesia: coletânea Poética**, pela Ed. Premium, com homenagens aos meus entes que desencarnaram, especialmente a minha mãe, além de muitas poesias afro tais como: Revolta da chibata; Poesia Ancestral; Africanidade; Identidade; Nega eu Sou e Canto Poético ao Baobá III, uma homenagem ao evento do Núcleo de Africanidades Cearense-NACE-FACED-UFC, grupo de estudo, sob a coordenação de minha orientadora Sandra Petit, que promove anualmente, o “Memórias do Baobá”, evento de âmbito nacional, na qual reúne professores(as), alunos(as), pesquisadores(as) e ativistas em geral, no passeio público, onde está localizada uma árvore de origem africana ‘Baobá’.

Durante o curso de mestrado em Educação, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), participei de muitos eventos nacionais e internacionais na área. Sob a orientação da professora Dra. Sandra Haydée Petit. Escrevi, durante dois anos, muitos artigos, uns sozinha e outros em coletivo, tais como:

- *Mulheres Rezadeiras:: Memória e Percepção de Elementos das Africanidades na Prática da Reza* que será publicado nos Anais do VI Artefatos da Cultura Negra, que aconteceu no início do mês de setembro de 2015, apenas de minha autoria;
- *A Poética Literária das Rezadeiras: Aspectos das Africanidades nos Versos das Rezas* que foi publicado nos Anais do VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores (as) Negros(as) – ações Afirmativas: Cidadania e relações Étnico-Raciais – COPENE em 2014, de minha autoria;
- *Oralidade e Filosofia Tradicional africana: Conceitos de Hampaté Bâ e Influências nas africanidades Brasileiras*, artigo que compõe o livro sob organização do professor da programa de Educação da UFC, Dr. Gerardo Vasconcelos sob título: *Filosofia, Cultura e Educação* da Ed. UFC, em 2014, o artigo tem minha autoria, Cláudia Oliveira da Silva e Rafael Ferreira da Silva.
- Ainda tem o Artigo: ‘*Eu te Benzo, Eu te Curo...*’ *A Rezadeira e a Educação Quilombola: Mandalas dos objetos Geradores na Serra do Juá* que compõe o livro organizado por Shara Jane, Sandra Petit, Iraci dos Santos e Jacques Gauthier, intitulado: *Tudo que Não Inventamos é Falso*, esse artigo foi resultado de uma oficina da sociopoética na Serra do Juá em Caucaia, tem minha autoria, Cláudia Oliveira da Silva e Maria Kellynia Farias Alves e Sandra Haydée Petit.

Ainda participo assiduamente da agenda do grupo de estudo voltado a essa área o NACE¹⁰. Com isso o interesse pela causa africana foi tornando-me uma militante em defesa de nossas pertencas culturais e étnicas. Hoje, com o aprendizado que tive no NACE, através do curso de Especialização em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes para Formação de Professores de Quilombos, meu interior foi transformando-se. O curso serviu-me como uma porteira para afirmação da afrodescendencia e da negritude no meu sangue, na minha alma e em tudo que faço e sou.

Nessa caminhada, recebi convites valorosos e hoje sou uma das fundadoras da primeira Academia Afrocearense de Letras do Brasil, a AAFROCEL, fundada pelo guineense africano Manuel Casqueiro, herói da libertação de países africanos. Minha cadeira é a 4 e sou patrona, por ser fundadora. Na academia pretendo compartilhar essa pesquisa e a Pretagogia com todos e todas. Também ocupo a cadeira 40 da Academia de Letras Juvenal Galeno. Meu patrono é Capistrano de Abreu, historiador cearense que escreveu sobre a etnografia¹¹, também lá será lugar de fortalecer a literatura afrodescendente. As reuniões acontecem na casa Juvenal Galeno, natural de Pacatuba, conterrâneo de meus: bisavô, bisavó e avó e avô maternos e defensor da abolição do escravismo, participou do movimento abolicionista e da Padaria espiritual.

¹⁰ NACE- Núcleo das Africanidades Cearenses.

¹¹ **Etnografia** é o estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos etc., como também das manifestações materiais de suas atividades. É a ciência das etnias. Do grego *ethos* (cultura) + *grafe* (escrita). (Fonte: Wikipédia)

AFRICANIDADES

Eliene Magalhães

Aprendi com a pesquisa, nos quilombo de Caucaia

E na universidade.

Ao perceber minhas origens ancestrais.

Origens revistas nos marcadores das africanidades.

Inspiradas em vidas de familiares.

Através das aulas de Sandra Petit

Pude refletir a história familiar

Pude sentir em minha família

Fatos e fotos de histórias em vidas

Lembranças e detalhes as vezes tão perdidas

Outras vezes presentes e reconhecidas.

Palavras ditas e reveladas na reza e gestos.

Hoje afirmo quem sou, não sou parda, branca nem morena

Sou negra, sou afrodescendente.

Tenho minha história dos antepassados

Minha História tem África.

2 MARCADORES DAS AFRICANIDADES NA REZA

No presente capítulo apresento os ‘marcadores das africanidades’ estudados nessa pesquisa e que direcionaram as oficinas da intervenção Pretagógica. O capítulo contém os seguintes subtemas: O que é a Pretagogia e sua relação com os marcadores; marcadores das africanidades: O que são e contexto do surgimento desse conceito operacional; Ancestralidade/linhagem; Iniciação/senhoridade; Palavra- corpo e Segredo; Relação com a natureza; Espiritualidade/magia e Relação comunitária. Em seguida dialogo com autores estudados, cruzando trechos das entrevistas realizadas com as falas das rezadeiras entrevistadas.

2.1 O que é a Pretagogia e sua relação com os marcadores

A Pretagogia é um novo referencial teórico-metodológico para a formação em africanidades tanto de professoras e professores, como de alunas/alunos. É uma pedagogia de pretos, índios e brancos na construção de uma educação sem racismo e preconceito em cumprimento com a lei 10.639/, nas escolas e fora delas. Assim ela surgiu:

A Pretagogia surge da experiência que eu e Geranilde Costa e Silva¹² na coordenação do I Curso de Especialização em História e Cultura africana e Afrodescendente para Formação de Professores de Quilombo que aconteceu entre 2010 e 2011. (PETIT, 2015, P. 144)

A Pretagogia surge num quilombo como referencial-teórico-metodológico e tendo o corpo como marco produtor de conhecimento, ela necessita da teorização que parte desde o corpo advindo de memórias e, embora ressalte a singularidade esse referencial necessita do coletivo para a construção do conhecimento.

(...) a Pretagogia sugere e exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar, não somente numa linhagem biológica que envolve a imensa maioria das famílias brasileiras, componentes próximos ou distantes afrodescendentes, mas, sobretudo, marcadores culturais africanos e afrodiaspóricos, esses últimos coletivos e absolutamente inegáveis. E, para expressar isso, temos o conceito de Pertencimento, no caso aqui afro, que engloba tanto as dimensões de

¹² Geranilde Costa e Silva, professora da UNILAB, autora da tese de doutorado intitulada “Pretagogia: Construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as”, Fortaleza, FACED-UFC:2013.

parentesco como a ancestralidade propriamente cultural e sua autoafirmação. (PETIT, 2015, P. 153)

Esta oficina faz relação dos saberes do ofício das senhoras da reza através do referencial metodológico da **'Pretagogia'** e para isso usei como metodologia dos artefatos geradores com os marcadores africanos, pois:

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana. (Petit, 2015, p.120)

A **Pretagogia** é o novo conceito dessa pedagogia. Para aplica-la é necessário entender a presença dos marcadores das africanidades nas nossas vidas/culturas.

2.2 Marcadores das africanidades: o que são e contexto do surgimento desse conceito operacional

A Professora Dr^a Sandra Petit criou o conceito de marcadores das africanidades a partir das experiências que teve durante a realização do Curso de Especialização para Formação de Professores de Quilombo em Novo Oriente entre 2010 e 2011. Naquele tempo ela era Coordenadora Geral e Geranilde Costa e Silva a Coordenadora Pedagógica. Juntas elas viram a necessidade de pedir um memorial da relação dos cursistas com sua negritude. Isso aconteceu no módulo que a Professora Sandra Petit ministrou sobre metodologias afrodescendentes de ensino e pesquisa.

A ideia é que eles descobrissem o ser negro/negra neles, levantado os saberes construídos a respeito da negritude desde o nascimento até a atualidade. Desconstruir o tabu em torno do termo negro parecia muito importante, pois muitos não sabiam falar sobre essa relação, existia um medo de se ver, e também de tocar na família, linhagem, etc. Petit pediu que cada um apontasse sete saberes relativos à negritude adquiridos a cada sete anos de vida.

Os marcadores das africanidades da rezadeira no quilombo poderão, futuramente, ser trabalhados juntando escola e comunidade, compartilhando e fortalecendo a identidade

quilombola com os ensinamentos da medicina tradicional e outros saberes de base africana, no caso da minha temática.

A partir desse levantamento cada um deveria escrever um memorial, uma narrativa sobre os fatos ocorridos em torno desses saberes. O motivo do sete é que é um número que traz transformação.

Todos nós tivemos muita dificuldade em levantar esses saberes, eu mesma apresentei um ‘currículo vitae’ das minhas atividades profissionais e qualificações de estudo do que as memórias sobre o assunto.

Assim como muitos, não consegui levantar os saberes ou fugia do tema. Dessa forma, sempre ficava adiada a entrega do memorial. As semanas se passavam e o memorial não era entregue e quando era feito, fugia muito da temática. Poucos conseguiam falar dos saberes ligados à negritude na sua história, sobretudo na história familiar, que para muitos é perpassada de preconceitos. Foi quando a Professora sugeriu que além de levantar os saberes e escrever o memorial, devêssemos realizar uma *Árvore* com os saberes levantados. Essa *Árvore dos Afrossaberes* motivava mais porque todos queriam realizar uma árvore bonita com bastante saberes.

Alguns memoriais eram entregues e retomados várias vezes. As Professoras liam mas pediam para completar, melhorar. Finalmente houve um dia em que foi feita a exposição de todas as árvores. Ao final conseguimos entregar os memoriais, até porque as Professoras exigiram que fizessem parte obrigatória da monografia. Esse exercício foi importante para que descobríssemos as marcas das africanidades em nós.

Depois disso a Professora Sandra continuou trabalhando com essa técnica nas aulas das universidades e em atividades de extensão e um dia ela precisou adaptar a atividade para uma oficina no IV Memórias de Baobá, que é um curso de formação sobre a cosmovisão africana que o NACE promove. Nessa ocasião, ela pensou que seria bom facilitar esse levantamento dos saberes apresentando algumas categorias para os participantes. Foi quando reuniu em 30 categorias as temáticas possíveis a serem trabalhadas na oficina, e assim distribuiu as temáticas entre os subgrupos da oficina.

Com as 30 temáticas, as pessoas conseguiram produzir as árvores mais rápidas e superar melhor o ‘bloqueio’ que a maioria sentia. A Professora Sandra Petit passou a chamar de marcadores das Africanidades, essas categorias ou temáticas. Ao decorrer de minha pesquisa fui descobrindo outros marcadores relativos à reza.

Diz Alves (2015), que utilizou esses marcadores no estudo dela com alunos do Projovem e universitários, sobre a forma de movimentar as memórias das africanidades adormecidas:

Os marcadores das africanidades se revelam como formas de autoreconhecimento da ancestralidade, por isso a autora traz sua relação com esse tema. Os marcadores podem ser aqueles anteriormente apresentados, podendo ser ampliados ou resumidos. Mas relacionam-se profundamente com as histórias e memórias dos sujeitos e de seus antepassados. Cada um deles desperta um aspecto, um sentido ou sentimento relativo ao nosso pertencimento étnico e as influências da Mãe África no cotidiano, na nossa cultura. (ALVES, 2015, p. 111).

Os marcadores surgiram então como conceitos para direcionar as intervenções pretagógicas, uma vez que o método onde se inseria essa técnica ganhou o nome de Pretagogia, batizado pela professora Geranilde Costa e Silva durante o referido Curso de Especialização, sendo que ela e a Professora Rebeca Alcântara e Silva Meijer foram as duas primeiras orientandas da Professora Sandra Petit a defenderem trabalhos que têm esse referencial como base, ambos foram doutoramentos, respectivamente em 2013 e 2012.

Dessa forma, as africanidades estão representadas por diversos elementos que nos conectam com a mãe África mesmo na diáspora. Esses marcadores se referem às práticas culturais em geral, incluindo festividades de todo o tipo, artefatos, marcas de territórios investidos por negros/as (quilombos, terreiros, locais de festa etc), histórias compartilhadas tanto de resistência (todo tipo de lutas históricas e de comportamentos que exibimos) como de subalternidade forçada, fenômenos que atingem os africanos e os afrodiaspóricos como as práticas de desvalorização motivadas pela recente história (racismo, discriminação, preconceito). (PETIT & ALVES, 2015, P. 138)

Para reforçar esses argumentos sobre os marcadores Petit e Alves (2015) confirmam que a Pretagogia incentiva dessa forma as pessoas a falarem de si, da ‘porteira de dentro’, ou seja de dentro para fora, A Pretagogia para apontar os marcadores, fez essa experiência experimental no quilombo:

Com base nessa discussão, iniciamos uma conceituação do que chamamos *marcadores das africanidades*. Estamos propondo visitar territórios negros a partir de nossas histórias e memórias, voltando-nos para o conjunto que constrói nossas

trajetórias no mundo. Sabemos que existem elos entre a pequena história particular, familiar e a Grande História. São movimentos do mundo conectados à dança, aos tambores, mitos e valores comunitários afroadipóricos que dão origem ao pertencimento afro. Pertencer, fazer parte, sentir-se parte das culturas de matriz africana, de sua memória e história, é ainda uma conquista para muitos de nós. (PETIT, 2015, 135)

Através da nova metodologia é usada a árvores dos afrossaberes, que é o mapa da linhagem ancestral familiar, como elemento de estudo/pesquisa e resgate da história pessoal de cada um.

A árvore dos afrossaberes e a narrativa literária foram aos poucos permitindo extrair os Marcadores das Africanidades, algo que muito facilitou a compreensão de professoras e de professores em formação, desejos de implementar a lei 10.639/03, com novas ferramentas metodológicas, como vemos abaixo. (PETIT, 2015, 135)

Assim no percurso desse trabalho eu também encontrei a negação dessa relação com a negritude e as africanidades. Por isso nessa caminhada procurei reforçar essa relação chamando a reza da rezadeiras de Afroreza pelas marcas africanas que percebia nas práticas delas nos quilombos da pesquisa.

Com esses princípios, a Pretagogia é mola desencadeadora tanto de nosso pertencimento como do surgimento de novos conceitos.

Guiada por esses princípios, a Pretagogia promoveu várias experimentações que deram origem a novos conceitos, como é o caso dos Marcadores das Africanidades. Faz-se necessário explicitar que eles referem-se àquilo que nos permite uma conexão histórico-cultural com a África. São marcas daquilo que nos conecta, desde membros de nossa linhagem, práticas religiosas e espirituais, artísticas, de saúde, culinárias, arquiteturas, presentes no cotidiano de todos os brasileiros e brasileiras. (PETIT, 2015, P. 137)

Portanto, a Pretagogia é a pedagogia para todos e todas na busca de uma educação brasileira sem preconceitos e racismo.

Petit levantou os seguintes marcadores das africanidades:

Tabela 02 – Marcadores das africanidades

1- História do meu nome	16 –Danças afro
2 –Histórias da minha linhagem	17 – Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo)-práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos

3 –Mitos/lendas/o ato de contar	18 -Representações da África/relações com a África
4 -Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade	19 –Negritude – Força e Resistência
5 –Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida	20 –Artesanatos
6 -Pessoas Referência da minha família e Pessoas Referência da minha comunidade	21 –Tecnologias
7 -Pessoas Referência do mundo	22 -Valores de família
8 – Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23 -Racismos (perpetrados e sofridos)
9 -Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra)	24 -Formas de conviver/laços de solidariedade
10- Escrituras Negras	25 -Relação com a natureza
11 –Curas/Práticas de saúde	26 -Religiosidades Pretas
12-Cheiros da minha infância	27 -Relação com as mais velhas e os mais velhos
13-Festas da minha infância e festas de hoje	28 -Vocabulário/formas de falar
14 –Lugares míticos e territórios afromarcados	29 -Relação com o chão
15 –Músicas/cantos/toques/Ritmos/estilos	30 –Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros)

Fonte: - Marcadores das Africanidades – Livro do Memórias de Baobá- Veja no rodapé¹³

Ao longo da pesquisa pude identificar alguns itens que poderão surgir futuramente como marcadores das rezadeiras pelas características, que poderão no futuro ser aprofundadas, em artigos ou posteriormente no doutorado, mas que contemplam ou se inserem no geral nos marcadores de Petit e Alves. São eles:

1. Senhoridade
2. Afroreza
3. Vidência
4. Segredo
5. Santos da umbanda
6. Uso da medicina natural com elementos da natureza
7. Benzeduras
8. Serenidade
9. Sinceridade
10. Honradez
11. Bondade
12. Acolhida
13. Matriarcalidade
14. Espiritualidade
15. Ancestralidade
16. Sentido comunitário e irmandade (Ubuntu)
17. Cuidado

Inspirada nessa relação e depois de ter analisado os conteúdos das entrevistas, resolvi trabalhar principalmente com seis conjuntos de marcadores. Alguns são iguais aos da relação

¹³ Marcadores da Africanidades. Fonte: Livro; Memórias de Baobá, artigo: Pretagogia, Pertencimento Afro e os Marcadores das Africanidades: conexões Entre Corpos e Árvores Afroancestrais, de Petit e Alves, 2015. P. 139.

de Petit, outros são subtemas daqueles, só que reunidos de modo diferente como:
 1.Ancestralidade/linhagem; 2.Iniciação/Senhoridade; 3.Palavra/Corpo e Segredo;
 4.Elementos da Natureza; 5.Espiritualidade/Magia e 6.Rezadeira e Comunidade.

2.3. Ancestralidade/linhagem

Minha linhagem

Minha linhagem deixou
 Desenhada e esculpida
 Nas mãos calejadas que rezam
 Delicadas mãos doces ancestrais
 Que não negaram a tarefa cumprida
 De iniciada ao iniciar
 A memorização na reza
 Do ofício aprendido
 Das benzeduras e banhos
 Nas rezas de preces africanas
 Sou eu rezando de forma perdida
 A reza que não aprendi.
 Na pesquisa valorizo as rezadeiras
 Para resolver a lacuna
 Da ausência na prática escrita
 Da relação com a África e a reza
 Para que não se perca jamais
 Que a tradição não se acabe
 Em nome de nossas ancestrais
 Que a Pretagogia bendiga
 A perpetuação das rezadeiras na educação
 Que um dia nossos alunos aprendam
 Que as rezadeiras são tradições
 Tradições da África vividas
 Nos gestos dessas senhoras irmãs
 Que a mama África está revelada

Na ancestralidade dessas linhagens e clãs.

A ancestralidade definida através da linhagem nos remete à importância dos laços de continuidade de determinadas práticas sagradas e ritualísticas passadas entre membros do mesmo tronco familiar, como transmissão de geração em geração. Afirma Petit (2015) a importância do nome como elemento identificador de pertencimento a um tronco de praticantes de determinada arte/ciência ritualística, como no caso dos *griots*:

Na tradição oral africana o nome que evoca a linhagem tem grande importância, assim como toda a memorização da genealogia, geralmente trazida pelos *griots*, que viajam de região em região, aprendendo e transmitindo as memórias comunitárias e dos grandes clãs e famílias, reforçando o sentimento de identidade e de pertencimento. (PETIT, 2015, p.114).

Noto isso nos depoimentos das rezadeiras quando contam como o ofício de rezadeira é herdado nessa relação de linhagem:

Aí ela começou a rezar acho que muito nova. A mãe dela rezava e... era a avó, e era a mãe dela, e aí sogro dela... tudinho rezava, a sogra, tudo rezava, aí é família né!? tradição de família. Ela também era parteira. Pegava muita criança também. Aí a mãe dela também era parteira, já vem da mãe dela. A mãe dela ensinou. (entrevista à rezadeira Dona Dalva, Serra do Juá)

As tradições orais africanas dão primordial importância à linhagem e nela revigoram o sentido da vida, os mortos mantêm um elo de continuidade conosco mediante a manutenção de seus saberes. (Bâ, 1982, p;190) “Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento”.

A reza das senhoras quilombolas entrevistadas faz parte da categoria de ofícios tradicionais herdados por linhagem. Hampâté Bâ lembra o quanto os ofícios tradicionais possuem um caráter sagrado: “Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um caráter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo” (Bâ, 1982, p. 196). Assim comprova-se esse marcador na prática das senhoras rezadeiras quilombolas.

2.4 Iniciação/senhoridade

Senhora

Dona de seus segredos
 Eis a doce senhora a rezar
 Cura com as mãos os males
 Tira com reza o quebranto a orar
 Inicia sua linhagem com devoção a encaminhar
 Zela pera a tradição não acabar.

As rezadeiras mantêm uma relação de tradição oral tal qual na África, no que diz respeito aos princípios de senhoridade e iniciação. Geralmente essas senhoras são pessoas idosas, com pouca escolaridade, mas que possuem intimidade com a palavra e têm larga vivência, algo bastante valorizado na cosmovisão africana, como ressalta Hampaté Bâ, ao comparar com a educação ocidental:

“Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é *vivido*, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser”.
 (BÂ 1982, p.199)

Na família o mais velho repassa seus ensinamentos para o mais novo, assim a rezadeira ensina à filha que e vivencia na prática, o repasse de sua ancestralidade. Na África tradicional, os mais velhos são os doutores dos saberes e conhecimentos. São eles os detentores desses saberes e como mestres são respeitados, levam consigo a identidade africana e são os idosos também considerados sábios por serem repassadores dos saberes e construir assim uma identidade em sua linhagem.

O aprendizado vem da experimentação, como ocorre com a reza, o repasse para o mais jovem da linhagem e isso aconteceu através das entrevistas. Eu levei o conhecimento com a experiência das leituras e seus teóricas, mas nada foi tão cheio de aprofundamento como estar com as senhoras da reza, aprendendo e entendendo suas práticas e a relação através dos marcadores com a África. “Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se escrevia em nossa memória como cera virgem” (Hampaté Bâ, 1982)

Para A Filosofia africana, o aprendizado se dar pela experiência, escrevi sobre essa experiência com Claudia Oliveira e Rafael Ferreira, no livro organizado pelo professor

Gerardo Vasconcelos e duas alunas dele (Bruna e Cristiane) , oriundo de uma disciplina de filosofia no mestrado, momento em que houve abertura de falarmos de Filosofia africana no livro ‘Filosofia, Cultura e Educação.

Além dos conhecimentos realizados mediante escolas e ritos de iniciação, a educação tradicional acontece no íntimo de cada família. O pai, a mãe e as pessoas mais idosas da casa são Os mestres/as, educadores/as que formam a primeira célula. Eles repassam os primeiros ensinamentos através de experiências de histórias, fábulas, lendas, jogos, provérbios e outros, porque acredita que esses ensinamentos ficam gravados nas mentes e que se aprende com mais força as lições repassadas. (SILVA,SILVA E SILVA, 2014, P. 35)

Essa tradição de repasse mostra a relação com a ancestralidade africana. O elo entre o presente, passado e futuro, ascendência e descendência, há uma circularidade nos repasses. Na África a sabedoria dos ancestrais é considerada a mais rica biblioteca. É na cultura africana que encontramos o respeito aos mais velhos e aos mortos por representarem a tradição através do conhecimento que carregam ao longo da vida, representando a ancestralidade.

Na África, os anciões têm o seu valor. Eles representam uma biblioteca viva porque são detentores de saberes, e nessa fase da vida se tornam multiplicadores de tudo que observaram e aprenderam. Bâ comenta: ‘[...] ancião, no sentido africano da palavra, isto é, aquele que sabe [...] poderia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. [...] uma espécie de ciência da vida (BÂ, 1982, p,190).

As rezadeiras mais velhas tendem a serem mais respeitadas pela experiência e sabedorias adquiridas, como na África tradicional: “(...) Ao contrário do nosso país, onde há certa obsessão pela juventude, na África Ocidental as pessoas disputam para ver quem é o mais velho” (BERNAT, 2013, pág. 32).

Assim, o mestre ou a mestra é quem inicia e cria as condições para esse aprendizado, em que a palavra e os gestos materializam um patrimônio de saberes e gestualidades, algo que não têm um ensino sistemático mas que é feito de observação, da mesma forma como a rezadeiras aprendem, pois não há livro e sim transmissão de uma força, como ressalta Rosa:

A cultura negra é uma cultura de iniciação e o saber iniciático, ao transmitir-se pelos mais velhos, difere da abstração de um conceito porque é plenamente uma força viva, associada ao Muntu, ao axé, ao patrimônio comunitário. O conhecimento afetivo, pois, depende da absorção de Axé. O mestre não ensina, ele inicia, cria condições para aprendizagem que inclui o indeterminado, apresenta repertórios gestuais e materiais às vezes até mesmo limitados, mas que se formam em combinações absolutamente abertas, infinitas variáveis. (ROSA, 2013, p. 65).

Outro dado importante no repasse pela iniciação, é que no caso da reza é mais comum serem as mulheres as detentoras dessa prática, lembrando a importância da figura da mulher na África, representada pelas candances que orientavam seus filhos faraós nas dinastias negras originadas pelo reino da Núbia. Hoje apesar do patriarcalismo, essa tendência se mantém na predominância das mulheres na Afroreza:

As histórias de vida das mulheres benzedoras indicam a formulação de um discurso de identidade das mulheres e a demarcação de um espaço de poder feminino a despeito dos valores patriarcais que ainda atravessam a sociedade brasileira. (SANTOS, 2004, p. 131).

As rezas, são chamadas *dos antigos*, palavras transmitidas pela ancestralidade no dia e hora certo, quando as mais velhas sentem que a mais nova pode se apropriar ou a própria iniciante percebe que já desenvolveu o dom com alguma segurança:

Eu comecei .a pessoa tem que esperar o dia certo...um sobrinho meu, estava com o pé machucado e me pediu, aí rezei, depois ele disse que o pé desinchou e eu fiquei tão alegre, pedi então pra ele vir. Assim comecei, Deus me ensinou. (Rezadeira Tereza, 70 anos, Porteiras, 2015).

E a iniciação depende não somente de observação e memorização, mas também da capacidade de ler fenômenos sobrenaturais ou captar energias intuitivas ou de sonho:

O poder de curar procede da fonte divina e chega ao iniciado por meio dos entes exemplares, em condições especiais como, por exemplo, através dos sonhos ou das visões. A esse processo denominamos iniciação por revelação. (Santos, p.116, 2004).

2.5 Palavra-Corpo e Segredo

Para a cosmovisão africana, o verbo é apenas uma das faculdades criadoras. Segundo Bâ, que remete ao mito malinense bambara, segundo o qual Maa, o ser humano, recebeu de *Maa Ngala*, o Deus Supremo, as faculdades necessárias à vida e ao conhecimento, mas somente a partir da vibração divina é que essas dimensões silenciosas foram vividas, exigindo

para isso o movimento, ou seja, a participação do corpo, envolvendo pensamento, som e fala, entoadas de forma rítmica para produzir encantamento:

Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha coloca-las em movimento, vivificadas pela palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento, numa segunda, som e numa terceira, fala. A fala é portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças (Bâ, 1982, p.185).

Vemos que essa palavra não é apenas verbo, pois precisa da gestualidade do corpo para acontecer, e é essa conjunção que reforça sua dimensão mágica: “A benzeção - além de ser a oração do outro - é o rito mágico e eficaz, comprovadamente curador.” (GOMES e PEREIRA, 2004: p.26).

A dimensão do corpo na reza se torna fundamental, pois além de receber o corpo do paciente que vem obter a cura, a rezadeira adoece ou enfraquece com as energias que emana, sendo necessário o descarrego, aspecto notavelmente de religião de matriz africana, Umbanda. O corpo também é território, passagem e hospedagem para o repasse e a cura.

Me sinto bem, mas tem gente com coisa ruim, vem rezar, mas não pego nada não, meu corpo é fechado. Um dia desses, quando dei fé, um homi com coisa ruim me veio pedi uma caridade. Disse que tava com espirito ruim e eu disse: ‘Vixe’, mas rezei, porque sabia que não ia pegar, peguei duas foinha de carrapateira e rezei nele aqui no meu terreiro, e ele ficou bom. (Rezadeira, Dona Tereza, Porteiros)

Segundo Santos, a reza lida com três categorias de males que nem sempre são de caráter orgânico:

As benzenções são respostas a problemas e ansiedades concretas, pessoais, familiares ou de terceiros. Problemas que se situam em três níveis: 1) num que exprime a relação das pessoas com o seu próprio organismo (a maior parte das doenças); 2) num que exprime a relação das pessoas entre si mesmas (conflitos profissionais, afetivos, conjugais); 3) num que exprime a relação das pessoas com os deuses (os casos de demanda, loucura) (SANTOS; 2007: p. 105).

É interessante perceber que o conceito de saúde/doença aqui é amplo, pois os aspectos orgânicos, psíquicos, sociais profissionais, amorosos, são todos diagnosticados e tratados pela cura da reza e seus elementos, o que vemos como algo bem característico das africanidades. Hampâté Bâ nos mostra que a tradição oral confere maior valor a quem detém um

conhecimento mais amplo e integrado: “A tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista” (1982, p. 191).

Para Bâ a tendência generalizadora da tradição oral africana faz com que se reúnam num mesmo ofício, elementos esotéricos e exotéricos, materiais e espirituais (Bâ, 1982, p.195). Não há separação real entre o corpo físico e o corpo espiritual: “Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico¹⁴ para o exotérico¹⁵, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens (Bâ, 1982: p.185)”.

Assim há uma relação estreita entre Palavra e Corpo para o acontecimento da cura:

A benção é uma fala ao inconsciente coletivo, de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Durante o período de permanência da desarmonia seja na doença cíclica, no processo inflamatório, nos distúrbios que estamos chamando causa-efeito ou nos casos psíquicos- o benzedor mantém a esperança e a calma, detendo, com a palavra e o gesto mágico, o prolongamento do mal (GOMES e PEREIRA, 2004: p.26)

Essa palavra-corpo envolve também o silêncio do segredo, fundamental para se manter a força da magia (Espiritualmente à força da cura). Por isso que a reza deve preferencialmente ser cochichada (Falada baixinho).

Corpo e reza

A reza dentro do corpo

O corpo dentro da reza

Um corpo que fala

Um só corpo na reza

Traduz a linhagem

Na memória da fala.

Calada no silêncio do segredo

¹⁴ Esoterismo é o nome genérico que designa um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que buscam desvendar o seu sentido supostamente oculto.

¹⁵ O termo "exotérico" (antônimo de "esotérico", apesar de ter a mesma pronúncia) se refere ao ensinamento que nas escolas da Antiguidade grega era transmitido ao público sem restrições, por se tratar de ensinamento dialético. O conhecimento exotérico ou conhecimento do mundo exterior é aquele que percebemos através dos sentidos físicos.

(Fonte <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esoterismo>)

Da palavra não dita
 Do segredo que fala
 Segredo no que fala a reza
 Segredo que cura.
 Cura em segredo
 Segredo que alimenta a alma.

Corpo que reza
 Corpo palavra
 Corpo segredo
 Corpo que benze
 Corpo que cura
 Cura em palavra
 Palavra da cura
 Corpo sagrado
 Corpo que movimenta
 Corpo em movimento.

Usa mãos, mente e sentidos.
 Usa preces
 Usa folhas
 Usa marcas africanas
 Usa afrodescendencia.

O corpo também fala. Ele fala através da desenvoltura dos rituais e ritos, nessa pronuncia silenciosa do segredo.

Isso nos traz a relação corporal da palavra, pois verbalizada ou não, ela envolve os cinco sentidos, como trata Hampâté Bâ, ao remeter de novo ao mito fundador bambara: “Quando *Maa Ngala* fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala. Trata-se de uma percepção total, de um conhecimento no qual o ser se envolve na totalidade” (Bâ, 1982: p.185).

A benção falada pelas palavras não ditas, traz essa marca africana de profundidade, de cuidado pelos saberes transmitidos pela linhagem e pela força da palavra em silêncio para não perder a força vital de sua mágica.

Na comunidade das Porteiras, em uma das entrevistas com a rezadeira quilombola Dona Valda, de 65 anos, observei sua oração. Falava em voz alta e depois cochichando¹⁶ uns trechos, pelo fato que segunda ela a oração é secreta. Vi nesse momento a resistência no repasse do segredo.

O cochicho, faz parte do segredo, pois se a oração tiver uma palavra errada, pode não dar certo, uma forma de resistência, guardar o segredo. Como nessa reza que observei o cochichar¹⁷ feita em voz baixa pela rezadeira Dona Dalva na serra do Juá:

Pranto de nossa senhora

Valha, minha Nossa Senhora!
 Valha, meu nosso Senhor!
 Que teve seu grande filho sem dor.
 Filho! Pra que nasceste!
 Para ser crucificado
 Não leva. (...) **(Cochicha muito baixo)**

No Cruzeiro sagrado
 Numa quinta-feira santa
 Na hora de se ouvir e dizia.
 Senhora, minha Senhora, vai me leve comigo
 E, se não encontrei mais vivo
 Se vivo encontrar, no reino do paraíso
 Quem ouvir essa oração
 Vivo não estará, somente paraíso(...)
(Cochicha rápido)
 As portas para o paraíso para entrar.
 Amém!

Reza de Dona Valda

¹⁶ **Cochichando:** ciciando; murmurando; mussitando; segredando; soprando.

¹⁷ **Cochichar:** v.i. Fam. Pronunciar em voz baixa.

V.t. Dizer em voz baixa; segredar: cochichar algumas palavras ao ouvido de alguém.

Fonte: <http://www.dicio.com.br/cochichando/>

Dona Tereza, de 65 anos, de Porteiras faz questão de não passar o segredo, acha que os jovens de hoje não querem aprender e não estão preparados para repassar. Segundo ela: “Não quero dizer, não quero repassar, não tenho filhos e não sinto que está na hora de passar. Tenho uma sobrinha que tenho vontade de ensinar, o nome dela é Gabriele, mas ela inventou de ser crente.” Isso nos permite entender por que o repasse por vezes termina não sendo realizado, quebrando a cadeia de transmissão intergeracional, pois essa palavra mantida em segredo não é para qualquer um.

2.6 Relação com a natureza

Cosmovisão africana

Cosmovisão afroancestral
 Presente na natureza
 No ar que respiro
 Nas folhas da reza
 Nas raízes que exala a cura
 No fogo que ilumina e guia
 Na água que purifica o corpo
 Na árvore que descarrega a energia emana.

Algo que caracteriza às africanidades na religiosidade tradicional é o uso das plantas. Barros e Napoleão (2013) expressam da seguinte forma a importância do elemento vegetal na religião de matriz africana, no caso aqui das etnias de tronco jêje- nagô¹⁸:

Dentro da cosmovisão dos grupos de origem jêje-nagô o conhecimento dos vegetais é fator preponderante nas relações destes com o mundo que os cerca. É através desse relacionamento que o homem chega a uma forma de conhecer, organizar, classificar e experimentar, integrando o mundo natural ao social dentro de uma lógica particular. (BARROS & NAPOLEÃO, 2013, p.12).

Para os africanos pertencentes àquele tronco étnico a vida natural e a vida social se fundiam, e era natural para o ser humano buscar suas curas no elemento vegetal, sempre de modo espiritualizado pois plantas são concebidas como seres vivos ao igual ao ser humano:

Para os grupos étnicos, oriundos do sudeste africano, que vivenciavam na origem uma convivência harmônica com a natureza, os vegetais influíram em todos os

¹⁸ Jeje-Nagô^[1] é o termo utilizado para designar a fusão das culturas Jeje (fon, ewe, mina, fanti, ashanti) e Nagô (yoruba) principalmente nas religiões afro-brasileiras onde são cultuados tanto Vodun como Orixás.
 Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jeje-Nag%C3%B4>

níveis existenciais. Das florestas, tiravam não só a subsistência, mas também o suporte espiritual através de sua divinização. Essa relação homem/vegetal foi sedimentada através do conhecimento empírico secular, onde o homem, plenamente familiarizado com a flora, nela buscava soluções para os mais diversos problemas surgidos no âmbito de suas comunidades. (BARROS & NAPOLEÃO, 2013, p.12).

Entende-se que a reza das rezadeiras quilombolas não separe os domínios da natureza de sua espiritualidade e prática de fé. Pois na cosmovisão os reinos animal, vegetal e mineral são considerados sagrados. E o ser humano sintetiza todos os reinos: “De todas as “Histórias”, a maior e mais significativa é a do próprio Homem, simbiose de todas as “Histórias”, uma vez que, segundo o mito, foi feito com uma parcela de tudo o que existiu antes dele. Todos os reinos da vida (mineral, vegetal e animal) encontram-se nele, conjugados a forças múltiplas e a faculdades superiores (Bâ, 1982,p. 195).

As rezadeiras entrevistadas mantêm uma relação especial não apenas com as folhas que utilizam para efeito de cura, mas com determinadas árvores onde descarregam as energias negativas. Para Rosa, a árvore traz nela a presença dos quatro elementos da natureza:

A árvore é um arquétipo que instaura os mitos do progresso. Pela floração, frutificação e caducidade das suas folhas, incita-nos a sonhar dramaticamente um devir. Sua verticalidade nos orienta ao irreversível. A árvore é uma das imagens arquetipais mais complexas. Dramática, constitui dos quatro elementos. A água, presente em suas folhas e raízes; a terra de onde se ergue e com quem firma comunhão imprescindível; o ar, a que deseja chegar cada vez mais alto. E o fogo, que traz com suas toras e lenhas. Progressiva, mas sem nunca perder sua base, doa suas sementes. Renova-se com a queda suave de suas folhas mas pode pender e tombar frutos pesados nas cabeças e passagens vacilantes. (ROSA, 2013, p. 91).

As rezadeiras de Caucaia promovem rituais, que representam memórias através de suas rezas. Dona Prazeres tem na Mangueira do Cercadão o lugar de contação de histórias da reza na comunidade, um dos palcos de nossas entrevistas. Verônica de Porteiros com seu cajueiro antigo, também o considera lugar de contar histórias nas tardes frias do pé de serra e Dona Dalva o utiliza para fazer descarrego depois da reza. Dessa forma a árvore passa a simbolizar mais do que uma planta, um ser sacralizado:

A árvore muitas vezes não é o que, mas quem. Entidade venerada. A força das cabeceiras, gameleiras, jaqueiras, Pitangueiras, dos bambuzais e taquarais, e de outras várias árvores sagradas, deve sempre ser respeitada. Entre muitas possibilidades de sentimento, aqui se recorda que o berimbau e o tambor são convertidos de sua madeira e devidamente saravados se o instrumentalista buscar encontrar o ritmo que existe no tempo, no ar e na vida, também se prestar a agradecer a árvore que dá sombra e madeira a gerações diferentes de uma mesma família. (ROSA, 2013, p. 92)

Para entendermos essa relação, lembremos que da mesma forma como acontece no candomblé e na umbanda, não existe reza sem folhas, toda rezadeira sem exceção de nenhuma, até mesmo D. Valda de Porteiros que é evangélica, usa folhas. E isso é um traço das religiões de matriz africana, não é herança cristã.

A relação envolve desde a própria planta, até o lambedor, garrafada e chá de composição vegetal, sendo o pinhão roxo o mais citado, como ocorria também na reza da avó Otília, como vemos nesse exemplo de uma das rezadeiras que Santos estudou:

(...) havia vários galhos de pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), planta preferida por dona Hosana para a realização de suas curas. Logo cedo, ela colhia os ramos e colocava-os em um recipiente com água e, na medida que os clientes vão chegando para se curar, ela utilizava-os. Embora ela não tenha explicitado o motivo de só usar esta planta. (...) De acordo com uma moradora, que mantém sempre um pé desta planta em frente à sua casa, ela tinha o poder de absorver qualquer mal que viesse para cima dos donos da casa. (SANTOS; 2007: p. 96).

As rezadeiras abordam em suas falas o uso da farmácia viva. Dona Tereza diz: “Uso as folhas de Pitanga que serve para barriga, outros chás, eu compro. Uso pauzinhos, raízes, folhas, madeiras como: cidreira, quebra-pedra, camomila, boldo, aroeira, pepaconha”.

A rezadeira Prazeres também comenta sobre o uso da farmácia tradicional e como a comunidade utiliza esses remédios com frequência: Os remédios quase todo mundo na comunidade, tem seu remédio no quintal, a farmácia viva, ai faz um chá e serve. Diz ela:

Uso pauzinhos, raízes, folhas, madeiras como: cidreira, quebra pe Hortelã, que é pra febre; Capim santo, para depressão, é calmante;
Mastruz, conhecido como Santa Maria, Osteoporose;
Cidreira, calmante;
Boldo do Pará, Para estomago, úlcera;
Agrião, pra garganta, câncer, todas as infecções;
Alfavaca, para o coração, gripe;
Gergelim, para amolecer os nervos;
Noni, para o câncer;
Picão, para dengue;
Pitanga, antibiótico natural.
camomila, boldo, aroeira, pepaconha.” (Dona Valda, Porteiros, (2014, p. 5)

Dona Tereza, por exemplo, cita as plantas que usa como fonte de cura:

Como curar: Dor de cabeça- Rezo com a carrapateira, para a dor de cabeça é reza.
Dor de barriga- Para dor de barriga é o chá das folhas de Pitanga. **Dor de dente-** Para dor de dente, só a reza mesmo, minha fia.

Vi isso, na conversa que tive com Dona Mariinha, da Serra do Juá, quando perguntei por que ela usava umas folhas na cabeça e ela disse:

Minha fia uso essas foias de carrapateira pra mode ficar boa da dor de cabeça, uso o mato, o mato é mia farmácia, é receita da terra e não faz mal, ai prendo com pano ou chapéu e rezo”. (Depoimento de D. Mariinha, rezadeira de crianças do quilombo da Serra do Juá)

Em depoimento, Dona Mariinha me disse que além das folhas, usa tudo que há no mato, o mato é sua farmácia. Ela quis me dizer que tudo que existe no universo é energia para magia da cura. Dona Mariinha disse também que cultivava plantas porque os vegetais fazem parte de nossa natureza. Ela confirmou em si a cultura africana que vê na mãe terra seu sustento, sua fortaleza.

A tabela¹⁹ a seguir mostra a importância do uso da folha do pinhão não só na reza, mas nas religiões de matriz africana de tronco jêje-nagô, afirmando essa prática como saber ancestral também africano.

Tabela 3: Tabela de plantas e religiosidade africana

PLANTA	ÁFRICA	REZADEI RAS	CANDOMBLÉ	UMBAND A
PINHÃO ROXO Nome científico: <i>Jatropha gossypifolia</i> .	Os Iorubás empregavam este vegetal com diversos fins litúrgicos. Representa os orixás: Ogun, Oxossi e Oiá Representa: O elemento fogo.	Em rezas e benzeduras. Corta o ma-olhado” em rezas e benzeduras.	São empregados em sacudimentos e banhos, também para pessoas de Ogum e Oxossi, nos terreiros de Jêje-nagôs. Usada para banhos e como amuleto.	Em banhos de descarrego. Usada para banhos e como amuleto.
ARRUDA Nome científico: <i>Ruta graveolens</i> L. Rutaceae	Representa o orixá Exu. Representa: O elemento terra.		Usada para banhos e como amuleto.	

2.7 Espiritualidade/magia

¹⁹ Fonte da tabela: Ewe Òrìsà: Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô de: José Pessoa de Barros e Eduardo Napoleão – Ed. Bertrand Brasil - 2013

Magia na reza

Da espiritualidade nos gestos
 Na cura que usa a magia
 Magia do bem, da cura
 Que livra do corpo a doença
 Que purifica a alma e o corpo
 Espiritualidade sagrada
 Alimento que transcende a alma
 Espiritualidade africana
 Que gesticula o ritual e benze
 Benze e retira o mal na fala
 Benze e purifica o corpo com folhas
 Benze e livra do mal o doente.

A reza tem um sentido espiritual, mágico, purificador e descarregador de energias, que passa pelo uso sagrado da palavra, do cuidado com algum elemento que negative a sua prática. “Rezo às duas horas da tarde. Depois das cinco, não rezo e reza do meio dia não faço” (Rezadeira Tereza, 70 anos, Porteiras)

Na cura, o poder acontece de forma divina, mágica, e para isso a rezadeira exerce essas habilidades espirituais que aponta para mais um marcador da espiritualidade africana. Infelizmente, muitas vezes o entendimento da magia possui uma conceituação demoníaca e por isso aponta de forma errônea a prática das senhoras como sendo de bruxas. A esse respeito Bâ afirma que magia é apenas controle e manipulação de energias:

Na Europa, a palavra “magia” é sempre tomada no mau sentido, enquanto na África designa unicamente o controle das forças, em si uma outra coisa noutra que pode se tornar benéfica ou maléfica conforme a direção que se lhe dê.” (BÂ, 1982, p.182)

A espiritualidade africana faz parte do conceito da cosmovisão africana que encontramos refletido no ofício da prática dessas senhoras. CUNHA (2010, p. 87) comenta sobre essa espiritualidade notoriamente filosófica: “Os problemas da existência física e espiritual fundamentam-se nos da existência de uma totalidade que governa as gerações e que permite a continuidade dinâmica da vida pela interferência humana.”

Os poderes espirituais regem as forças do universo transformando em magia o que se mentaliza. Assim, para obter a cura o uso da magia se torna indispensável. A palavra falada,

silenciosa ou cochichada, possui força mágica de engendramento, por isso se tem cuidado com sua pronúncia.

(...) a palavra se empossava, além do valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositada. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizado as sem prudência. (BÂ, 1982, p.182)

A palavra é magia, tem força, energia. A magia vem da palavra dita ou não dita, ela transforma-se em força no universo com ajuda dos elementos da natureza, pois tudo no mundo é movimento.

A palavra aparece visceralmente ligada à Força Vital. O detentor primordial da palavra é o preexistente, assim como é ele o detentor daquela. A palavra, com efeito, muitas vezes aparece nas cosmogonias africanas como um subsídio fundamental para a criação do mundo e, neste caso, ela é portadora da “força” que anima e vitaliza o mundo. O Homem, por sua vez, ao ser criado, recebe a Força Vital e o poder da palavra, que são equivalentes, visto que a palavra é concebida como uma energia capaz de gerar coisas. (OLIVEIRA, 2006, p. 47)

Dona Valda, rezadeira evangélica, não abre mão dos saberes aprendidos, e da magia envolvida. Diz ela: ‘Acredito que todas as orações quando tem necessidade é importante, tanto pode ser católica como evangélica.’ Mas as rezadeiras que praticam também a umbanda, como é o caso da Dona Prazeres do Cercadão, assumem isso com mais naturalidade, diversificando mais as práticas de magia. Como no exemplo trazido por Santos:

A rezadeira que, além de rezar, também realiza *trabalhos* assume assim, tal qual a rezadeira evangélica, um status diferenciado perante a comunidade. Era o caso de dona Rita de Ramin que tanto rezava em crianças com *olhado*, *vento caído*, *espinhela caída e outras doenças e botava mesa*. Ela tinha possibilidade de recorrer às duas esferas religiosas, ou seja, curava usando apenas as rezas e as súplicas aos santos – Portanto apoiando-se nas práticas do catolicismo popular – e, ainda, dependendo da especificidade do problema, ela pedia ajuda aos guias (caboclos) (SANTOS: 2007, p. 143)

A rezadeira Dalva reforça o caráter ritualístico mágico da palavra nessa Afroreza: ‘A oração pra quebranto é... eu sei que a minha mãe costumava dizer, que eu assistia ela rezando que é “Quando Deus andou no mundo, três coisas ele curou né!? é quebrante e mal olhado, que quebrante é um e mal olhado é outro... e vento caído.’

As habilidades desenvolvidas pelas rezadeiras na cura demonstram que tem sensibilidade ao divino, muitas têm premonições. Um exemplo é a rezadeira Dona Valda, de 60 anos, de Porteirias, quando perguntei em entrevista se ela sentia premonições:

Sinto isso, ai, toda vida tive, antes de visitar terreiros, espiritas, etc, eu já tinha, sempre tive isso. Vou te contar uma coisa: Meu pai, antes de ser baleado, eu sonhei, nesse dia, acordei muito perturbada, não fui à aula, não fui fiz nada na vida, perturbada.

E outra...

Quando eu cismo com uma pessoa, eu não quero amizade, sempre tive isso.(Dona Valda, 65 anos, Porteiras)

Segundo minha tia Antonieta, sobre a pergunta sobre essa espiritualidade, a energia da pessoa, boa ou ruim, produz efeitos que podemos chamar de mágicos, dentro da concepção de Bâ colocada acima:

A pessoa tem que ser uma pessoa boa, pois a pessoa má não tem boa energia, minha mãe era ótima pessoa não é porque morreu, ela curou até filhos de médico, os médicos tinham fé nela porque não entendia alguns males que não tinham cura. Se uma pessoa é má como ela pode fazer o bem, a reza é um bem que a pessoa faz a outra. (Entrevista à Antonieta, 74 anos, 2013)

2.8 Relação comunitária

Rezadeira e comunidade

Eis tu doce senhora que na alegre aurora
De pele enrugada, mas na fala.
Com prece de marcas africanas
Na vida tua comunidade a servir.

Usa a mãe natureza na cura
Ensina os chás e remédios do mato
O quilombo é tua morada.
Eis tu rezadeira quilombola.

Tua relação com teu povo é forte
Cuida na reza e até na morte
Com tuas preces com marcas de longe
São tão belos teus laços africanos.

A relação comunitária se dar através da ajuda mútua na comunidade, essa forma coletiva de trocas e respeito é marcador africano e a filosofia do ubuntu aponta essa abordagem.

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, umuntu ngumuntu ngabantu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades

humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas. A ideia de ubuntu atravessa, constitui e regula inúmeras comunidades africanas bantufonas. (NOGUEIRA, 2011, 148)

É na comunidade que a rezadeira é reconhecida e mediante a comunidade que ela vai se tornando uma pessoa de confiança, uma referência positiva. As rezadeiras tornam-se conhecidas e respeitadas, sendo frequentemente detentoras de ações sociais em prol de suas comunidades, embora sintam um certo desconforto quando são atingidas pelo preconceito, não somente pelas africanidades que atravessam sua prática, também pelo poder atribuído enquanto matriarca numa sociedade patriarcal.

As histórias de vida das mulheres benzedoras indicam a formulação de um discurso de identidade das mulheres e a demarcação de um espaço de poder feminino a despeito dos valores patriarcais que ainda atravessam a sociedade brasileira. (Santos 2004, p. 131).

Para a comunidade, a reza é um elemento de benefício social e o respeito a senhora da reza cresce a cada vez que ela ajuda sua comunidade com seu serviço, conforme o marcador das africanidades relação comunitária e de solidariedade. Respeito esse assentado na capacidade inclusive de vidência de alguns. Santos (2007, p. 116) afirma:

Este poder de “ver” as coisas que estão acontecendo ou irão acontecer com os clientes que a procuram a rezadeira talvez seja uma das qualidades que a faz ser tão procurada pelas pessoas da comunidade e até de outras cidades vizinhas. Era comum alguém chegar pra ser rezado e falar da seguinte forma; “Barica eu vim aqui pra você ‘ver’ se dá certo eu realizar tal viagem, tal negócio, tal cirurgia, etc.

Ela passa a ser uma líder espiritual da comunidade, e seu espaço passa a simbolizar o lugar onde se faz o descarrego de queixumes e do que está ruim no corpo e alma e onde acontecem aconselhamentos importantes.

As religiões africanas são eminentemente comunitárias. A dimensão comunitária dessas religiões expressa sua concepção da vida e do universo. O importante é o bem-estar de todos os membros da comunidade. Não existe divisão de classes ou privilégios sociais. Os benefícios da religião e da religiosidade são universais (para o grupo, família, clã, ou cidade). (Oliveira, 2006, p. 67)

A espiritualidade comunitária vem do contato com nossa ancestralidade, massacrada, renegada, proibida, mas presente em nossas palavras e atos. O elo comunitário se dar pela presença da rezadeira na comunidade e suas trocas mútuas, uma herança africana. A rezadeira Prazeres (2014), apontou em depoimento esse sentimento quando disse batendo o pé no chão “O chão é meu lugar, daqui nasci e vou ser enterrada, ajudo minha comunidade, mesmo com

as dificuldades e o preconceito dos evangélicos a minha reza, tenho que continuar a reza dos meus antepassados na comunidade.”

Isso acontece no contato com a **ancestralidade** que na cosmovisão africana é simbolizada pelo **chão**, onde enterro nossos mortos e de onde extraímos nosso alimento vivo e espiritual. Daí a importância do bater o chão, acordando força vital que emana na terra e se distribui no corpo, que brota dele, fazendo elo entre presente e passado: “Bato no chão com as solas dos pés, e a vida sobe pelas minhas pernas, percorre meus ossos, apodera-se de mim, acaba com a minha tristeza e adoça minha memória”. O bater no chão faz lembrar os mutirões para a construção das casas, prática que ainda persiste em vários quilombos e regiões interioranas, onde se costumava dançar a noite toda para bater o piso das casas, promovendo, assim, a prática da dança dococo e o fortalecimento do elo comunitário. (PETIT, 2015, p. 77)

Os marcadores aqui apresentados não pretendem dar conta de todas as dimensões da reza dessas senhoras, mas sem dúvida já demonstram a justificativa da conceituação que proponho sob o termo Afroreza.

2.9 Rezadeiras das Comunidades – Co-pesquisadoras

As senhoras rezadeiras tornaram-se co-pesquisadoras na pesquisa e para conhecer melhor essas senhoras uma breve biografia. Comunidade Remanescente Quilombola A seguir tabela com as rezadeiras

Tabela 4 – Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Serra do Juá

<p>Nome: Maria Dalva de Sousa Idade: 52 anos Religião: Católica Ocupação: Rezadeira e Agricultora Conhecida como: Dona Dalva</p>	<p>Nome: Maria Pereira da Costa Idade: 83 anos Religião: Católica Ocupação: Rezadeira e Aposentada Conhecida como: Dona Mariinha</p>
---	---

Fonte: Arquivo pessoal 2014

Tabela 5 – Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Porteiras

<p>Nome: Maria Tereza Assis do Nascimento Idade: 70 anos Religião: Católica Ocupação: Rezadeira e Aposentada. Conhecida como: Madrinha</p>	<p>Nome: Valda Timóteo de Aguiar Idade: 65 anos Religião: Católica Ocupação: Rezadeira e Pensionista. Conhecida como: Valda</p>	<p>Nome: Maria Verônica Oliveira da Silva Idade: 56 anos Religião: Católica Ocupação: Rezadeira, Aposentada e Agricultora. Conhecida como: Verônica</p>
---	--	--

Fonte: Arquivo pessoal – 2014-2015

Tabela 6 – Rezadeiras da Comunidade Remanescente Quilombola Cercadão dos Dicletas

<p>Nome: Rita de Cassia Venâncio de Moraes Idade: 43 anos Religião: Umbanda Ocupação: Rezadeira e Doméstica Conhecida como: Rita</p>	<p>Nome: Maria dos Prazeres Idade: 52 anos Religião: Umbanda Ocupação: Rezadeira, Professora, Presidenta da associação quilombola de Cercadão dos Dicletas. Conhecida como: Prazeres</p>
---	---

Fonte: Arquivo pessoal - 2013

2.10 Algumas pessoas que compuseram o processo da pesquisa

A primeira entrevista realizada para a pesquisa de mestrado foi em 2013, com minha tia *Antonieta Magalhães de Melo*, viúva,, 74 anos, irmã da minha mãe (filha caçula da avó rezadeira Otília do Parque Araxá), a filha de Gordulino Marcionílio Magalhães, meu avô e a rezadeira Otília Alves Magalhães. Atualmente, reside hoje no Conjunto Ceará

A minha tia, mostrou interesse em cooperar, com dados importantes acerca do ofício da reza, que ela ainda lembra. Porém, quando eu tocava no assunto da relação das africanidades na religião de matriz africana, ela negava tudo, dizendo que minha avó era filha de Maria (Maria mãe de Jesus). Tia Antonieta não gostava, achava errado, aumentava o volume da voz negando tudo. Afirmava que a rezadeira Otília ficava na dela, respeitando as religiões africanas. Segue parte da entrevista sobre essa negação da tia Antonieta:

Qual a religião da rezadeira Otília?

Era Católica, filha de Maria.

O que ela achava dos quadros de Yemanjá, santos da Umbanda próximo ao seu santuário católico, tipo Nego Gerson, São Cipriano, São Jorge Guerreiro?

Não gostava não. Não rezava com nada de negócio de Umbanda. Ela não gostava não, mas não dizia nada²⁰.

Percebi santos da umbanda na casa, qual a relação com a reza? De quem eram os santos?

O quadro de Yemanjá foi dado a minha irmã Maristela (madrinha) porque ela achou bonito e os santos da Umbanda não eram dela. Eram da neta Vadilha. Minha mãe não tinha nada a ver com isso não, mas achava lindo a Yemanjá do quadro.

O que a rezadeira Otília achava da religião da neta Valdilha? Obs: (Umbanda) Valdilha é da Umbanda e morou um tempo com a vó. Não gostava, achava errado²¹.

E as simpatias que a tia Maristela ensinava à minha mãe? O que tem a ver com a vó Otília?

Não sei nada disso, a mãe não tinha isso não, desse negócio de simpatia.

²⁰ Nesse momento alterou um pouco a voz para negar. Negou que os santos da umbanda eram de sua mãe e disse que era da neta dela.

²¹ Novamente aumentou o volume da voz negando tudo, disse que a rezadeira Otília ficava na dela, respeitando.

Contudo, devido a negação, tive que entrevistar meu primo que foi criado pela avó Otília, para cruzar as informações, fui colher melhores informações ao entrevistar meu primo Diógenes e a prima Valdilla, que confirmou alguns dados informados por Tia Antonieta.

Lembro que na minha infância presenciei minhas tias e avó ensinando a minha mãe simpatias e combinando de irem ao cemitério por causa das almas benditas, às segundas-feiras, mas elas não me levavam.

Valdilla e Diógenes negaram que os santos eram da avó Otília. Mas o santuário afirmaram pertencer a rezadeira. Valdilla Martins Magalhães confirma que são dela, contudo, a religião da Otília, todos afirmam que era católica, filha de Maria.

No entanto, Diógenes Magalhães Melo e Valdilla Martins Magalhães informaram-me em depoimentos que ela tinha santos da umbanda São Jorge e Cosme e Damião, que faziam simpatias e tinha premonições, houve uma contradição nos depoimentos, sobre os santos, notei que o preconceito a religião de matriz africana sempre os acompanhavam.

Ainda em 2013, na comunidade remanescente da Serra do Juá, colhi de dona Mariinha um depoimento, mas não a entrevistei pelo fato dela negar que rezava logo depois ela disse que rezava só em criança. Isso eu não gravei, tirei apenas fotos com a permissão dela. Voltei em 2015 e fiz à entrevista.

Em 2015, na comunidade remanescente de Porteirias, com a aproximação por meio de amizades, pelas tardes embaixo do pé de cajueiro, as conversas sobre a comunidade e alguns relatos, consegui, então, relacionar-me com as rezadeiras através de Eliane Santos, que é moradora e tem netos quilombolas. Eliane é muito amiga e respeitada pelas rezadeiras: Terezinha, Valda e Verônica que ainda não me conheciam e só aceitaram ir se fosse para a casa dela. Notei também que elas não queriam falar da reza, então fizemos vivências com a mandala²², com objetos da reza, palestrei um pouco sobre o tema e isso fez com que elas quisessem comentar um pouco mais, mas sem gravação. Tudo foi um processo.

²² Vivência realizada com um pano de expressão africana no chão com objetos expiradores usados na África para fazer relação com a questão do nosso pertencimento realizado em forma de roda dialogada.

Em 2014, retornei ao campo para entrevistar as rezadeiras. Iniciei no Quilombo Cercadão dos Dicetas, com a rezadeira Maria dos Prazeres. A cada visita aconteciam conversas, passeios na comunidade, visita à casa de farinha, diálogos com moradores. A pesquisa de campo começara a fluir.

É importante informar que a aproximação com as rezadeiras do Cercadão dos Dicetas foi diferente, pois Prazeres me conhecia desde a especialização do NACE, e tinha uma certa intimidade. O sindicato da qual faço parte ofertou um minicurso na localidade, ministrado por Sandra Petit e Geranilde Costa sobre o livro *Africanidades Caucaieenses*. Prazeres falava abertamente sobre a reza e sem constrangimentos. Veja um trecho da entrevista:

Onde nasceu?

Em Caucaia, na Comunidade remanescente Quilombola do Cercadão dos Dicetas.

Qual a sua religião?

Sou da Umbanda.

Como adquiriu o segredo da reza ou com quem?

Aprendi com a minha mãe.

Minha mãe era parteira e curandeira fazia partos e rezava em crianças e nas pessoas da comunidade. Então ela passou pra mim o segredo da reza e aprendi. Ela faleceu e eu continuei a rezar.

Em 2015, as entrevistas foram mais intensas e aconteceram em três comunidades quilombolas: Juá, Cercadão e Porteiras. Naqueles dias, tive que viajar muito, saindo de uma comunidade, voltando para casa. Foram momentos de muitos aprendizados, em que me alimentei, dormi e vivenciei a rotina das rezadeiras, com rezas e conversas informais de suas dificuldades que elas passam na comunidade. Acordar pela manhã com o cantar do galo, tomar café com pão, ‘água de pote’, almoçar com girimum e inhame foram experiências de lembranças e encontros com minha ancestralidade.

A oficina teve como objetivo trabalhar o tema dos marcadores e recolher subsídios para trabalhar a pesquisa do mestrado, foi realizado com rezadeiras e contextualizadas os trabalhos da pesquisa no quilombo acerca das senhoras da reza.

O NACE (Núcleo de Africanidades Cearenses) colocou em sua programação do evento V Memórias de Baobá, em novembro de 2014, a oficina em que eu e a mestrandia Cláudia Oliveira ministramos teve como tema **‘A Rezadeira e a Educação Quilombola’**. Nesta oficina o palco foi favorável, muita natureza, próximo à árvore secular do Baobá e a história da própria praça enche de emoção para compartilhar passos na pesquisa da dissertação. Foram trabalhados os objetos geradores e a relação que os cursistas tinham com a reza.

Fui convidada em maio de 2015, pela professora Geranilde Costa e Silva, doutora pela UFC em Educação, professora efetiva do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB para palestrar no campus da Liberdade, no evento acadêmico denominado SAMBA - Seminário de Ambientação Acadêmica. O público alvo foram alunos da graduação em Ciências Humanas. Marcamos para maio planejei e preparei material para levar. A palestra teve como objetivo relacionar os objetos geradores e a relação dos alunos com as senhoras da reza, através da memória de cada um.

Hoje ministro Formação Continuada Para Professores do Ensino Infantil e Fundamental a cada dois meses no SESC Educar, como professora prestadora de serviços. Com temas voltados às Africanidades, que foram em junho/2015: Contos e Contas: Mandala e Mancala com Aprendizagens de Matriz Africana, módulos I e II e em agosto/2015 – Construção de Jogos com o Uso do Vocabulário de Matriz Africana. Todas essas oficinas foram resultados de meus aprendizados com o NACE e também aprendidos desde 2006 quando comecei a interessar-me em trabalhar o que a lei 10.639/03 exige que é o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio. No SESC, também faço parte do Abraço Literário, que é o encontro de poetas e poetisas para trabalharem as literaturas.

Cordel do Juá
Eliene Magalhães

I

A vida tranquila no Juá
O friozinho, o ar puro, a belezura das pessoas.
O cantar do galo na aurora verdejante
Do amanhecer quilombola hesitante
O cantar do galo nas manhãs frias
E nas noites enluaradas
Que maravilha é estar no Juá.

II

Conversar, fazer amizades com rezadeiras.
Oficinas de reza e saberes.
A minha presença nos quilombos
De sobremaneira interessante.
O caminho é difícil, não impossível.
Histórias a desvendar.

III

Vi, senti e ouvi.
Cultura, risadas, devaneios,
Resistências, problemas sem parar.
Causados pelo preconceito
Ser negro é estrada a talhar
O racismo é combate incessante.

IV

Sentir o cheiro do mato
Este é meu lugar
Vento ao embrulhar meus cabelos
A viagem marcada
Ao começar essa jornada
Vale a pena pesquisar.

3 A TÉCNICA DOS ARTEFATOS GERADORES NAS ESTAÇÕES DE APRENDIZAGEM NA SERRA DO JUÁ

A oficina na Comunidade remanescente da Serra do Juá, possibilitou mecanismos de interação entre co-pesquisadoras (rezadeiras), comunidade e pesquisadores que foram trabalhar na serra. O capítulo é composto dos seguintes subtemas: Oficina dos artefatos geradores na Serra do Juá, histórico e contexto; O que é a técnica dos artefatos geradores e como surgiu (Desde a fase da sociopoética); Material das entrevistas que embasou a técnica dos artefatos geradores.

3.1 Histórico e contexto do lugar

Figura 7 - Local: Escola Diferenciada Quilombola Maria Iracema do Nascimento.



Fonte: Arquivo pessoal

Serra do Juá, Comunidade Remanescente Quilombola, situada no município de Caucaia, está localizada aproximadamente, a 26 km da BR 222, trata-se de uma comunidade quilombola com certificação da Fundação Palmares.

Palco de descobertas, sentimentos e aprendizados. Lugar escolhido pelas pesquisadoras, as co-facilitadoras(as) e co-pesquisadoras(as) do NACE para aprenderem, investigar, observar e absorver.

Durante a pesquisa percebi a dificuldade em reunir as pessoas da comunidade. Isso se deve ao fato da resistência, do preconceito, das dificuldades cotidianas que a comunidade passa, além do desconhecimento e até certa desconfiança acerca dos interesses dos(as) pesquisadores(as).

A comunidade conta com artesãos, mestres da tradição e rezadeiras atuantes como Dona Dalva e Mariinha e a iniciante de rezadeira Suelina, filha de Dona Dalva. Todas elas, na época desta oficina, não declaravam ser portadoras e praticantes do ofício, no entanto eu fui descobrindo aos poucos.

A Serra do Juá tem como matriarca a falecida Maria Iracema do Nascimento, nascida em 06 de fevereiro de 1914 e falecida em 18 de fevereiro de 2011, uma mulher muito respeitada pelo trabalho que efetuou na comunidade²³.

“Tia Iracema” como era chamada teve uma importante contribuição na História e Cultura da Comunidade Serra do Juá. Foi a primeira professora da comunidade e também catequizou as pessoas que se denominavam católicas, foi líder comunitária e ministra da Eucaristia. Sua história de luta pela comunidade Serra do Juá, era constante, por isso, na gestão municipal do prefeito Domingos Pontes no ano de 1987, recebeu uma homenagem como patrona da escola local, pelo reconhecimento de sua doação em busca de melhorias e conhecimento para todos. (OLIVEIRA, 2011, p. 6).

Os **artefatos geradores**, nesta pesquisa, foram objetos usados no ofício das rezadeiras para a cura, tais como: vela, pilão, folhas, terço africano, Santa Negra, quartinha para água benta, ervas, raízes, cabaça, boneca negra, tambor (roda de cura), alho.

Os marcadores foram elaborados e listados por Sandra Petit a partir da inspiração na filosofia da cosmovisão africana. Esses marcadores foram: ancestralidade, senhoridade, iniciação, relação comunitária, corporeidade, musicalidade, oralidade, elementos da natureza, sacralidade e espiritualidade.

3.2 Como surgiu a ideia dessa técnica (desde a oficina sociopoética)

²³ Produto didático: Memórias Vivas dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Juá O Ser Negro e o Resgate das Brincadeiras de Ontem e Hoje no Quilombo da Serra do Juá, Oliveira, 2011.

A oficina nasceu da necessidade em trabalharmos com a Pretagogia e os saberes empíricos e contextualizar com os marcadores e os saberes científicos epistemológicos.

A ideia nasceu com Sandra Petit e o grupo de orientandos que também fazia pesquisa no Juá, onde, graças à filosofia do UBUNTU, cada um ajudava o outro de alguma forma, desde a divisão das despesas até a mobilização dos/as quilombolas.

No Juá tudo é difícil desde o transporte e aquisição dos objetos até a visita aos moradores que moram distantes uns dos outros. Meu propósito seria trabalhar nas oficinas com 7 - 8 rezadeiras, para poder fazer as análises. Mas, nessa oficina apenas uma aprendiz de rezadeira veio, Suelina, que na época estava passando por iniciação, filha da rezadeira Dalva.

3.3 Material das entrevistas que embasou a técnica pretagógica

O planejamento dessa oficina ocorreu com citações das entrevistas realizadas com as rezadeiras. Assim, dividimos de acordo com os marcadores e seus artefatos correspondentes. Para cada marcador, fizemos um cantinho, uma estação de aprendizagem onde constavam frases ditas nas entrevistas, artefatos relacionados ao marcador apontado e uma atividade a ser realizada para a realização de um produto didático.

Rezadeira Valda: Sim, rezava, então minha mãe, meu avô meu tio, tudo era homens de força, de reza.

Ao falar a palavra reza, Dona Valda baixou o seu tom de voz e disse que sua Mãe, sua avó e seu tio foram todos “curadouros”.

Rezadeira Prazeres: É o zelo, é a continuação, já estou passando para minhas filhas o segredo da reza.

IMPORTANCIA DA PALAVRA PROFERIDA

Rezadeira Valda: Ai decorei. Quando eu tinha uns 25 anos, minha mãe viu e perguntou: Como aprendi isso?

Ai, eu disse: Que é a fé, muitos aprende, outras palavras solta, sem fé, sem fé não consegue nada, nada.

Foi nessa época, quando eu tinha 21 anos, eu aprendi assim, naquela fé, ficou muita coisa, com 25 anos comecei.

Rezadeira Prazeres: É o zelo, é a continuação, já estou passando para minhas filhas o segredo da reza.

SENHORIDADE

Quando a senhora começou a rezar?

Rezadeira Tereza: Com uns 60 anos.

Ela está com 70 anos.

Rezadeira Valda: Eu tenho 65 anos, agora em julho, comecei a rezar com 25 anos.

INICIAÇÃO

Rezadeira Prazeres: Aprendi com a minha mãe. Minha mãe era parteira e além de parteira era curandeira fazia partos e rezava em crianças e nas pessoas da comunidade. Então ela passou pra mim o segredo da reza e aprendi. Ela faleceu e eu continuei a rezar.

LINHAGEM

Rezadeira Tereza: O pouco que a minha sobrinha tirou de mim, mesmo crente, ela usa, com as mãos, ela cura todo mundo.

Rezadeira Valda: Pois é, onde começou, porque minha mãe era curadoura, curava né. Minha Mãe, avó e tio, todos foram curadores.

Rezadeira Prazeres: A minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e que veio antes delas.

É o zelo, é a continuação, já estou passando para minhas filhas o segredo da reza.

ELEMENTOS DA NATUREZA

Rezadeira Tereza: Uso folhas até de carrapateira, só não de rezar com folhas de pinhão roxo, é ruim.

Passo remédios, lambedores, garrafadas, algumas ervas eu compro. Recomendo tanta coisa.

Uso as folhas de Pitanga que serve para barriga, outros chás, eu compro. Uso pauzinhos, raízes, folhas, madeiras como: cidreira, quebra pedra, camomila, boldo, aroeira, pepaconha.

Rezadeira Valda: A doença, de pele é com raminho e a água, porque a água sai benta, não sei, pois é, é costume.

Rezadeira Prazeres: Na reza uso o pombo roxo, o pinhão roxo, o pau-brasil ou a arruda.

Rezo com a carrapateira, para a dor de cabeça é reza. Para dor de barriga é o chá das folhas de Pitanga. Para dor de dente, só a reza mesmo, minha fia.

Ave Maria, eu adoro, Ave Maria é a coisa melhor do mundo... Eu adoro minhas plantas(...) mas às vezes morre porque uma pessoa olhando matou.

Rezadeira Valda:

- Hortelã, que é pra febre;
- Capim santo para depressão, é calmante;
- Mastruz, conhecido como Santa Maria, Osteoporose;
- Cidreira, calmante;
- Boldo do Pará para estomago, úlcera;
- Agrião para garganta, câncer, todas as infecções;
- Alfavaca para o coração, gripe;
- Gergelim para amolecer os nervos;
- Noni, para o câncer;
- Picão para dengue;
- Pitanga antibiótico natural.

Rezadeira Prazers: Sim, peço licença à natureza para usar e não destruir a natureza, aí pego as folhas e tiro o raminho.

SEGREDO

Rezadeira Tereza: Minha reza é dentro de mim e eu não ensino às pessoas. Não quero dizer, não quero repassar, não tenho filhos e não sinto que estar na hora de passar. Tenho uma sobrinha que tenho vontade de ensinar, o nome dela é Gabriele, mas ela inventou de ser crente.

(...) é segredo, vou guardar sempre. Não falo, é segredo. Minha reza é pra tudo.

Eu rezo pra mim, não falo, rs. A oração para cobreiro, eu rezo em segredo, calada.

ESPIRITUALIDADE

Rezadeira Tereza: Rezo às duas horas da tarde, depois das cinco, não rezo e reza do meio dia não faço. Me sinto bem, mas tem gente com coisa ruim, vem rezar, mas não pego nada não, meu corpo é fechado. Um dia desses, quando dei fé, um homi com coisa ruim me veio pedi uma caridade, disse que tava com espirito ruim e eu disse: ‘Vixe’, mas rezei, porque sabia que não ia pegar, peguei duas foinha de carrapateira e rezei nele aqui no meu terreiro e ele ficou bom. Rezo dentro de casa, porque dentro de minha casa têm santos. Acendo as velas dentro de casa. “Eu adoro minhas plantas(...) mas às vezes morre porque uma pessoa olhando matou.”

Rezadeira Valda: Então hoje, eu gosto. Se a reza for dor de dente, pode ser pela manhã, certas doenças, a melhor hora é à tarde. Mas, a melhor hora é a tarde, meio dia e seis horas não é bom. Meu pai, antes de ser baleado, eu sonhei, nesse dia, acordei muito perturbada, não fui à aula, não fui fiz nada na vida, perturbada. E outra... Quando eu cismo com uma pessoa, eu não quero amizade, sempre tive isso.

TERRITORIALIDADE

Rezadeira Valda: Faço reza na minha casa (...) Rezo na varanda, no terreiro, é meu pedaço de chão sagrado, é lugar de cura reza na minha casa.

Eu gostava de ir pro quintal.

Meu lar, lugar.

RELAÇÃO COMUNITÁRIA

Rezadeira Tereza: Graças a Deus que todos gosta de mim, só minha irmã, que é importante, nem de Deus, ela gosta.

Vou logo te dizer, se eu menti, pode dizer, todo mundo me adora...o padre...

Rezadeira Valda: Da Serra do Juá até aqui eu tenho amizade, minha filha.

Rezadeira Prazeres: Me sinto muito bem quando sou procurada e quando passo muito tempo sem ajudar me sinto mal. E peço a Deus que as pessoas não adoçam, mas gosto de ajudar, mesmo que seja só com a palavra, com apoio, me sinto bem demais. Na comunidade, toda hora, vem gente na minha casa, eu recebo, eu ajudo. Não tenho besteira... Eu não...

RESISTÊNCIA

Rezadeira Prazeres: As rezadeiras e os rezador tem vergonha de rezar, pois são duramente criticados pelas novas religiões. Rezam escondido. Muitas vezes sou discriminada porque sou uma pessoa que falo a verdade e por falar a verdade e só por isso, sou criticada como bruxa, macumbeira. Mas, isso entra no meu ouvido e sai no outro, porque tenho meu juiz, Deus (Resmungou em tom baixo). E falo porque tem gente que vem com segundas intenções, para fazer o mal (Ela já fala em voz alta).

CORPOREIDADE

Rezadeira Valda: A doença do corpo se trata com remédios, com ervas.

3.4 Elementos da afroreza: distribuição dos artefatos, trechos de entrevistas e propostas de atividades (produto didático)

Na oficina da Pretagogia, trabalhamos no planejamento com as entrevistas e os marcadores africanos a partir de objetos usados pela rezadeira. Desta forma, usamos os seguintes elementos da Afroreza e distribuídos como veremos:

Tabela 7 – Estações e produção didática

ESTAÇÃO	MARCADOR AFRICANO	ARTEFATO	PRODUTO DIDÁTICO
1^a	Ancestralidade	Cabaça (Luz ancestral)	Prosa
2^a	Iniciação	Vela	Conto
3^a	Elementos da Natureza	Pote/ quartinha/Água benta	Receitas
4^a	Segredo	Chás/Mel/Xaropes/Lambedores	Provérbios
5^a	Espiritualidade/Magia	Folhas	Poesias
6^a	Relação comunitária	Terço africano	Cordel
7^a	Musicalidade Uso do corpo	Tambor	Música/teatro

Fonte: arquivo pessoal das atividades da oficina

1^a Estação: ANCESTRALIDADE

Artefato: Cabaça, olhando o passado para entender o presente.

Afroreza: “Sim, rezava, então minha mãe, meu avó, meu tio, tudo era homens de força, de reza. Minha Mãe, avó e tio, todos foram curadores”.

“É o zelo, é a continuação, já estou passando para minhas filhas o segredo da reza”.

- **Afro Atividade**

A partir das palavras fazer um texto em forma de prosa com desenhos contando como aprendeu a reza, apontando os sentimentos de sua comunidade quilombola.

2^a Estação: INICIAÇÃO/SENHORIDADE/FORMAS DE APRENDER

Artefato: Vela (luz que despertará a sabedoria na senioridade a construção do aprendido a ser desenvolvido na senioridade).

Afroreza: “A reza é decorada”.

Segue uma relação com frases ditas pelas rezadeiras, observando que muitas dessas frases já foram ditas aqui, mas tentando facilitar o desenvolvimento da leitura, farei essa repetição:

“Quando eu tinha uns 25 anos, minha mãe viu e perguntou: Como aprendi isso?

Ai, eu disse: Que é a fé, muitos aprendem palavras soltas, sem fé não consegue nada, nada”.

“Quando eu tinha 21 anos, eu aprendi assim, naquela fé”.

“Aprendi com a minha mãe. Minha mãe era parteira e além de parteira era curandeira fazia partos e rezava em crianças e nas pessoas da comunidade. Então ela passou pra mim o segredo da reza e aprendi”.

“O pouco que a minha sobrinha tirou de mim, mesmo crente, ela usa, com as mãos, ela cura todo mundo”.

- **Afro Atividade**

Com as frases, façam um livrinho de contos sobre como em sua comunidade tudo começou. Confeccione com retalhos, sejam criativos usando o objeto do artefato.

3ª Estação: ELEMENTOS DA NATUREZA

Artefatos: Chás/ Mel/ Xaropes/Lambedores

Afroreza: “Uso folhas, até de carrapateira, só não de rezar com folhas de pinhão roxo, é ruim”.

“Passo remédios, lambedores, garrafadas, algumas ervas eu compro. Recomendo tanta coisa”.

“Uso as folhas de Pitanga que serve para barriga, outros chás eu compro. Uso pauzinhos, raízes, folhas, madeiras como: cidreira, quebra pedra, camomila, boldo, aroeira, pepaconha”.

“Rezo com a carrapateira... Para dor de barriga é o chá das folhas de Pitanga”.

“Ave Maria, eu adoro, Ave Maria é a coisa melhor do mundo...Eu adoro minhas plantas (...) mas às vezes morre porque uma pessoa olhando matou”.

“Peço licença À natureza para usar e não destruir a natureza, ai pego as folhas e tiro o raminho”.

“A doença de pele é com raminho e a água, porque a água sai benta, não sei, pois é, é costume”.

“Na reza uso o pombo roxo, o pinhão roxo, o pau brasil ou a arruda”.

O agrião, aconselho pra garganta.

“A doença do corpo se trata com remédios, com ervas”.

“Eu gosto de ir pro quintal”.

“Eu gosto de usar folhas de pinhão”.

Poderíamos retomar a fala de Dona Valda, no item anterior que se refere aos elementos da natureza, onde ela traz uma lista de folhas que usa para as rezas e para qual enfermidade.

- **Afro atividade**

Façam receitas de remédios caseiros, organizando um afrocardápio para doenças do corpo que se curam na sua comunidade. (Álbum com receitas e ervas).

4ª Estação: SEGREDO

Artefato: Pote/quartinha/água benta – Que guarda a vida na terra, que faz crescer.

Afroreza: “Minha reza é dentro de mim e eu não ensino às pessoas”.

“Não quero dizer, não quero repassar, não tenho filhos e não sinto que está na hora de passar. Tenho uma sobrinha que tenho vontade de ensinar, o nome dela é Gabriele, mas ela inventou de ser crente”.

“(…) é segredo, vou guardar sempre”.

“Não falo, é segredo. Minha reza é pra tudo”.

“Eu rezo pra mim, não falo, rs”.

“A oração para cobreiro, eu rezo em segredo, calada”.

- **Afro atividade**

Vamos fazer um livrinho com provérbios a partir das palavras chaves da estação “segredo”.

5ª Estação: ESPIRITUALIDADE/MAGIA

Artefatos: Folhas – A força, a energia tira o mal e cura o corpo e a alma.

Afroreza: “Rezo às duas horas da tarde, depois das cinco, não rezo e reza do meio dia não faço.”.

“Me sinto bem, mas tem gente com coisa ruim, vem rezar, mas não pego nada não, meu corpo é fechado. Um dia desses, quando dei fé, um homem com coisa ruim me veio pedir uma caridade, disse que tava com espírito ruim e eu disse: ‘Vixe’, mas rezei, porque sabia que não ia pegar, peguei duas folhinhas de carrapateira e rezei nele aqui no meu terreiro”.

“Rezo dentro de casa, porque dentro de minha casa tem santos, acendo as velas dentro de casa”.

“Eu adoro minhas plantas (...) mas às vezes morre porque uma pessoa olhando matou”.

“Se a reza for dor de dente, pode ser pela manhã, certas doenças, a melhor hora é à tarde. Mas, a melhor hora é a tarde, meio dia e seis horas não é bom”.

“Sim, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças, São José. É da Umbanda, Ogum Beira Mar”.

“A doença do corpo se trata com remédios, com ervas”.

“A coisa melhor do mundo, Ave Maria, o dia mais feliz é quando rezo nas crianças, mas quando rezo em adultos, eu não gosto, eles vem muito carregado”.

- **Afro atividade**

Que tal usar a inspiração poética para poesias? Use sua imaginação falando da relação com sua comunidade.

6ª Estação: RELAÇÃO COMUNITÁRIA

Afroreza - Artefato: Terço africano: Elo de ligação com a comunidade, cruzamento com a ancestralidade.

“Graças à Deus, que todos gostam de mim”.

“Vou logo te dizer, se eu menti, pode dizer, todo mundo me adora”.

“Da Serra do Juá até aqui, eu tenho amizade, minha filha”.

“Me sinto muito bem quando sou procurada e quando passo muito tempo sem ajudar me sinto mal. E peço à Deus, que as pessoas não adoçam, mas gosto de ajudar, mesmo que seja só com a palavra, com apoio, me sinto bem demais”.

“Na comunidade, toda hora, vem gente na minha casa, eu recebo, eu ajudo. Não tenho besteira... Eu não...”

- **Afro atividade**

Usando a imaginação poética regional de seu quilombo, escreva a partir dos artefato e palavras uma belo cordel.

7ª Estação: MUSICALIDADE

Artefato: Tambor

Afroreza: “Sabe por que, é por causa da batida do tambor que é forte. Quem já foi, não deixa de ser, se arrepia, quer voltar. São as raízes que é forte, a pessoa pode até ser é evangélica, mas as raízes é mais forte. Vem do fundo das raízes que mexe”.

- **Afro atividade**

Coletivamente, façam uma canção que trace o ritmo das curas das senhoras da reza em sua comunidade quilombola.

APRESENTACÃO: AFROSARAU.

Apresentar os trabalhos no nosso AFROSARAU às 16 hs.

Material para oficina:

Xerox de:

Poesia

Cordel

Provérbios

Textos

Receitas

Prosa

3.5 Descrição do desenrolar da oficina e apresentações do afrosarau

Poesia de abertura Cordel da rezadeira, benzedeira, curandeira

De: Eliene Magalhães

I

Reza, reza rezadeira.

Reza, reza rezadeira.

Benze o mal oiá.

Cura esse mal oh sinhá
Que veio pra me aperriá.

Reza, reza rezadeira.

II

Benze, benze benzeadeira.

Benze, benze benzeadeira.

Tira o quebranto, o mal oiá.

Cura o cobreiro, o vento caído,

Suas mãos vêm me curar,

E os remédios ensinar.

III

Cura, cura curandeira.

Cura, cura curandeira.

Não deixe a tradição acabar

Foia de pinhão vou pegar

Pra molde, meu corpo fechar.

Cura, cura curandeira.

IV

Reza, reza rezadeira.

Reza, reza rezadeira.

Usa a mãe natureza

Pra mode poder curar

Teu terreiro é sagrado.

Reza, reza rezadeira.

Em seguida reza para pedir licença aos nossos ancestrais rezador(a).

Figura 8 – Oficina no Juá - Momento inicial da oficina- 2015



Fonte: Arquivo pessoal

Na oficina houve uma intervenção metodológica Pretagógica através do planejamento orientado para a elaboração das sete estações de aprendizagem. A Oficina Pretagógica serviu de canal para novas descobertas, para o enfrentamento do preconceito e para a reflexão no ato afirmativo. Assim, as palavras, o escutar, enfim os sentidos promoveram essa reflexão na comunidade e em especial nas rezadeiras. Onde a compreensão de que “existe uma unidade cósmica entre os mundos mineral, vegetal, animal e humano, fazendo com que tudo seja interligado. Essa visão de totalidade faz com que os sentidos corporais sejam todos entrelaçados também. Assim as palavras falar e escutar envolvem ver, ouvir, cheirar, saborear, uma percepção total” (PETIT: 2013, P.6), foi fundante no processo.

Vejamos agora como foram as apresentações dos produtos didáticos (afroatividades) realizados e parte das falas de cada grupo socializando para o grupão o que fez, como fez e o que aprendeu.

Primeira estação pretagógica

Como artefato utilizamos a cabaça, trabalhamos grupos misturados com os pesquisadores, as rezadeiras e demais membros da comunidade. Uma das rezadeiras não apresentou dificuldade para participar da atividade por ser evangélica, mas conseguimos contornar a situação, propondo outras atividades.

Trechos da oficina – Rezadeira Dona Valda

Valda - “Meu nome é Valda Timóteo. Sou residente em Porteiras há mais de trinta anos, lá sempre eu faço a recepção das pessoas, pra receber as coisas quando estou presente e quando elas voltam que estiverem sãs é o que me deixa mais satisfeita. Me deixa mais contente com o que faço”.

Sandra - Ok. Então nesse momento a Dona Valda vai pilar com bastante força aquelas coisas positivas que ela aprendeu através da ancestralidade na reza e que são coisas que ficam da relação dela com a comunidade e coisas boas que ela consegue passar através da reza e também essa coisa do conhecimento, da sabedoria. Então ela vai pilar no pilão todas essas coisas... (pilando) isso, ela vai misturar. Mas tem que ser com força e determinação do jeito que ela disse que se fazia antes. Que se fazia...

Valda - Eu era católica né!? mas hoje sou evangélica, mas continuo fazendo o mesmo trabalho que eu fazia quando era católica. Que as religião não é o que cura nós, não salva nem nada. Religião é ter fé em Deus, que Ele é o todo poderoso, só ele pode e mais ninguém. Então se só Deus pode, não é as igrejas. Isso que dizem é certo, que um dia Deus vai voltar e vai levar qualquer igreja, a não ser aquela que não segue ele. Mas os que tá seguindo os mandamentos do Senhor, essa... tem muita concepção de igreja também... estou sempre pronta a receber na minha casa.

Segunda estação pretagógica

Afro Atividade com uso de frases.

Pedimos que a turma escrevesse um livrinho de contos sobre como em sua comunidade tudo começou. Confeccionado com retalhos.

Figura 9- Desenvolvendo a atividade, Diana Duarte, pesquisadora da UERN e a rezadeira do Cercadão Dona Rita.



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Figura 10- Atividades da oficina

Livrinho de contos: Rezadeira Dona Rita de Cercadão e a pesquisadora Diana Duarte, UERN.



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

“É porque eu fico muito emocionada... eu comecei através da luz. Acendia uma vela quando a pessoa estava doente né!? me ligava pra eu rezar. É porque eu tive muito negócio... a pessoa pedia pra mim rezar e eu acendia uma vela praquela pessoa. Aí a pessoa lá ficava boa e eu ficava doente. As vezes desmaiava”.

Eliene - Mas você sentia necessidade em ajudar a pessoa né, mesmo sabendo que você ficava com carrego né!? Como você fazia pra descarregar?

Rezadeira Dona Rita – “Eu começava... eu acendia a luz pedia a cura daquela pessoa, e aquela pessoa lá ficava boa e eu ficava doente. Aí depois pedia a Deus pra tirar isso de mim, aí eu pegava e ficava boa... ficava mal. Aí eu choro porque a única coisa que eu queria... por que isso eu comecei... porque eu tenho uma filha também... aí é tanta coisa... aí ela mal se levanta da cama... ela não quis ainda né...”.

Análise: Dona Rita mostra em sua fala marcas da espiritualidade, embora estava na estação da iniciação, faz relação de quando iniciou com o uso da vela. Mas foca nas premonições, no corpo que carrega o mal que cura e no mal estar que sente depois da reza. (...) Mas, por exemplo, “o quebranto as vezes eu curo só com o pinhão... as pessoas ligam pra mim pra ver se eu rezo... uma cura, aí eu ainda não me curei aí eu... é o quebrando que tiver. Aí eu pego a vela e acendo que é a luz né”.

Terceira estação pretagógica

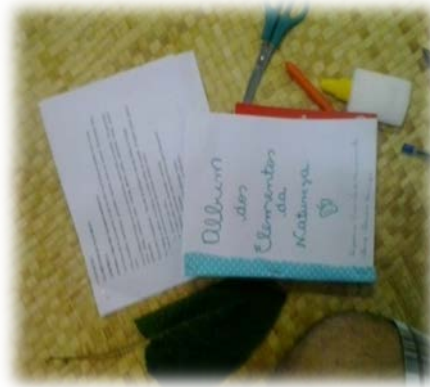
Foram trabalhados os elementos da natureza, chás, mel e lambedores como artefatos africano. Com o uso de cada erva folhas, raiz elas ponderaram sua atividade compartilhando com os componentes de seu grupo.

Figuras: 12 – Atividades da iniciante de rezadeira Camila do Cercadão



Fonte: Arquivo pessoal -2015

Figuras: 13 – Atividades da oficina

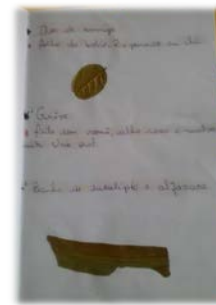


Fonte: Arquivo pessoal -2015

Figura 14 – Capa do Álbum de receitas



Figura 15 – página do álbum



Fonte: Fotos do arquivo pessoal -2015

ÁLBUM DE RECEITAS (Transcrita)

Página 1

Dor de barriga:

Folha de Boldo, preparado em chá

Gripe:

Feito com romã, alho roxo e malva santa: Uso oral;

Banho de eucalipto e alfavaca.

Página 2

Inflamação:

Banho de aroeira, feito com água morna ou reservada;

Garrafadas: Feito com várias ervas.

Página 3

Calmante:

Camomila, folha feito como chá;

Cidreira, folha feito como chá;

Capim-santo, folha feito chá.

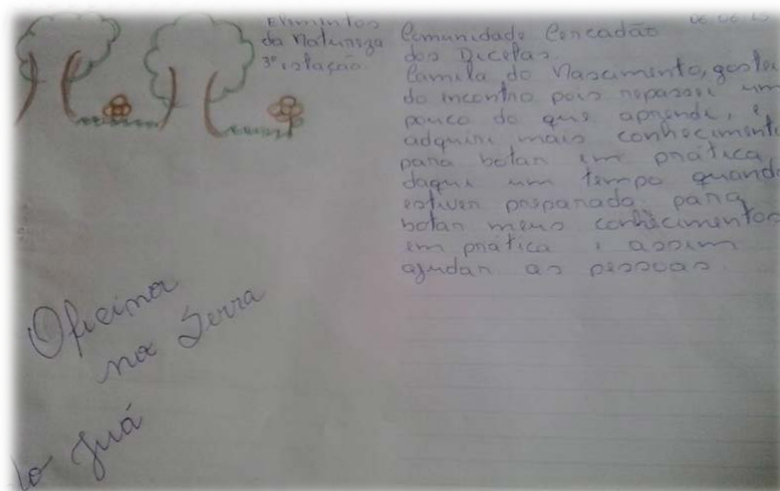
Autores: Rezadeira iniciante Camila e pesquisador Claudio Henrique, graduando na UFC.
Camila, iniciante na reza pela mãe, a rezadeira Dona Prazeres do Cercadão.

Camila, expressa em sua avaliação seus sentimentos quanto ao aprendizado com a oficina. Sentimentos demonstrados pelo pesquisador Cláudio Henrique, no caderno de saberes.²⁴

Figura 16 – Caderno de saberes



Figura 17 – Caderno de saberes



Trecho da oficina – Iniciante a Rezadeira Camila (Sobrinha da Rezadeira Prazeres):

“E eu sou Camila, sou da comunidade de remanescentes de quilombola do cercadão. Aí a gente ficou com os elementos da natureza. Os artefatos chás, méis, xaropes e lambedores. Aí a gente fez um álbum com os elementos da natureza e toda vida quando a gente vai pegar algum elemento da natureza, a gente pede a permissão né!? o ar, as plantas pra poder pegar aquele artefato. Aí a gente vai falar um pouco sobre as receitas que a gente fez. (...) Pois é,

²⁴ Caderno de saberes é um caderno que inventei como metodologia para escreverem seus sentimentos, um diário de sentimentos.

com os elementos da natureza a gente pode ajudar outras pessoas a se curarem. A tia Prazer né... que eu tou aprendendo um pouco, que pra rezar a gente tem que pedir também permissão, pegar lá o pinhão. Aí reza na pessoa, se a pessoa tiver muito carregada, a gente faz banho pra descarrego, a pessoa fica boa né!? aí isso é muito importante pra nossa cultura, porque vem dos nossos antepassados e é repassado de geração em geração. Por isso a importância.”

Análise – Camila pela iniciação entende a importância do respeito aos seres vivos, achei interessante o pedido de licença para realizar suas rezas.

Quarta estação pretagógica

Segredo, artefato pote, quartinha, água

Segue, as rezadeiras Dona Verônica de Porteirias e Dona Suelina da Serra do Juá trabalhando suas rezas e experiências de vida com pesquisadores. A atividade pretagógica sistematizou essa troca de saberes.

Figura 18: Foto da oficina com as rezadeiras Suelina e Dona Dalva



Fonte: Arquivo pessoal -2015

Nessa estação construíram um livrinho de provérbios a partir das palavras chaves da estação “segredo”.

Trecho da transcrição:

“Nós ficamos com a quarta estação. Na quarta estação ela contém o segredo que é representado pela quartinha e a água benta. Esse segredo que guarda a vida na terra, que faz crescer. Em cima desse segredo eu conversei com a Dona Maria Veronica que explicou o tipo de reza que ela faz que é voltada para os animais, para a cura dos animais. Em cima disso nós criamos os livros provérbios da rezadeira das Porteiras. A capa foi ilustrada pela própria Veronica, a contra capa foi ilustrada pela Suelina. O primeiro provérbio diz o seguinte: “Prego entra em outro?” Não, quero dizer que a pessoa não entra em outra. Pode explicar Dona Verônica? O que foi que a senhora disse, quando a senhora falou pra mim?

Verônica: Prego entra em outro? Quero dizer que prego não entra em outro porque é muito duro pra entrar. Um prego no outro tem que ser muito forte... Pronto, esse provérbio que ela citou tá mostrando a resistência que a pessoa tem se vai com a outra. O outro provérbio: “Rezou, curou, reza abençoada”. A outra é uma coisa que ela fala sempre pra todas as pessoas: “Nossa Senhora te proteja e te livre de todo mal”. O terceiro foi: “Eu mato, eu curo”.

A Suelina foi algo que a vó dela dizia: “Eu te benzo, eu te curo, eu te jogo num muturo, eu te levo pras ondas do mar sagrado”. Pode explicar Suelina, essa parte do mar sagrado?”.

Suelina - Sim, o Mar Sagrado é assim, quando minha vó ia rezar nas criancinhas que elas estavam com quebrante, quando estavam mal ela dizia assim... ela rezava e dizia né!? “eu te levo pra onda do mar sagrado”, que era a doença que a criança tinha, ela botava pro mar. Porque as coisas ruins a maioria num vai pro mar!?! então quer dizer assim. A criança ficava melhor.

Maria Verônica, rezadeira de animais, da Comunidade de Porteiras, Caucaia-CE.

Página 2

Prego entra noutro? Não! “Querendo dizer que a pessoa não entra em outra”
A rezadeira Verônica está mostrando pelo provérbio citado anteriormente, que o outro é a resistência.

“Rezou, curou, reza abençoada!”
“Nossa Senhora te proteja e livre de todo mal”.

“Eu mato e curo”
“Eu te benzo, eu te curo, eu te jogo no muturo”

Rezadeira Suelina, da Comunidade Serra do Juá

“Eu te levo pra ondas do mar sagrado”

Página 3

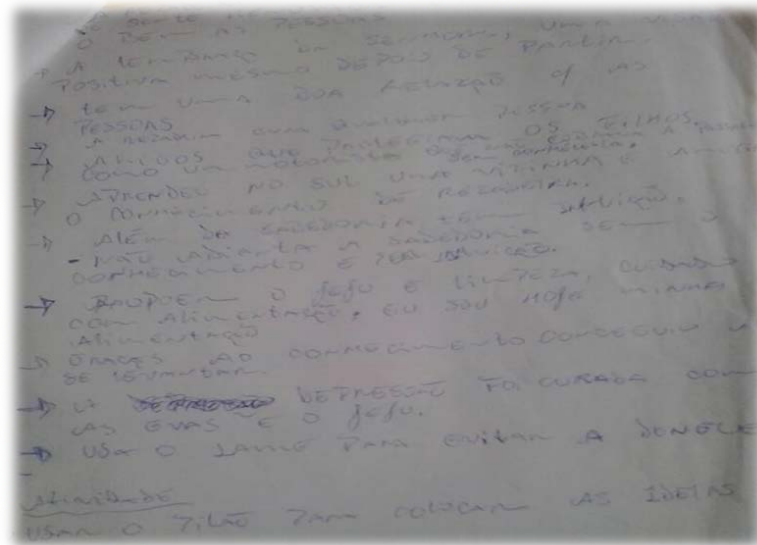
“Deus quando andou no mundo, três mal ele curou: arco, companhia e espinhela levantou”

“Santo anjo da minha guarda
Semelhança do senhor.
Eu peço, eu te rogo,
Se toda graças eu alcançar
Me valei, meu santo anjo!”

Quinta estação pretagógica – Espiritualidade, artefato: folhas.

Afro atividades

Figura 25 – Texto da atividade



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Poesia
A REZADEIRA

Se sente renovada em fazer o bem as pessoas.
 A lembrança da senhora, uma visão positiva
 Mesmo depois de partir.
 Tem uma boa relação com as pessoas
 A rezadeira cura qualquer pessoa
 Amigos que protegiam os filhos
 Como um motorista que não cobrava a passagem
 Sem conhecê-la
 Aprendeu no Sul uma vizinha e amiga
 O conhecimento de rezadeira.
 Além de sabedoria tem intuição
 Não adianta a sabedoria sem o conhecimento e ter intuição.
 Propor o jejum e limpeza
 Cuidado com a alimentação
 Orações e conhecimento conseguiram
 Vale se levantar
 A depressão foi curada com ervas e o jejum
 Usa o inhame para a dengue.

Nessa estação aconteceram descobertas e interação. Ao declamarem a poesia pilaram suas palavras lentamente, feito um processo de aprendizagem.

Trecho da oficina - co-pesquisadora Andressa, estudante de Ciências Sociais da UECE. “Assim, a gente queria representar, falar sobre o que marca essa história que vem de ancestrais, então a gente queria colocar tudo né que representasse as rezadeiras. O desafio que a gente teve foi mais montar a estrutura e o tempo né... foi bem assim pra construir, desconstruir, reconstruir uma coisa assim né!?”

Análise – O trecho aborda a relação ancestral, saberes que vem de longe. Essa relação e ensinamentos perpetuassem até nossos dias e muitos deles são repassados pelas rezadeiras.

Quinta estação pretagógica – Relação comunitária com artefatos: terço africano. As falas das senhoras em entrevista tocam fundo no assunto em relação ao elo com nossa ancestralidade.

Afro atividade

CORDEL: MARIA JOSÉ, MULHER DE FÉ

Maria José, mulher rezadeira
 Mora na serra, mulher de fé
 Rezava na criança, toda hora

Mesmo com a casa cheia
Sem a reza, ninguém ia embora.

Mãe par natureza, dez filhos gerou
Pela sua herança materna, parteira virou.
Pegava criança com muito amor
Desde os 15 anos, dois mil aparou.

Do seu dom, tinha grande respeito
Rezava a noite, ou à tarde
Atravessava rio para salvar
Para aquela a quem precisava, dava seu jeito.

Era mulher de grande valor
Mesinheira das ervas, sabia mais que doutor
Fazia louça de barro
Fazia chapéu também
De tudo fazia um pouco
Querendo fazer o bem.

De uma bela linhagem
Família de rezador
Tio, sogro, sogra e mãe
Esse dom recebido, pago com muito amor.
Rezava com terço, e Salmos também
Tratava o cobreiro, espinhela caída
Dor-de-dente, quebrante do neném
Essa sabedoria da reza
Para uma filha passou.
Para outra não pôde, o parto ensinou.
A energia não podia acabar.
O seu tempo chegou
Com 83 anos, o senhor levou

Deixou mais uma parteira
Cachimbeira²⁵, cinco crianças aparou
Com muito carinho
Essa filha, Dalva, sua história contou.

Autores: Rezadeira Dalva, Helber, professor de Caucaia, Hélio, pesquisador Pedagogo e Kellynia, pesquisadora Mestra em Educação.

²⁵ Cachimbeira - Mulheres parteiras que fazem parto em casa, usando cachimbo de barro.

Figura 26 – Trechos do cordel

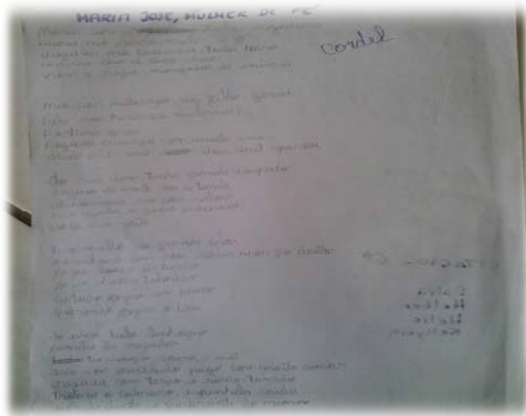
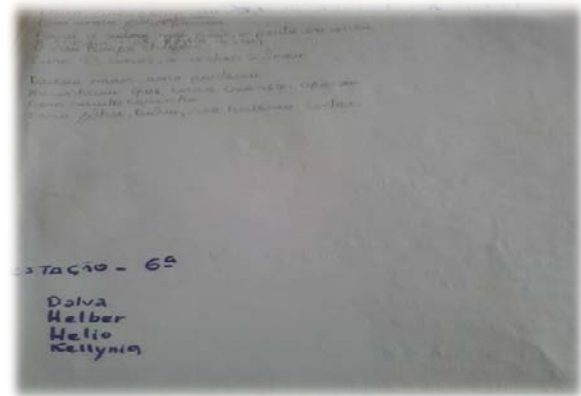


Figura 27 – Trechos do cordel



Fonte: Arquivo pessoal das atividades – 2015

Trecho da oficina - “Helber - Que só a mãe da Dona Dalva ter aparado duas mil crianças né!? Como foi botado aqui no cordel, a gente vê o grande benefício para a comunidade, e outra coisa que ela citou também foi que a senhora mãe da dona Dalva tinha o dom de achar as coisas no saber. Não era mesmo Dona Dalva?”

Análise – Reconhecimento através do cordel da matriarca do juá, respeito à senhoriaidade no quilombo. Outro ofício da maioria das rezadeiras que hoje é muito desvalorizado que é o ofício das ‘parteiras’.

Sétima estação pretagógica

Musicalidade, artefato: tambor.

No quesito musicalidade, as entrevistas transcritas apontam essa relação do toque, da música, da dança, do uso do corpo através da musicalidade.

Uma das rezadeiras disse: “Sabe porquê, é por causa da batida do tambor que é forte. Quem já foi, não deixa de ser, se arrepia, quer voltar. São as raízes que é forte, a pessoa pode até ser é evangélica, mas as raízes é mais forte. Vem do fundo das raízes que mexem.

Afro atividades

Figura 28 - Rezadeira Dona Prazeres, do Cercadão e Pesquisadores.

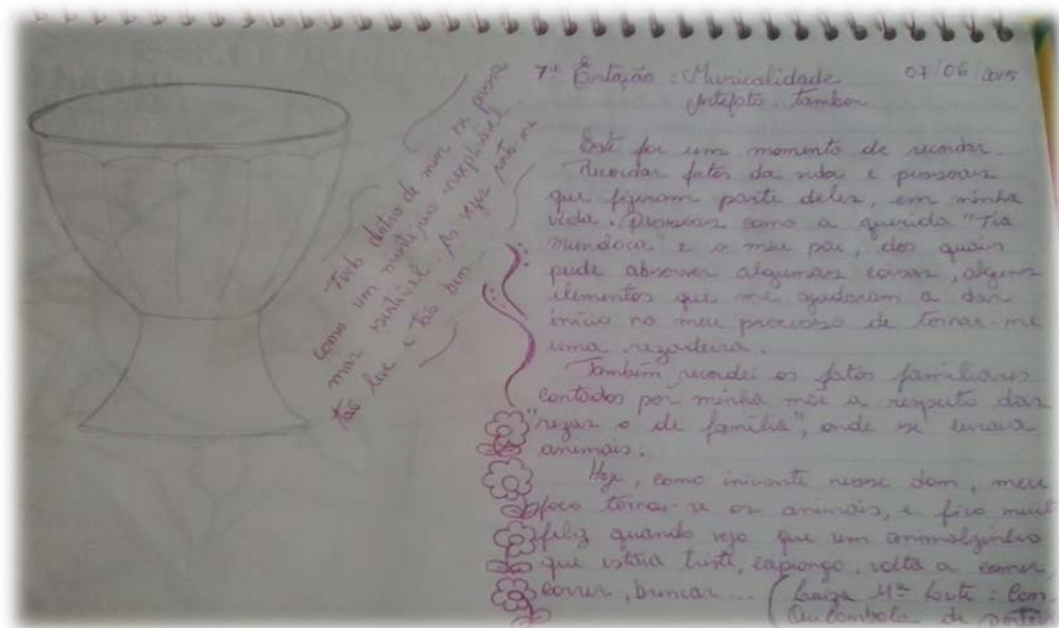


Figura 29 – Pesquisadores trabalhando



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Figura 30 - Avaliação feita por rezadeira de Porteiras Luiza no caderno dos saberes



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

No livro de saberes onde a rezadeira, os pesquisadores e membros da comunidade avaliam e expressão seus sentimentos e emoções, a iniciante de rezadeira, Luíza, comenta “Tudo em mim se passa como um mistério inexplicável, mas sensível. Às vezes sinto-me tão leve e tão bem”.

Análise – A iniciante Luiza refere-se ao fato da reza e o tom e dom que ela trouxe a sua vida, assim como a musicalidade que expressa o tambor.

Em seguida às atividades foram apresentadas em forma de afrosarau para pessoas da comunidade que estavam na escola.

3.6 Reflexões sobre a oficina

Em outro momento voltei a falar com Dona Valda sobre suas problemáticas devido sua história do passado, ‘ a gagueira’ e alguns pontos com relação à reza e a sua relação com a reza como evangélica.

Nessa estação não houve atividades feitas, Dona Valda, rezadeira que se tornou evangélica teve dificuldades em aceitar algumas propostas. Procurei, então, fazer umas perguntas para obter alguns resultados, devido a dificuldade da doutrina da nova religião de Dona Valda que tem ao lado de sua casa uma igreja pentecostal. Fiz algumas perguntas para ver seu grau de compreensão, pois devido a doutrina de sua religião evangélica e por ter uma igreja ao lado de sua casa, ela ficava reservada e sentia- pouco a vontade pra falar sobre seu ofício de rezadeira.

Eliene – O que é a magia na cura?

Dona Valda - A magia na cura só acontece quando se fala as palavras completas. A magia é quando sentimos, todos nós temos magia. Nosso olhar pode atrair, pode nos transmitir. Nós temos muitos conhecimentos no nosso corpo, muita energia.

Eliene – A senhora conhece alguma cantiga da época dos seus avós, bisavós, tataravós na época do escravismo?

Dona Valda - Nunca gostei de música, nunca gostei de cantar, não lembro.

Eliene – O que é mediunidade na cura?

Dona Valda - É uma coisa, que não sei, não sei explicar. Sai espontaneamente, eu não sei nem te explicar, quando a gente tá curando uma pessoa. Sentimos sempre algo diferente, sentimos algo que não sabemos nem explicar, num sei.

Na segunda estação que contempla o marcador iniciação/senhoridade e artefato vela(luz), utilizamos trechos de entrevistas das rezadeiras referente.

Dona Valda falou para Sandra sobre a gagueira devido os problemas que teve com sua mãe por causa de sua negritude. Com o tempo ela disse que venceu, que a senhora que lhe ensinou a reza lhe ajudou a recuperar desse problema emocional.

Nas oficina Pretagógica tivemos resultados satisfatórios. As rezadeiras eram caladas, algumas negavam suas práticas, no transcorrer das oficinas foram mudando suas atitudes, algumas que já foram iniciadas começaram a rezar. As rezadeiras que já rezavam, hoje falam com orgulho de suas práticas.

A comunidade também mudou, na primeira oficina as pessoas eram mais presas, falavam de forma monossilábica e meio tímida. Aos poucos foram soltando-se, expressando-se por meio da fala, posicionando-se. Assim, os resultados foram tal quais retalhos de tecidos que foram transformando-se numa bonita colcha de marcadores das africanidades.

No início das oficinas notei a ausência das rezadeiras em virtude da dificuldade em afirmar suas práticas em público, então, foi necessário buscar em outros quilombos um maior número de rezadeiras para coleta de entrevistas e participação maior nas oficinas, pois no Juá só havia duas e, apenas uma era iniciada.

Depois das entrevistas, das conversas, de nossa presença no quilombo e no meu caso nos quilombos, houve uma transformação. Sinto que as rezadeiras renovaram suas afirmações na afroreza, já falam sem medo que são rezadeiras e quem rezava em cachorros hoje está rezando em pessoas como dona Verônica de Porteiras. Nas entrevistas é evidente a transformação, o reconhecimento na reza como legado ancestral africano.

A jovem rezadeira Luiza da comunidade quilombola de Porteiras, 39 anos, reza em animais e assim vamos em frente deixando nosso rastro positivo nessas comunidades.

Em Juá já conhecia a rezadeira Dalva, Suelina e Mariinha, mesmo tendo sido passagens breves e conversas rápidas, mas foi o suficiente ao revê-las ser conhecidas por elas como alguém que fora para somar e sendo eu admiradora da cultura também tinha proximidade por ser filha, neta e bisneta de rezadeiras. Dalva demonstrou muito aprendizado e mudanças na sua maneira de encarar sua afirmação e ofício na reza.

Durante e após o evento da oficina fala o preconceito sofrido, a princípio desde sua infância pela mãe que sofreu por esse fato de gagueira por longo tempo, em seguida pelo marido.

A rezadeira Suelina confirma sua relação afroquilombola ancestral, comenta que a partir de nossa visita ela tem reforçado em suas atitudes e palavras seu pertencimento.

A rezadeira Prazeres mostra seu aprendizado, um bom resultado. Eis algumas de suas falas:

Você sabe o que cada um traz de mal, energia negativa, nossas mãos, nosso olhar, tenta gaguejar, eu me sinto muito ruim. A magia na cura só acontece quando se fala as palavras completas. A magia é quando sentimos todos nós temos magia. Nosso olhar pode atrair, pode nos transmitir.

Nós temos muitos conhecimentos no nosso corpo, muita energia.

As análises mostram os resultados satisfatórios no tocante à prática e afirmação positiva das rezadeiras quilombolas de Caucaia. Hoje, elas já afirmam que são rezadeiras e tem orgulho disso e que suas rezas que antes eram reconhecidas apenas como católicas, são na verdade afroreza.

Capulanas Rezadeiras (cordel)

Eliene Magalhães

A beleza em flores desfilou
Eis Capulanas, eis rezadeiras em flor.
Reza com fervor, inicia com amor.
É a rezadeira quilombola
Capulana em flor.
Que nos faz ver seu valor.

Canta, reza e cura com fervor.
O perfume da mais singela flor
Exala tua tradição
Em Moçambique é tradição em Capulanas
Em África nossos laços identificou
Eis rezadeiras Capulanas, meu amor.

4 OFICINA CAPULANAS REZADEIRAS NA COMUNIDADE DE PORTEIRAS

Neste capítulo, apresento a oficina com as senhoras da Comunidade remanescente Quilombola de Porteiras, em Caucaia-CE. Com elas trabalhamos a reza contextualizando o ritual das capulanas, que é um artefato cultural de Moçambique, país localizado no Sudeste da África. Elas pintaram a relação dos marcadores e suas rezas em tecidos e em seguida desfilaram mostrando suas belezas. O capítulo é composto de: Histórico de Porteiras, inspiração e planejamento da oficina e Desenrolar da oficina capulanas rezadeiras.

4.1 Histórico de Porteiras²⁶, inspiração e planejamento da oficina

A origem do nome Porteiras vem do fato de antigamente existirem na referida comunidade, muitas porteiras de madeira para que as pessoas pudessem passar e para evitar que os animais invadissem as plantações. Porteiras tem uma população cuja maioria é de negros/as, quase todos/as seus moradores são parentes, por consequência de vários casamentos na mesma família. Dos escravizados que fugiram, vindos de Maranguape e Fortaleza, alguns instalaram-se na serra da Rajada e Sítios Novos e de lá vieram para Porteiras e Serra do Juá. O senhor Vicente, um morador da comunidade, confirma ser neto de uma escravizada que fugiu.

Segundo a Iniciante de Rezadeira Luíza, em relação ao resgate cultural da origem pouco se sabe. Mas, felizmente, aos poucos as pessoas estão buscando esse patrimônio de saberes e fatos históricos através de sua autoafirmação como remanescentes de quilombo. Muitas das famílias que moram lá mantêm laços ancestrais com as pessoas do topo da Serra do Juá onde existem os troncos dos Kalenga e Piringa, escravizados na Serra da Rajada e fugidos para a Serra do Juá no período escravocrata. Lá formaram o quilombo. Na atualidade, as principais famílias dessa linhagem ancestral são os Oliveiras e Rodrigues Lima, que se espalharam entre a Serra do Juá, Porteiras e Boqueirão do Arara.

²⁶ O texto faz parte de informações obtidas através de entrevistas com a quilombola Maria Luiza e por meio de conversas por e-mail e com o pesquisador Leonardo Sampaio (então no INCRA).

Como em muitas outras comunidades quilombolas, ao longo dos tempos foram aparecendo posseiros que se apropriaram das terras de suas terras. Alguns sítios surgiram e outros moradores foram chegando até que se nomeou a Comunidade Remanescente de Quilombos Porteiras, hoje com certificado de reconhecimento da Fundação Cultural Palmares²⁷.

A inspiração para a oficina Capulanas Rezadeiras surgiu através do livro *Capulanas: Um Pano Estampado de Histórias* de Heloisa Pires Lima e Mário Lemos. Quando minha orientadora Sandra Petit o leu teve a inspiração de sugerir-me que adaptasse o conteúdo do livro para uma oficina pretagógica. Eu trabalho em formação para professores do ensino fundamental no SESC com temas afroancestrais, e nessa empreitada, já vinha realizando trabalhos semelhantes, com artesanato, envolvendo tecidos, de forma didática para suscitar a memória, no contexto das aulas, então foi rápida a identificação e adaptação para a pesquisa. Assim, eu e minha orientadora, aproveitamos a inspiração em Capulanas, de Heloisa Pires e Mário Lemos e juntas planejamos a oficina.

Figura 31- Mandala de objetos geradores e inspiradores para capulanas



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Na orientação com Sandra Petit, construímos a metodologia desta feita de forma diferente, sem uso das estações de aprendizados empregadas na oficina de Serra do Juá. A

²⁷ O texto faz parte de informações obtidas através de entrevistas com a quilombola Maria Luiza e por meio de conversas por e-mail como pesquisador Leonardo Sampaio (INCRA).

ideia era fazer uso da técnica da mandala de objetos geradores tal qual Sandra fizera em aulas no quilombo de Novo Oriente no referido curso de especialização e várias outras formações ministradas.

Foi necessário comprar tecidos e tintas para as rezadeiras pintarem suas vidas nos tecidos brancos. A logística da oficina envolveu, malas, objetos associados à reza, tintas, tecidos, além de utensílios necessários para a estadia na comunidade, transporte para que as rezadeiras de Juá e de Cercadão pudessem ir até Porteiras, envolvendo custos monetários à pesquisadora. Tudo foi feito pensando em fazer frutificar a oficina.

Tabela 8 - Planejamento da oficina

Objetos geradores	Elementos da natureza utilizados na cura	Metodologia	Estratégias	Recursos
Pilão; ervas; Nossa senhora Aparecida; Terço africano; Cabaça; Casca de limão; Vasilha de barro; Livro: Capulana.	Água: cabaça Fogo: vela Ar: palavras faladas com o terço. Vegetais: erva, raízes, folhas.	Uso de vídeos Como Amarrar o Bebê na Capulana; Iniciação: Vídeos do Youtube sobre como Usar a Capulana.	Uso da mandala como inspiração para sua arte. Predição com vídeos e palestra.	Data show; Notebook; Pendrive com os vídeos propostos; Panos de Algodão e seda; Pinturas variadas; Pincel; Água.

Fonte: Arquivo pessoal

4.2 Desenrolar da oficina capulanas rezadeiras

Ao começarmos nossa oficina fiz questão de dizer que esse encontro era um momento para falarmos sobre os saberes das rezas das rezadeiras fazendo uma relação com a cultura e com muitos conhecimentos de Moçambique, um país da África, situado ao sudeste do continente, banhado pelo oceano Índico e que faz fronteira com seis países, Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Suazilândia e África do Sul.

Expliquei que o livro *Capulanas: Um pano Estampado de Histórias* de autoria da professora e escritora Heloisa Pires Lima e do moçambicano Mário Lemos²⁸ servia de fonte de inspiração para a oficina e que ele retratava a história das mulheres de sua família e das moçambicanas também.

Lá em Moçambique as mulheres começam a usar a capulana quando se sentem preparadas, na adolescência ou juventude, depois que passam por uma preparação ensinadas pelas chamadas velhotas (senhoras idosas.). Trata-se de um ritual de iniciação acontece quando elas menstruam e as meninas pintam os rostos. Elas são iniciadas por meio da oralidade, assim, ouvem observam e guardaram os segredos que lhes foram repassados, então, ganham suas capulanas que ficaram guardadas até o momento em que se sentirem preparadas.

Assim, quando uma mulher anda com uma capulana, ela já foi iniciada pelas senhoras, chamadas de velhotas, e assim mostram que já podem casar e ser mães. Elas sempre usam duas capulanas, pois se uma cair tem a outra para mantê-las vestidas.

As capulanas podem ser usadas como saias, turbantes, vestido ou para transportar um bebê. Ganhar uma capulana é algo muito especial e importante para uma mulher moçambicana.

Quando uma criança nasce, é logo colocada em uma capulana, para poder observar o mundo, para ir ao rio com sua mãe, observar as pessoas, a natureza, aprender. Os bebês são recém nascidos são colocados na frente, e, quando maiorzinhos são colocados atrás, nas costas da mãe. Vejam algumas imagens:

Figura 32 – Capulana com nenê



Figura 33 – Capulana com nenê



²⁸ As ilustrações do livro são da argentina Vanina Starkoff.

Figura 34 – Capulana com nenê



Figura 35 – Jovem no ritual de iniciação



Fonte: Fotos do Google imagens²⁹

Após essa breve apresentação sobre as capulanas, exibi alguns vídeos sobre as histórias das capulanas. Nesse momento chamei a atenção para a relação com as histórias das rezadeiras. Pois, durante seu processo de iniciação as rezadeiras também escutam, observam, decoram e aprendem com as senhoras mais velhas da sua linhagem/família. Aprendem rimas das rezas, simpatias, remédios, gestos. Normalmente quando se sentem preparadas para iniciarem o ofício da reza geralmente é por volta dos seus 30/50 anos. Dedicar-se ao ofício da reza exige sensibilidade, escuta, além do dom. Pois, sem o dom da reza não é possível realizar esse ofício.

Figura 36 - Conjunto de fotos da oficina de capulana com as senhoras rezadeiras



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

²⁹ Fotos de moçambicana de capulanas: <https://www.google.com.br/capulanas>

Esse processo de iniciação está acontecendo com uma das rezadeiras, Dona Maria dos Prazeres está repassando seus saberes para sua filha Franciane e dona Verônica deve iniciar sua filha Karla, assim como aconteceu com Luiza e seu pai, e dona Dalva que está iniciando Suelina na reza.

Apresentei os objetos geradores da mandala, distribuídos entre os quatro elementos da natureza. Assim, o elemento terra estava representado pelo barro e o pilão usado no preparo das ervas. A cabaça ficou como elemento água por ser um objeto para pegar água e pela sua simbologia de fertilidade, a água sendo indispensável para frutificar o alimento e a vida. O elemento fogo ficou representado pela vela e o elemento ar por palavras ditas com um terço e uma santa negra que é Nossa Senhora Aparecida. Além disso a mandala continha ervas, raízes e folhas representando a importância dos vegetais.

Durante a predição sobre o ritual de iniciação das capulanas e a relação da iniciação das rezadeiras, todas escutaram em silêncio e atentas. Conversamos sobre a importância das rezadeiras repassarem esse ofício para suas filhas para que este ofício continue a existir, mesmo com as dificuldades, pois sabemos que muitas jovens não querem aprender a reza. Falei do porquê de trazer o mote das Capulanas, que era para tratar da linhagem e a importância do repasse de saberes.

A transmissão, no que se refere às rezadeiras tem sido quebrada, ameaçando a continuidade desse ofício. Todas concordaram que essa tradição não deveria acabar, assim, era necessário fortalecer essa prática recheada de saberes marcadamente africanos. Falei sobre a minha trajetória, que fiquei com a tarefa de pesquisar por que na minha família havia rezadeiras que não repassaram os ensinamentos. Reforcei que ser rezadeira era ter sabedoria ancestral tradicional e aprender a ser guardiã, preservar, que hoje, tínhamos instituições ligadas à preservação desse patrimônio como UNESCO, SECULT, IPHAN mas se nós não preservássemos e repassássemos a tradição iria morrer e ser vista pelos nossos descendentes apenas como peça de museu. Assim a preservação da cultura da reza era o motivo maior para realização da pesquisa e dessas oficinas, já que como rezadeiras guardam os ensinamentos dos mais velhos transmitindo às mais novas, preparando-as, iniciando-as para a vida adulta.

Após essas reflexões sugeri que cada rezadeira pegasse seu pano para construir, pintar sua capulana. A sugestão era que essa atividade fosse realizada na varanda da casa de

uma senhora da comunidade, próximo à natureza para inspirarem sua arte, pensando em seus pertencimentos africanos, de acordo com sua vida, sua reza e relação com sua comunidade. Solicitei que com os objetos geradores de inspirações das rezadeiras, que elas pensassem, refletissem sobre a reza e suas vidas em sua comunidade, ou seja, solicitei que desenhassem, pintassem, cada uma em sua capulana suas histórias de vida, para que fossem apresentadas na Culminância na Serra do Juá, para todos e todas da comunidade, incluindo os/as pesquisadores/as.. Não esqueci de dizer que elas tinham toda liberdade em criar, podendo mesclar cores, usar outros elementos para além daqueles que foram levados para a realização dessa atividade, também poderiam trocar ideias, fazerem juntas. Nas fotos abaixo podemos ver um pouco desse momento tão especial:

Figura 37 – Conjunto do panorama do atelier de artes capulanas quilombolas rezadeira em atividades capulanas



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 38 – Varanda de casa quilombola com eu e as rezadeiras



Figura 39 – Rezadeiras pintando suas histórias em pano



Figura 40 – Rezadeira do juá D. Dalva desenhando sua história de reza



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 41 – Mulheres desenhando suas história de reza em pano capulana



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Observar esse momento foi muito instigante, até emocionante, pois, durante a pintura as rezadeiras divertiram-se, conversaram, trocaram ideias, dialogaram sobre a arte que estavam fazendo, com muitos depoimentos emocionados. Foi possível perceber a Pretagogia acontecendo e fazendo acontecer. Momento de conversas múltiplas, individuais, paralelas e de acontecimentos diversos, mas unidos por um acontecimento único: o reconhecimento e fortalecimento de seus pertencimentos, notadamente de sua identidade de rezadeira.

Em seguida fizemos um círculo, uma roda de conversa para socializarmos as capulanas construídas. Esse momento foi especial, pois a arte revela sentimentos que não são verbalizados.

Demos início a esse momento com Dona Dalva, 52 anos, da Serra do Juá que disse:

- Eu aprendi a pintar, rs.
 - Achei muito bom essa oficina, aqui em Porteiras.
 - Eu curo, Deus me deu de graça, mas temos que ler a palavra;
 - Muitos querem aprender isso e aquilo, mas só a palavra liberta.
 - Hoje aprendi algumas coisas, foi bom.
- Após, foi a vez de sua filha, Suelina, iniciante na reza:

- Eu achei muito gratificante, porque aprendi muitas coisas.
- Passei a conhecer o significado de muitas coisas.
- Foi interessante ver essas coisas da África.
- Adquiri muitas experiências, precisamos disso, muitas experiências dentro do que vivencio no dia-a-dia.
- Hoje foi um dia muito importante pra mim, me senti realizada, pelos desenhos da minha comunidade, da minha vida.

Em seguida foi a vez de Dona Prazeres, a única rezadeira que pôde vir da comunidade de Cercadão.

- Foi maravilhosa, uma aula do que somos, e não conseguimos enxergar.
- Foi proveitoso pra mim e vai ser proveitoso para Cercadão. Precisamos de mais oficinas, quero uma, duas, queremos, precisamos pra nos fortalecer, carece muito.
- Quero que você dê uma oficina para as rezadeiras e crianças de nossa comunidade, fazer essa nova geração entender.
- Vou marcar Roda de Cura, estava triste com vontade de desistir, mas você me motivou a militar, a ser eu e fazer minha gente pensar.

Após essa fala emocionada e muito significativa para a pesquisa e para minhas ações, foi a vez da rezadeira Verônica que veio de Porteiras:

Figura 42 – Exposição de capulanas pintadas Figura 43 - Dona Verônica com sua capulana
Eu e D. Maria dos Prazeres



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

- Gostei de estar reunida com minhas amigas.

- Adorei esse trabalho.
- Me senti bem Professora, pude aprender mais né sobre nós, nossa vida, entender um pouco.
- Quero lhe ensinar a reza da costura, quero lhe mostrar, quero viu.
- Hoje, me sinto melhor e mais forte pra rezar, antes rezava em animais, depois que você veio aqui, comecei a rezar em gente, me sinto mais forte, com coragem.
- Agora tenho orgulho de ser o que sou, depois que ouvi você, de aprender.

Após a rezadeira Verônica foi a vez da nossa rezadeira mais jovem, a Luíza que é de Porteiras:

- Eu achei maravilhoso o trabalho, me senti linda.
- Foi muito bom ter aprendido um pouco sobre as capulanas, suas utilidades e significado.
- Quero aprender mais, quero melhorar e conhecer a cultura.

Após esses depoimentos enriquecedores para a pesquisa, uma pesquisa que é para a vida, e não apenas para os textos escritos, fizemos um desfile onde cada uma andou vestida com sua capulana, foi mais um exercício de identificação e empoderamento. Foi um momento de muitas risadas que transbordaram poesia e fortalecimento do ofício da reza, por meio do reconhecimento da sua grandeza. Momento registrado na memória e em muitas fotos que foram tiradas por mim e por algumas rezadeiras.

O desfile surgiu como forma de valorização da arte, da beleza e do trabalho, da cultura e do reconhecimento a seu pertencimento afro. No seu decorrer pude recolher depoimentos espontâneos como o de Dona Valda que confessou a alegria do reconhecimento dessa prática e relatou que não deixará a tradição por causa da doutrina religiosa, apesar dela ser evangélica. E ficou muito emocionada, disse que agora sabia que o que ela fazia tem valor. Suelina afirmou querer aprender mais e ser uma rezadeira de mão cheia, E Dona Verônica reconheceu a importância da reza e do uso dos elementos da natureza, falou também que vive da agricultura de subsistência, que criou seus filhos assim e possui forte ligação com a terra.

Após o desfile, agradei novamente, solicitando mantermos contatos, até por que aquele momento seria socializado com toda a comunidade e os demais pesquisadores no momento de nossa Culminância Final. Mais uma vez solicitei que falassem um pouco sobre o que aprenderam e se esse aprendizado fora positivo, vejamos algumas falas:

Verônica Foi através dessas oficinas que me fortaleci, hoje digo que sou rezadeira, rezo não só em animais, já rezo em pessoas.

Eliene – Que bom minha querida.

Valda – Oh Eliene. Eu adorei hoje, posso dizer que sou rezadeira.

Suelina – Isso faz a gente se sentir bem, uma rezadeira, lembro de meus antepassados, de minha avó.

Eliene – Conte comigo Suelina, você e vocês tem em minha pessoa uma eterna amiga.

Luiza – Amei Eliene, vou agora desenvolver minhas rezas e melhorar, me sinto uma rezadeira.

Eliene – Muito bom Luiza, temos que fortalecer os mais novos nessa prática.

O desfile teve o propósito de valorizar a beleza das senhoras quilombolas e levar ludicamente a alegria do SER QUILOMBOLA de forma positiva.

Figura 44 – Desfile e prova das capulanas



Figura 45 – Prova das capulanas



Figura 46 - Luiza, 39 anos, Porteiras



Figura 47 - Suelina da Serra do Juá



Figura 48-Dona Dalva, 52 anos – Serra do Juá



Figura 49 – Exposição



Fonte: Arquivo pessoal

Quem é que pode com a espada de Ogum.
Quem é que pode com a espada de Xangô.
Quem é quem pode com a filha de Oxossi.
Porque nas matas tem um dragão vencedor.
(Canção cantada na Roda de Cura pela
rezadeira Prazeres)

5 OFICINA DOS ARTEFATOS GERADORES NAS ESTAÇÕES DE APRENDIZAGEM - COMUNIDADE REMANESCENTE CERCADÃO DOS DICETAS

Esse capítulo aborda uma oficina dos artefatos geradores das estações de aprendizagem, na comunidade remanescente Cercadão dos Dicetas, no Icaraí, Caucaia. O público alvo foram as rezadeira da comunidade, iniciantes da reza, crianças e adultos. O capítulo é constituído de: Histórico da comunidade, Como surgiu a oficina – uma problemática em solo quilombola, Distribuição do material na Oficina de Artefatos Geradores nas estações de aprendizagem, Primeira parte da Oficina de Artefatos Geradores nas estações de aprendizagem, Segunda parte da oficina: Resultados- apresentações.

5.1 Histórico da Comunidade³⁰

A Comunidade Remanescente Cercadão dos Dicetas está localizada no Icaraí, no município de Caucaia, Estado do Ceará. A comunidade conta com 140 famílias aproximadamente. Cercadão é uma comunidade remanescente de quilombo, com certificação oficial da Fundação Palmares.

Cercadão é lugar de um povo corajoso, que soube lutar para efetivação e autonomia de sua comunidade, é um bom exemplo de resistência no Ceará. Alia-se a esse fato a história da Rezadeira D. Maria dos Prazeres, uma enfermeira e médica tradicional de sua comunidade quilombola.

Prazeres é filha de rezadeira e de uma parteira da comunidade, Maria de Lourdes Campos, falecida aos 84 anos em 2014. Maria de Lourdes herdou o seu ofício de rezadeira de sua mãe, Dona Maria Pereira de Souza, falecida aos 92 anos, uma senhora que se tornou viúva jovem e criou seus 12 filhos sozinha, época em que se tornou uma excelente rezadeira.

A rezadeira Prazeres relata que os mais velhos como dona Tindó de 103 anos e seus ancestrais e alguns quilombolas de mais de 90 anos contam que a comunidade foi fundada em

³⁰ Pesquisa construída pela comunidade com a Articulação Política de Caucaia-CE.

1.710, século XVIII, por um grupo de refugiados africanos. Segundo Dona Prazeres, o Sr. José Gomes dos Santos de 84 anos (falecido), membro da família de Franciane Campos Medeiros da Comunidade Cercadão, o navio saiu do Norte da África com uma tripulação fugindo de uma grande enchente e ao chegar às proximidades da Barra do Ceará a embarcação encalhou e dele desceram dois homens e uma mulher de nomes: Manoel Gomes dos Santos e Tereza Coca. Segundo Sr. José Gomes dos Santos, seus ancestrais relatavam que esse grupo de africanos conseguiu chegar até um lugar desconhecido, onde só havia dunas e matas.

Contam que nessas dunas foi fincado um marco ao qual deram nome de “Rumo” e ali fizeram um casebre de palha para morar.

Segundo a comunidade, muitos foram os desafios para que o quilombo Cercadão continuasse firme e forte. Seus antepassados viveram momentos de opressão, os donos de terras derrubavam as cercas durante a noite e no outro dia eles levantavam novamente, daí o nome CERCADÃO. Contudo, hoje, pelo USUCAPIÃO conseguiram as escrituras das terras que moram a séculos. Comunidade erguia novamente, os donos de terras não conseguiam destruir Cercadão que ainda hoje segue sobrevivendo. Na época segundo Prazeres, aconteceram muitas ameaças de morte, segundo seus ancestrais, violência que também foi vivenciada por ela.

Todo esse histórico foi colhido pela comunidade através dos pesquisadores chamados: Leonardo Sampaio, Felipe Marx e Marcelo Marques, por meio da Secretaria de Articulação Política para a Secretaria de Cultura de Caucaia.

5.2 Como surgiu a oficina - Uma problematização no solo quilombola

A oficina nasceu da necessidade de enfrentamento ao preconceito oriundo da fundação, no quilombo, de duas igrejas pentecostais, que estão dificultando o respeito, a continuação e divulgação da cultura ancestral na comunidade, especialmente das rezadeiras.

Nesse momento, senti-me feito Nzinga ao enfrentar uma batalha, causou-me um certo estranhamento, mas logo veio a necessidade de proteger a tradição, ser guardiã das rezadeiras e junto a isso surgiram diversos sentimentos como medo, ansiedade, curiosidade e coragem.

Vi e senti o cheiro de guerra, nas palavras de Dona Prazeres e do rezador Antônio. Refleti naquele momento o quanto a Pretagogia poderia contribuir com essa causa, no sentido de proteger as crianças e as rezadeiras da intolerância religiosa pois são as mais visadas por adeptos dessas igrejas que tentam exigir que mudem seus pertencimentos religiosos e fiquem filiados só às deles. Tendo em vista esse problema, a rezadeira Prazeres, na oficina das capulanas rezadadeiras, solicitou-me que ministrasse uma oficina no quilombo do Cercadão e participasse de um ritual³¹, que só as rezadeiras fazem na comunidade. Este ritual está sendo ameaçado, pois os evangélicos ameaçaram apedrejar caso ouvissem os tã tã (tambores) tocarem.

Cheguei à comunidade de bagagem para dormir, pois Prazeres pediu que a roda de Cura acontecesse a noite, antes da oficina com as crianças na creche.

Figura 50 - Chegada ao anexo quilombola.



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

A creche é uma escola que a Presidenta da Associação, a rezadeira Prazeres, e a comunidade organizaram para ensinar crianças a valorizar a tradição. Atrás dela há uma horta

³¹ Ritual: Roda de Cura – É um ritual afroancestral que os bisavós e avós de Prazeres antigamente realizavam com a comunidade na mata mas hoje acontece em seus terreiros (quintais) Nesse ritual usam-se canções da umbanda, banhos, velas e tan tan (tambores) para purificar e descarregar corpos e fazer benzeduras. É realizado em roda dançada a cada música com toque de palmas do início ao final.

onde cultivam agricultura de subsistência e plantas medicinais para as rezas, em frente está fincada uma mangueira secular, lugar de contação de histórias e namoros.

Sobre a Roda de Cura, o escritor Manuel Casqueiro, 69 anos, africano da Guiné Bissau que presenciou em Angola o ritual, comentou em entrevista:

Roda-de-Cura é uma sagração ancestral existente em vários países do mundo. Na África pode-se designá-la como “abertura de caminhos”, “elo sagrado” já que a Roda cria uma movimentação intensa (transmutação de energia) que, com a concordância e a finalidade (a cura física e espiritual) de quem nela está, a “transformação” e o “despertar” sucedem. (...) O que me chamou a atenção foi a indumentária do curandeiro. Rosto pintado de branco ou cinza, na cabeça usava um gorro de pele que me pareceu de cabra, colares de sementes e saio de ráfia por cima da tanga. Lá pela metade (deduzo) do ritual foi sendo passado de uns para os outros da Roda um cachimbo mais longo dos que eu conhecia. Cada um dava sua tragada. Não posso assegurar que tipo de fumo, mas o cheiro era enjoativo e malcheiroso.

Chegando lá, jantamos e começamos os preparativos para participação na Roda de Cura. Fiquei observando a movimentação e me ative a um momento especial, quando o Rezador Antônio, de 50 anos, (...) acendeu várias velas, brancas e verdes. Segundo o rezador Antônio, a branca é para o anjo da Guarda, a verde é para o Orixá das matas, Oxossi. Ele pede permissão para a realização do ritual e para que o ritual possa ser gravado e fotografado. Observo que Antônio faz um gesto com os dedos, estalando-os, fecha os olhos, louva e pede permissão.

Nessa noite o Ritual é realizado sem tambores por dois motivos: Luto pelo falecimento de uma das matriarcas partida recentemente e também para que os evangélicos não escutem e “criem caso”.

No ritual participaram mulheres, homens, jovens e crianças. As crianças participariam da oficina preparada para acontecer no dia seguinte. O ritual antecedeu a oficina para que eles pedissem proteção e continuação de sua tradição afroancestral. Vejamos o diálogo que tive com o Sr Antônio:

Eliene – A quem você está pedindo permissão, Antônio?

Sr. Antônio – Ao guia das matas, é ele que defende a natureza.

E vocês podem acender velas para outros guias, para o anjo da guarda, das águas, outros, não é obrigado ser só o meu guia não.

Eliene - Vejo que você organiza a roda por sexo?

Sr. Antônio – Sim, mulheres de um lado e homens de outro, só os rezadores que começam e fazem as rezas e benzeduras.

Em seguida todos ficaram cantando canções (umbandistas) sempre puxados pela rezadeira Prazeres e pelo rezador Antônio. Cantam em grupo, de mãos dadas e em círculo, mulheres de um lado, homens do outro.

Canção

Arrei as cortinas do céu,
Arrei as cortinas outra vez .
Com sangue de Cristo
Eu me lavei, eu me lavei.
Povo de umbanda vem ver
Vem ver os filhos teus (...)
Defuma essa tenda de caboclo
Nas horas de Deus.

Depois do Ritual, começamos a encaminhar a preparação para a oficina dos objetos geradores com crianças e rezadeiras. Eu e Prazeres aproveitamos para convidar as crianças e jovens que lá estavam.

Figura 51 - Jardim de uma moradia quilombola



. Fonte: Arquivo pessoal

5.3. Distribuição do material na oficina de Artefatos geradores nas estações de aprendizagem

Figura 52 - Anexo quilombola - creche da comunidade - 2014



Fonte: Arquivo pessoal.

Creche da Associação Quilombola Cercadão dos Dicetas - Anexo quilombola Público
alvo: Rezadeiras, jovens e crianças.

Todas as estações, constaram de objetos/artefatos (terço, pote, quartinha, ervas, santa, pilão, cabaça, tambor) para suscitem associações de ideias com os valores e marcadores das africanidades trabalhados (oralidade/segredo, o sagrado, musicalidade, elementos da natureza, corporeidade/ancestralidade), trechos das entrevistas com a rezadeira Dona Prazeres e material paradidático (livros infanto juvenis). Eu e minha orientadora organizamos as estações de modo a sugerirem interdisciplinaridade (entrelaçamento de várias áreas disciplinares), focando alguma(s) dimensão(ões) dos valores da cosmovisão africana envolvidos no ofício da reza, esses valores foram extraídos principalmente das entrevistas com Dona Prazeres. Assim foram trabalhados os valores oralidade/segredo. Também nos preocupamos em preparar uma tarefa (afroatividade) que pudesse gerar um produto didático, isto é uma tarefa que envolvesse alguma forma de autoria dos alunos e acompanhantes adultos, já que a oficina teve um público de 16 pessoas, entre crianças (10), adolescentes e adultos (6), sendo portanto intergeracional. Essa autoria é importante que permita uma produção interdisciplinar ou transversal a vários temas e áreas de conhecimento das africanidades, sempre entrelaçados com marcadores e valores filosóficos africanos e precisa servir para gerar novos aprendizados, se aplicado com outras pessoas.

1ª ESTAÇÃO - Terço africano (Oralidade / Segredo)

“Aprendi com a minha mãe. Minha mãe era parteira e além de parteira era curandeira, fazia partos e rezava em crianças e nas pessoas da comunidade. Então ela passou pra mim o segredo da reza e aprendi. Ela faleceu e eu continuei a rezar.” (Dona Prazeres).

Figura 53 - Material paradidático 1



Figura 54 - Material paradidático 2



Arquivo pessoal – 2015

Conto: **Lendas de Exu**, de Adilson Martins - Capítulo: A Pior Coisa do Mundo, p. 39-40, Ed. Paulus, Rio de Janeiro, 2005.

Fábula Africana: **Os Segredos da Nossa Casa**

Memórias das Palavras, A Cor da Cultura, 2006. (Mini dicionário de palavras de base africana).

AfroAtividade:

Recriar o conto, em forma de livro, fazendo relação com os aspectos do segredo na comunidade.

Utilizar no conto palavras de matriz africana.

Áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Literatura, História e Ensino Religioso.

2ª ESTAÇÃO - Santa (o sagrado)

“Primeiramente a Deus, chamo à Deus para me dar força e proteção para curar. Peço à Deus que me fortaleça. Graças à Deus que tenho 50 anos e nunca fiz mal a ninguém. Porque quem cura mesmo é a fé.”

“Sim, peço licença a natureza para usar e não destruir a natureza, aí pego as folhas e tiro o raminho.”

“As orações, sempre o que vem na mente, aquele orixá, a Deus pedindo para que a pessoa se sinta bem.”

Figura 55 - Paradiático 3



Figura 56 – Jogo da memória



Fonte: Arquivo pessoal

Conto: **Epé Laiyé -Terra Viva**, Maria Stella Azevedo Santos, Salvador, Bahia, 2009.

Jogo da memória **com objetos da reza.**

AfroAtividade:

Mapa da Natureza do Cercadão;

Desafio com jogo da memória

1. Objeto usado na África e quilombo para socar ervas?
2. Santa negra, encontrada na época do escravismo, padroeira do Brasil?
3. Objeto que serve de cuia para água na reza, etc, artefato para instrumento musical, para guardar utensílios.
4. Folhas muito usadas nas benzeduras, que tem poder de tirar o mal?
5. Elemento da natureza, que é indispensável à vida, saúde e que tem muitas utilidades na benzedura.

6. Terço com cores da África, muito usado em Salvador?

Áreas de conhecimento: Literatura, Ensino Religioso, Geografia e Educação Ambiental.

3ª ESTAÇÃO - Tambor (Musicalidade)

“Tambores, o tan tan, que chamamos aqui. Ai as pessoas dançam as músicas dos orixás, ai as pessoas se alegram e cantam.” (Dona Prazeres)

Figura 57 – Livro Paradidático 4



Figura 58 – Jogo da memória



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Conto: Capulanas - Um Pano Estampado de Histórias, Capítulo: **Festa Que é Festa é Mais Que Batuque a Tocar, Tem Que Ter Capulana a Girar na Roda da Marrabenta**, Heloisa Pires Lima e Mario Lemos, Ed. Scipione, 2014.

Jogo da memória com nomes de objetos de **instrumentos afro** e outros que usamos no cotidiano, de origem bantu.

AfroAtividade:

Relacionar danças e músicas da África e Brasil;

Discutir o aprendizado relacionado com a comunidade e as palavras faladas de base bantu/africano.

Áreas de conhecimento: Ensino Religioso, Artes e História.

4ª ESTAÇÃO - Água no pote/quartinha, ervas (Elementos da natureza)

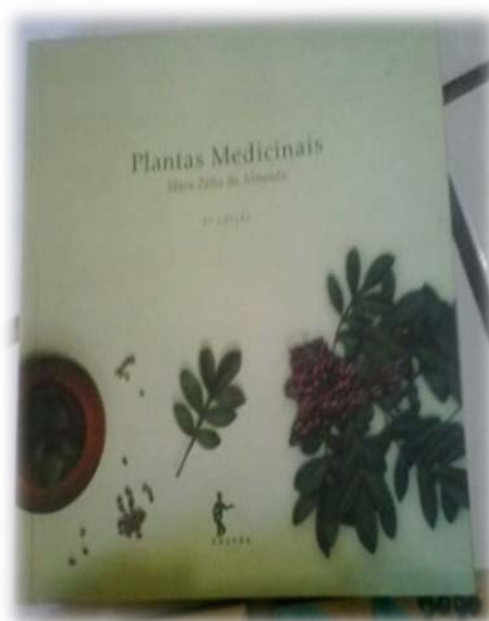
“Há sim, e ajuda sim, porque se usa as plantas medicinais como medicamentos e quando não dá certo procura se o médico.”

“Com as plantas medicinais, as rezadeiras ajudam a combater alguns males.”

Figura 59 - Material didático



Figura 60 - Material didático



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Lenda Africana: **Catendê**, Power Point.

Livro: **Plantas Mediciniais**, de Maria Zélia de Almeida, Salvador, EDUFBA, 2011.

AfroAtividade:

Apresentar o uso das folhas e ervas na comunidade (escrita e desenho).

Áreas de conhecimento: Literatura, Ensino Religioso, Ciências Biológicas, Artes e História.

5ª ESTAÇÃO - Pilão/cabaça (corporeidade) (ancestralidade)

“A minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e que veio antes delas.”

“Veio antes dos meus pais, dos meus avós.”

“Se cura doenças, do corpo e do espírito.”

Figura 61 - Material Paradidático 5

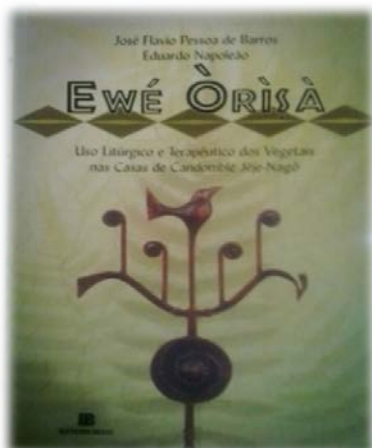


Figura 62 – Jogo da memória



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Receitas

Jogo da Memória com **Ervas usadas pelas rezadeiras;**

Livro: **Ewé Órisa: Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô**, de José Flávio Pessoa de Barros e Eduardo Napoleão, Rio de Janeiro, Bertrand, 2013.

AfroAtividade:

Desafios (perguntas)

Planta que afasta e quebra toda energia negativa?

R. Comigo-ninguém-pode.

Planta que tem nome de santo e corta energia negativa?

R. Espada de São Jorge.

Planta que combate energias pesadas e é afrodisíaca? R. Pimenteira.

Raiz que é antisséptico, anti-inflamatório, conservante, digestivo e expectorante?

R. Gengibre

Erva indicada para estômago, nervos, insônia, dores, palpitações no coração e resfriados?

R. Erva-cidreira.

Para que serve o hortelã?

R. Para inflamação, é calmante, anti inflamatório, digestivo e expectorante.

Para que serve o capim cidreira ou capim limão?

R. Para diminuir ansiedade, é analgésico, expectorante e diurético.

Área de conhecimento: Ensino Religioso, Ciências Biológicas e História.

5.4 Primeira parte da oficina de artefatos geradores nas estações de aprendizagem

A oficina aconteceu com algumas explicações iniciais sobre o que era para fazer, construção dos produtos didáticos e em seguida apresentações. Houve uma predição para abordar as literaturas propostas e fazer relação com as estações, os objetos geradores com seus artefatos e respectivos marcadores africanos.

Tal qual fiz na primeira oficina da Pretagogia, expliquei o que propõe a Pretagogia, o que são os marcadores africanos e seus artefatos correspondentes ao planejamento. A seguir, trechos da minha fala em cada estação:

“Temos a literatura que é um conto, “Lendas de Exu” e uma Fábula Africana, que fala sobre o segredo. Há um provérbio africano que diz: “A palavra vale prata e o segredo vale ouro”, tal provérbio nos diz que as palavras servem para construir e destruir e que temos que ter muito cuidado, então as rezadeiras guardam o segredo de suas rezas e isso é africano, o nome da fábula é: ‘Os segredos da Nossa Casa. Fábulas são histórias onde animais falam e são personagens junto com as pessoas. Temos também esse livrinho *Memória das Palavras*, um minidicionário de palavras de matriz africana faladas por nós em nosso cotidiano. Ao final, podemos fazer a relação entre o livro, a fábula e o provérbio na concepção de que “as palavras servem pra destruir e pra construir”. Aqui, percebemos que iremos envolver língua Portuguesa, Religião e história”.

Apresentei a divisão da equipe com a rezadeira Prazeres e as duas iniciantes na reza, Camila e Francinete, filhas de Prazeres e que estão sendo iniciadas por ela no ofício da reza. Direcionei as atividades, sugerindo que no primeiro momento lessem o texto escolhido e, após esse momento, recriassem um conto fazendo relação com os aspectos de segredo da sua

comunidade. Solicitei ainda que o trabalho fosse feito na forma de pequeno livro e que usassem palavras de matriz africana faladas habitualmente em seus cotidianos.

Após esse momento partimos para a **segunda estação**, onde tínhamos como artefato a Santa Negra, padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, a santa dos quilombolas e marcador africano do ‘Sagrado’ (Espiritualidade/Religiosidades pretas). Eis minha fala:

“A citação inspiradora da Afroreza é de autoria da Rezadeira Prazeres, desse modo, seguem algumas falas da Rezadeira que foram adquiridas na entrevista realizada com ela:

“Primeiramente a Deus, chamo a Deus para me dar força e proteção para curar. Peço à Deus que me fortaleça. Graças à Deus que tenho 50 anos e nunca fiz mala ninguém. Porque quem cura mesmo é a fé.”

“Sim, peço licença a natureza para usar e não destruir a natureza, ai pego as folhas e tiro o raminho.”

“As orações, sempre o que vem na mente, aquele orixá, a Deus pedindo para que a pessoa se sinta bem.”

Com essas citações e os elementos falados agora, mais o material didático que apresento agora pedi para fazer uma contextualização do uso desses elementos na comunidade e na reza. O conto *Epé laiye - Terra Viva* fala da natureza, das plantas, assim confeccionei, para vocês, um jogo da memória com objetos da reza. Tem um desafio do jogo da memória, que é reconhecer os marcadores existentes na própria comunidade e valorizar nossa memória, fazendo uma relação com os textos lidos, assim, formulei perguntas para estimular esse desafio do jogo da memória”.

Após esse momento outra atividade proposta foi à criação de um mapa da natureza do Cercadão a ser confeccionado em uma cartolina ou papel madeira, podendo utilizar tintas, tecidos, etc. A leitura dos textos era para os inspirarem a produzirem, além do mapa, outras perguntas para nosso jogo de memória.

Sobre a **terceira estação** explicitarei: “nós tivemos o tambor, assim, iremos trabalhar o artefato tambor representando o marcador africano da musicalidade”.

Figura 63 - 3ª estação com jogo, literatura e tecido de chita.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Neste quesito escolhi, como dispositivo, a citação da entrevista com Prazeres quando fala no ritual das rezadeiras ‘roda de cura’, quando ela fala: “Tambores, ou tan tan, como chamamos aqui. Com eles as pessoas dançam as músicas dos orixás, aí as pessoas se alegram e cantam.”

O material didático distribuído para esse momento foi o livro *Capulanas - Um Pano Estampado de Histórias*, especialmente o capítulo intitulado *Festa Que é Festa é Mais Que Batuque a Tocar*, pedi que lessem. Como complemento trouxe o texto *Tem Que Ter Capulana a Girar na Roda da Marrabenta..*, esse texto fala sobre o ritmo da marrabenta que vem de Moçambique, similar ao Maxixe do Brasil desenvolvido pela maestrina negra Chiquinha Gonzaga³².

³²Chiquinha Gonzaga era filha de José Basileu Gonzaga, general do Exército Imperial Brasileiro e de Rosa Maria Neves de Lima, uma negra muito humilde. Apesar de opiniões contrárias da família, casou-se após o nascimento da menina Francisca. Chiquinha Gonzaga foi educada numa família de pretensões aristocráticas (seu padrinho era Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias). Ela conviveu bastante com a rígida família do seu pai. Fez seus estudos normais com o cônego Trindade, um dos melhores professores da época, e musicais com o Maestro Lobo, um fenômeno da música. Desde cedo, frequentava rodas de lundu, umbigada e outros ritmos oriundos da África, pois nesses encontros buscava sua identificação musical com os ritmos populares que vinham das rodas dos escravos. Foi a primeira maestra do Brasil. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquinha_Gonzaga

Após a leitura, a atividade foi jogar o jogo da memória, discutir os marcadores, os objetos citados no jogo, fazendo uma relação com os instrumentos afros e outros utilizados em nosso cotidiano e que têm origem bantu.

Trabalhamos também o livro *Memórias das palavras da Cor da Cultura* e a atividade proposta foi relacionar as danças do Brasil, com a origem africana. A intensão com a proposta dessa atividade foi relacionar com a comunidade e as palavras faladas de base bantu/africano. Após as palavras reconhecidas, o próximo passo foi tocar o tambor, ou seja, criar música por meio da musicalidade oriunda desse tambor. Eles já tinham uma relação próxima com o tambor em virtude do projeto *Escuta*³³ do qual fazem parte.

Deixei-os livres para explorarem suas criatividades e escolherem os materiais desejados entre aqueles que estavam na mandala que se encontrava no centro da sala. Uma criança perguntou se era para repetir a história, então, expliquei novamente que era para recriarem a partir do material didático um artefato e marcador africano.

Na **quarta estação**, os artefatos da cultura negra eram a água no pote/quartinha, ervas. O marcador africano era ‘Os elementos da natureza’. A citação correspondente à estação são, também de Prazeres, as seguintes:

“Há sim, e ajuda sim, porque se usa as plantas medicinais como medicamentos e quando não dá certo procura-se o médico.”

“Com as plantas medicinais, as rezadeiras ajudam a combater alguns males.”

O material didático foi o texto *Lenda Africana: Catendê* apresentado por meio do Power Point e o livro *Plantas Medicinais*. Esses materiais são os facilitadores da atividade proposta logo a seguir.

A atividade proposta foi apresentar diferentes modos do uso das folhas e ervas na comunidade, essa apresentação deveria dar-se por meio da escrita e/ou desenho...

Assim, solicitei que fizessem um livrinho com ilustrações ou conto, ou um cartaz com uma ilustração, explicando que a imagem tem um importante poder de fala.

³³ Escuta é uma ONG que trabalhou com projeto de confecção de tambores e artefatos da cultura negra no quilombo.

A **quinta estação** teve como s o pilão e a cabaça e seus marcadores africanos foram a corporeidade e a ancestralidade. Prazeres abriu estação dizendo:

“A minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e que veio antes delas.”

“Veio antes dos meus pais, dos meus avós.”

“Se cura doenças, do corpo e do espírito.”

O material didático é livro *Ewé Órisa: Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô*, de José Flávio Pessoa de Barros e Eduardo Napoleão. Falei: “Vocês irão fazer um Jogo da Memória com as ervas utilizadas pelas rezadeiras”.

Uma criança perguntou se podia “inventar perguntas”, eu disse que sim e que utilizassem o material didático da estação como inspiração.

Desafios (perguntas).

Após apresentar as estações com a atividade sugerida, disponibilizei todo o material para eles: tecidos, tintas, papéis, lápis de cor e de cera, cola, gravuras, folhas. Sugeri que fizessem uma capa dura e bonita para quem produzisse livros. Foi um momento de alvoroço quando fiz perguntas como: *Quem vai usar tintas?*

Criança 1- Tia eu quero!

Criança 2- Eu quero!

Criança 3- Eu quero!

Várias crianças gritaram ao mesmo tempo!

5.5 Segunda parte da oficina: resultados- apresentações

Após essas produções inspiradoras veio o momento das apresentações daquilo que foi produzido em acordo com cada estação.

Assim, solicitei que cada membro da estação se apresentasse e dissesse sua idade e a série escolar que estava cursando. Vamos ao desenrolar desse momento tão especial:

As crianças co-pesquisadoras

Primeira Estação – Segredo - Oralidade - Terço Africano

Geovana, 11 anos, 5º ano

Andressa, 9 anos, 4º ano

Antônia, 8 anos, 3º ano

Segunda - Estação – Santa negra (Nossa Senhora Aparecida)

Beatriz, 10 anos, 5º ano

Lilian, 6 anos, 1º ano

Jennifer, 10 anos, 5º ano

Kellyanne, 9 anos, 4º ano

Terceira Estação – Tambores - Musicalidade

Camila, tenho 21 anos e estou cursando pedagogia, na faculdade AFADI, um instituto que tem em Caucaia.

Caio, 5 anos está no 1º ano

Leonardo, 5 anos e está na educação infantil.

Quarta Estação - Uso da água e das ervas – Elementos da Natureza

Prazeres, 51 anos, rezadeira e parteira

Debora, 8 anos, 3º ano

Rogério, 9 anos, 4º ano

Quinta Estação – Cabaça e pilão – Corporeidade e Ancestralidade

Luan, 12 anos,

Franciane, 25 anos

5.6 Apresentações e diálogos com a ministrante

Figura 64 - Foto da 1ª estação



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

A primeira estação apresentou o artefato do terço africano – (durante a apresentação estava faltando uma menina, ele havia ido à casa rapidinho). Fizeram relação da Roda de Cura com a reza percorrida durante todo o ritual.

Figura 65 – Andressa e Antônia que trabalharam com o segredo e o terço africano.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Andressa - Fez isso um conto.

Eliene – Fale sobre o que tem no livrinho.

Antônia: A palavra para o bom uso.

Eliene – E o que mais.

Andressa - Um conto com nome Segredo

Provérbio africano “A palavra vale prata e o silencio vale ouro”

Andressa -Pra ter cuidado quando fala

Antônia -Palavra para o bom uso:

Poesias

Rezar nas pessoas

Conselhos

Eliene – E o que mais?

Antônia - Para o mal:

Confusão

Fofocas

Brigas

Fazer inimigos

Eliene – e o que mais?

Andressa - Na outra folha o desenho de uma rezadeira rezando que representa o bem.
Em seguida um desenho da natureza e uma casa pra gente cuidar.

Eliene – qual a relação?

Andressa – Nós em seguida duas pessoas que representam os moradores do Cercadão, uma tá brigando, representando o mal uso da palavra.

Segunda Estação - Santa Negra

Fizeram um cartaz

Figura 66 – Desenhos de Kellyane e Beatriz – 2ª estação



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Eliene – O que significa esse cartaz

Beatriz– A luz

E a natureza, o que significa.

Lilian – saúde

Eliene – e o que mais?

A paz

A vida, a alimentação.

Eliene - Quem ensinou isso pra vocês?

Jennifer – nossos antepassados

Muito bem!

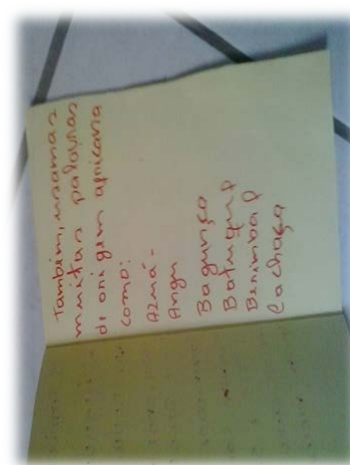
Figura 67 - Terceira estação –
Tambores / Musicalidade



Figura 68 - Tambores
musicalidade



Figura 69 - Tambores
musicalidade



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Camila - Ficamos com a Memória das palavras.

Eliene – o que vocês aprenderam com o artefato e marcador?

Camila – o tambor aqui é muito usado na roda de cura para curar as pessoas, na roda se canta, se dança, se cura. A roda de cura é muito importante, porque através dela nos encontramos, entendemos nossa origem e nossa relação com a natureza e o toque da música. Nosso pertencimento afro.

Também fiz uma lista de palavras usadas no cotidiano:

Página 01

Os tambores são utilizados muito nas RODAS DE CURA onde os rezadores e pessoas da comunidade se reúnem para pedir a deus e seus orixás a cura para quem necessita.

Página 02

Também, usamos palavras de origem africana como: aluá, angu, bagunça, batuque, beribál, cachaça

Página 03

Cachimbo, cacimba, chilique, farofa, fuxico, hum-hum, iansã, jiló, lelé, macaco.

Página 04

Macumba, minhoca, mochila, neném, pirão, quilombo, reco-reco.

Página 05

Sacana, sarava, tanga, urucubaca, vatapá, xodó, zanga, zunzum

Quarta estação - Uso da Água e das Ervas – Elementos da Natureza

Prazeres - Fizemos um cartaz, um mapa

Eliene – Muito bom, em forma de mandala. (elas também fizeram um conto)

Débora: Fiz sobre o Catendê, recriei o que entendi.

Eu entendi que Catendê é um espírito africano que comanda o equilíbrio da natureza e ele conhece todas as ervas medicinais, assim como nós aqui da comunidade, cuidamos da horta comunitária e usamos também no ritual da roda de cura.

Ele mora na mata e cuida da mata.

Eliene – E ele é um espírito né, um inquice?

Debora - sim, ele vai pra roda de cura nos curar com as erva.

Nesse momento, a segunda estação pede para falar, eles esqueceram de apresentar o joguinho que fizeram.

Após essa interrupção a quarta estação retoma:

Eliene – São os elementos da natureza e a água no centro. (Nesse momento brinco dizendo que Prazeres e Debora são gênias). Prazeres fez um gráfico e eu peço para ela explicar.

Prazeres – Ela é filha da mãe da terra. Eu fiz essa mandala, uma espécie de rosa, pra mostrar a força da água na mãe natureza, que ela é o centro de tudo, sem ela não há vida na terra e ela purifica e serve para tudo em nossa vida. Ela está no centro de tudo e sem ela não se desenvolvem os vegetais, as folhas que usamos na reza, na roda de cura.

Na roda de cura usamos os vegetais para invocar os orixás e os bons espíritos que trazem a cura para as pessoas. A água tá no centro porque ela é tudo na natureza e simboliza a vida, sem água não existiria vida e aqui simbolizei cada ciclo, aqui a raiz que serve de alimento, nem aconteceria a roda pra benzedura.

O caule serve como cicatrizante.

Figura 70 - Desenho da manda cura, desenhada pela rezadeira Dona Prazeres



Desenho feito através da inspiração de uma rosa. (flor) E a natureza simboliza os animais, as águas, a terra. Aqui colocamos água, filha da mãe terra. Aqui colocamos uma coisa muito importante. Temos duas escolhas no futuro a luz ou a escuridão. Também fizeram um conto e um cartaz mostrando o ciclo do Cercadão.

Nesse momento, acho necessário fazer uma análise dessa estação, segue: Dona Prazeres fez menção ao ritual de cura em quase todos os momentos, isso aponta o quanto muitos membros da comunidade estão conectados com os ancestrais por meio da ritualística que compreende o processo da cura.

Prazeres coloca a água como centro de tudo para acontecer a harmonia entre os seres vivos, uma reflexão da cosmovisão africana que diz que tudo no mundo se movimenta, até os mortos, por meio dos saberes repassados pela ancestralidade e a tradição.

Desafio com jogo da memória. Veja a entrevista.

Eliene - Objeto usado na África e quilombo para socar ervas?

Criança - Pilão

Eliene - Santa Negra, encontrada na época do escravismo, padroeira do Brasil?

Criança – Nossa senhora Aparecida.

Eliene - Objeto que serve de cuia para água na reza, etc, artefato para instrumento musical, para guardar utensílios.

Criança – Cabaça tem som feito o tambor na roda de cura.

Eliene - Folhas muito usada nas benzeduras, que tem poder de tirar o mal?

Criança – Folhas de pinhão

Eliene - Elemento da natureza, que é indispensável à vida, saúde e que tem muitas utilidades na benzedura.

Criança - água

Eliene - Terço com cores da África, muito usado em Salvador?

Criança – Terço africano.

A Quinta Estação - Cabaça e pilão – Corporeidade e Ancestralidade

Figura 71 - Foto da oficina



Fonte: Arquivo pessoal

Eliene - Pilão para socar as ervas, a cabaça como utensílio. Usaram essa literatura muito usada no Candomblé e até na umbanda. O que vocês fizeram?

Francinete – O jogo e o desafio.

Eliene - Esse ficou lindo (a partir do jogo das ervas que fiz e trouxe eles fizeram outro).

A cabaça que significa ancestralidade, falei.

Francilane - (futura rezadeira), diz:

Fizemos um joguinho, pronto!

O limão serve para gripe e cortar o mal.

Alecrim, hortelã, capim santo.

A gente elaborou essas perguntas e respostas sobre frutos e ervas medicinais da comunidade do cercadão que também usamos na reza e na roda de cura.

1 Erva que combate as cólicas, gripes e resfriados?

R. erva-cidreira.

2 As folhas desse fruto são utilizadas para rezar na cabeça e sanar problemas de distúrbios mentais?

R. Pé de mamoeiro.

3 Fruto que é utilizado para tingir de preto tecidos de algodão e seda?

R. cabaça.

4 Este fruto é empregado contra tosse, catarro pulmonar, disenterias e inflamações no olho?

R. jambo.

- 5 O caroço tostado e pulverizado deste fruto combate diarreias e sua folha combate casos gotas e dores reumáticas?

R. Abacateiro.

- 6 É uma planta conhecida pelo poder de fortalecer o cabelo?

R. babosa.

- 7 É uma erva que combate gripes e resfriados.

R. Eucalipto

- 8 É uma planta que se prepara uma bebida que faz excitar os sentidos, provocando sonhos e encantamentos nas pessoas.

R. Jurema-Preta.

- 9 Erva que estimula as funções digestivas? R. Boldo

5.7 Análise geral

O trabalho dirigido com as crianças serviu de base para buscarmos seus sentimentos em relação ao cotidiano e às problemáticas da comunidade, que, dentre muitas adversidades gera um enfrentamento com as igrejas pentecostais fundamentalistas, em virtude da sua negação a muitos elementos da cultura negra local e sua tendência à intolerância religiosa. A realização do trabalho juntando crianças e adultos traz mais um marcador africano que é a intergeracionalidade.

O ritual da roda de cura é diversamente citado durante a oficina e principalmente nas apresentações dos trabalhos. Não percebi estranhamento em relação aos assuntos focados na literatura, tendo em vista que muitas dessas crianças estavam no ritual de cura da noite anterior. A oficina aconteceu de forma prazerosa e obteve muitos resultados:

- Abordagem dos temas com compreensão, embora houvesse crianças de apenas 5 anos de idade participando;
- Domínio de todos em relação ao uso das plantas medicinais no cotidiano;
- Enfrentamento com as religiões pentecostais para permanência do repasse ritualístico da roda;
- Dificuldade em continuar com suas tradições, mesmo hoje o grupo que guarda a tradição está diminuindo; (Mas a essa dificuldade eles resistem.)
- Reconhecimento da tradição oral como patrimônio imaterial do Cercadão.

Noite Afroquilombola
Eliene Magalhães

I

Noite de festa afroquilombola
Foi a festa no Juá.
Lá se foram meus dois anos
De conhecimentos a aperfeiçoar
Lindas histórias pra contar
Dormindo e comendo no Juá.

II

Transportes pra subir a serra
Banho de açude e aluar
Noites frias enluaradas
E as rezadeiras a rezar
Comida quilombola
Banho de cuia.

III

Festa africana no Juá
Pesquisadores a investigar
A Pretagogia decolou
Juntando as rezadeiras
De Porteiras
E as de Cercadão a homenagear.

IV

Aprendi com as rezadeiras
A lacuna que minhas ancestrais deixaram.
Hoje defendo a afroreza
Na pesquisa conceituei
Foi nas bandas quilombolas que conheci
O meu lugar.

VI

Foi desfile das capulanas
Rezadeiras a desfilar
Contam história de benzeduras
Nos panos a interpretar
Os orixás a contemplar
Foi no Juá essas aventuras, foi no Juá!

6 CONCLUSÃO - RESULTADOS FINAIS E CULMINÂNCIA NA SERRA DO JUÁ: ANDANÇAS DE UMA APRENDIZ – PRETAGOGIA TECENDO CONHECIMENTO DA AFROREZA, UM CAMINHAR QUE SEGUE...

Trazer a culminância das oficinas nesse momento de conclusão é uma forma lúdica de mostrar os resultados finais e como o texto dissertativo conta os apetrechos da festa quilombola é interessante trazer fotos para esse momento, pois elas contextualizam o histórico dos acontecimentos com falas, reações, relatos e depoimentos muito emocionados.

Esta conclusão-capítulo é composta de duas partes: Os resultados significativos que aconteceram no percurso dos dois anos do curso de mestrado, trazendo minhas próprias mudanças, assim como nas rezadeiras, no que se refere a valorização e fortalecimento de nossa afrodescendência, apresentando, também, a culminância e o resultado dos produtos didáticos.

6.1 Resultados significativos

Desde o memorial, capítulo introdutório deste texto dissertativo, afirmo minhas africanidades, especialmente, em relação à afroreza, por meio da linhagem de rezadeiras da minha família. Conto o legado dessa tradição e lembranças que ainda estão vivas em minha memória, trazendo ainda relatos de preconceitos que o ofício da reza continua enfrentando.

Características desta tradição na família estão enraizadas nos gestos, nas lembranças e nos costumes, entretanto, além do grito da minha ancestralidade africana, foram ações negativas e preconceituosas acontecidas em minha família que me despertaram a lutar contra esse tipo de preconceito e racismo.

Há, também, duas válvulas impulsionadoras: meu envolvimento com o NACE desde 2010, impulsionando-me para a realização dessa pesquisa, impulso fortalecido e sustentado por Sandra Petit, que veio a tornar-se minha orientadora. O sentimento de perda da minha ancestral, minha mãe, que treinava suas rezas em seus netos, só veio a potencializar essa necessidade que já gritava em mim. Assim, os acontecimentos do meu cotidiano e o reconhecimento contínuo da minha ancestralidade africana trouxeram-me motivações para

resgatar essa prática afroancestral na minha família e, especialmente, no local onde moro e trabalho, resultando nesta pesquisa.

Em relação à minha experiência com a reza, essa pesquisa trouxe-me a certeza de que serei uma defensora implicada e aplicada, tendo este tema como o direcionar do meu ser pesquisadora. Assim, a conclusão do mestrado fortalece meu desejo de continuar enlargecendo e aprofundando este debate, procurando fortalecer e potencializar este conhecimento afroancestral.

Desse modo, através dos estudos nesses dois anos de mestrado, com participação em diversos eventos na área da educação e da afrodescendência, com publicações de artigos em livros e anais de eventos, participação em grupo de estudo, evento Memórias de Baobá, as aulas para cumprir os créditos necessários, as pesquisas bibliográficas, assim como as pesquisas empíricas nos lócus do campo da pesquisa, os trabalhos coletivos oriundos das oficinas de Sociopoética e Pretagogia, a busca contínua de melhoria da escrita e da linguagem acadêmica, a descoberta e o encontro com novos conceitos, foram todos transformadores do meu eu, que cada vez mais se torna coletivo, como efetivamente é a cultura africana.

Como apontado no memorial, tudo começou em 2010 com a especialização em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes para Formação de Professores de Quilombos, desde então venho pesquisando, observando as marcas do preconceito feroz que buscam eliminar os marcadores africanos da reza que projetam a prática desse maravilhoso patrimônio imaterial, um conjunto desta tradição que vai além das preces faladas ou não faladas.

As oficinas realizadas delinearão os marcadores das africanidades na reza. São eles: ancestralidade, senhoridade, iniciação, espiritualidade, corporeidade, relação comunitária, elementos da natureza, segredo, oralidade, linhagem, territorialidade, resistência e musicalidade. Esses marcadores perpassam toda a dissertação, às vezes nas entrelinhas, outras em palavras escritas, mas também no próprio ser/fazer do ofício da reza.

O referencial teórico da Pretagogia tornou possível trabalhar os marcadores africanos como instrumental interventivo na perspectiva de uma educação inclusiva e que valoriza a

diversidade, empoderando esse instrumental para colaborar na eliminação do racismo que assola a sociedade, no que diz respeito às heranças africanas e suas práticas.

A Sociopoética e a particularmente, a Pretagogia, através de sua técnica de artefatos geradores, vem a contribuir com a construção de conhecimentos por meio do trabalho coletivo, com princípios norteadores demarcados na valorização do sujeito, no respeito e reconhecimento do corpo como mediador do conhecimento e na troca de saberes, especialmente entre o acadêmico e o não acadêmico.

O ofício da reza retrata poeticamente sua prática em si mesma, desde o uso de sua medicina tradicional até as belezuras de ensinamento com o corpo e o espírito, pois se percebe que as rezadeiras são mulheres conscientes de seus corpos e sua espiritualidade que vem potencializada por seus ancestrais. Desse modo, são essas marcas africanas que usamos no cotidiano, a memória de nossos mortos ancestrais que perpassam gerações por meio dos cuidados.

Foi nesse caminho de escuta, observações e sentidos, conduzidos pela Pretagogia de Sandra Petit, minha orientadora e teórica principal desse texto, que um caminho de positividade, reconhecimento e fortalecimento permeou o coração das rezadeiras atuantes, as rezadeiras iniciantes e os demais membros da comunidade que participaram desses momentos tecidos nas oficinas.

Assim, no primeiro capítulo ‘Meu Memorial das Africanidades’ começo pelas minhas ancestrais pedindo licença para quem veio antes de mim, falando da minha caminhada acadêmica, literária e profissional nas africanidades. Abordo a trajetória da Pretagogia desde o seu nascimento quando o grupo pesquisador publicou o livro que hoje está nas bibliotecas das escolas do município de Caucaia ‘Africanidades Caucaenses’.

No segundo capítulo trouxe caminhos correlacionando os autores que falam das africanidades e rezadeiras com as entrevistas realizadas com as rezadeiras co-pesquisadoras. Salientei, neste contexto, que as africanidades presentes no ofício das rezadeiras, por meio do referencial teórico-metodológico da Pretagogia é pioneira, necessitando, portanto, um empenho dobrado na pesquisa empírica para conceituar e afirmar teoricamente.

No terceiro capítulo abordei as oficinas: a primeira oficina acontecida na Serra do Juá com a presença de sete rezadeiras de três comunidades (Serra do Juá, Porteiras e Cercadão de Dicetas), alunos do MOVA Brasil e com pesquisadores do NACE, recorrendo a sociopoética, refletindo sobre a reza na educação quilombola; a demais oficinas tiveram como abordagem a Pretagogia e foram realizadas com rezadeiras atuantes e iniciantes, pesquisadores e membros da comunidade; a terceira oficina foi realizada apenas com as rezadeiras das três comunidades trabalhadas, aconteceu em Porteiras e nesse momento montamos um atelier de pintura onde as rezadeiras desenharam e pintaram suas histórias na reza, através das Capulanas, tendo como inspiração a técnica da mandala de objetos geradores das africanidades, a relação dos marcadores da iniciação com o uso das Capulanas, e os valores afro de ancestralidade, senhoridade, iniciação. O quarto capítulo aconteceu a partir de uma problemática para garantia da tradição e resistência contra a dominação fundamentalista no quilombo que, segundo a rezadeira Prazeres, está prejudicando seu legado como guardiã da reza e do ritual da cura no Cercadão dos Dicetas. Com tudo isso, fez-se necessário atender seu pedido para que organizássemos uma oficina que se deu com a roda de cura, pois *“só na convivência com os oprimidos se poderá compreender a sua forma de ser, de comportar, e de refletir sobre a estrutura de dominação.* (Freire, 2014, p. 253, grifo meu)”.

Os resultados vieram depois da jornada nos quilombos, uma verdadeira e incansável aventura. Notoriamente, posso afirmar que aprendi muito juntos com eles.

As rezadeiras do Juá que em 2013 eram ariscas e não queriam afirmar que rezavam, hoje falam com desenvoltura de sua prática e até estão iniciando suas descendentes. Antes se diziam somente católicas e hoje já comentam de suas relações com a umbanda.

Em Porteiras, Luíza começou a rezar em animais, Verônica que rezava só em animais começou a rezar em pessoas e dona Valda que é evangélica fortaleceu sua prática de rezadeira, não abandonando a tradição apesar do posicionamento desaprovador de sua igreja.

No Cercadão a luta é pela continuação da reza e do ritual de cura que foram apresentados em nosso terceiro capítulo. Antes da realização das oficinas a rezadeira Prazeres encontrava-se deprimida e cansada da luta em defesa das tradições da reza, entretanto, sua participação nas oficinas reacendeu-lhe um novo ânimo em sua luta. Esse empoderamento das

rezadeiras mostra que, efetivamente, nesta pesquisa elas atuaram como efetivas co-pesquisadoras.

6.2 Culminância na Serra do Juá

O momento especial do final desta pesquisa foi a culminância das oficinas, que teve como ponto central a homenagem às rezadeiras matriarcas das três comunidades e o desfile das capulanas criadas na nossa terceira oficina.

A sistematização, para esse momento de culminância, foi a mesma para as oficinas, pois exigia organização e planejamento para ida ao quilombo, transporte para levar rezadeiras de duas comunidades até a Serra do Juá, transporte para levar demais pesquisadores e pela necessidade dos horários em função da jornada de trabalho de muitos quilombolas a oficina aconteceu na noite de uma fria e bonita segunda-feira de agosto.

Tivemos que contratar três vans para transportar os pesquisadores e co-pesquisadores e muitos deles contribuíram com os gastos, fortalecendo a coletividade. Além desses pesquisadores, o sindicato SINDSEP³⁴ do qual faço parte, o FETAMCE³⁵ e IBA³⁶ também participaram para valorizar e fortalecer nosso trabalho.

Esse momento de compartilhamento de nossas atividades faz parte do processo de reconhecimento, de ações positivas para valorização das tradições afroancestrais de um povo. E para as senhoras da reza que outrora encontramos desfalecidas da honradez de sua prática, hoje o discurso é outro.

Para concluir este trabalho, que é um estudo inacabado, tendo em vista que a pesquisa é e deseja ser contínua, trago fotos dessa noite tão especial, que emocionou a todos e todas, encorajando-nos a continuar nessa trilha, mostrando o quanto o coletivo é necessário para mudar nossa realidade, melhorando nosso cotidiano, enrobustecendo nosso compromisso de eliminar o racismo e as diversas formas de preconceito que nos assola.

³⁴ Sindicato Municipal dos Servidores de Caucaia.

³⁵ Federação dos Trabalhadores Municipais dos Ceará.

³⁶ Instituto Barbara de Alencar.

Dona Dalva declarando o orgulho em ser rezadeira vestida com sua capulana e dona Prazeres mostrando sua arte no pano que conta sua história de reza e a relação comunitária da reza com a comunidade.

Figura 72 – Rezadeira Dona Dalva.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 73 - Dona Prazeres do Cercadão apresentando sua capulana



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 74 - Rezadeira Suelina de capulana



Fonte: Arquivo pessoal

Nesse momento, o uso do corpo das rezadeiras como indumentária de reconhecimento, de valorização, de pertencimento, não só desfilou, mas dançou e mostrou sua beleza, sua dignidade e seu respeito às suas origens, pois ele conecta-se aos seus ancestrais desde os traços que vem da cadeia biológica genética até os valores culturais e históricos marcadamente de resistência africana.

O corpo na cultura de matriz afrodescendente pode ser compreendido a partir dos três princípios fundamentais da cosmovisão africana: diversidade, integração e ancestralidade. O corpo é diverso desde sua constituição biológica quanto em seus múltiplos significados culturais. É integração posto que é a condição de qualquer relação; é a base da iteração dos seres e da interação entre eles. É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. afirma (OLIVEIRA 2007, p. 100)

Figura 75 - Desfile das rezadeiras na escola quilombola Maria Iracema na Serra do Juá. As rezadeiras co-pesquisadoras, a pesquisadora e a orientadora



Fonte: Arquivo pessoal

A homenagem aconteceu no final do evento, que foi permeado do Forró Pé de Serra do Ideal Zé da Lourdes que tocou até às 23hs, tendo intervalo para as apresentações dos resultados das oficinas, para as homenagens aos mestres e mestras dos saberes afroancestrais quilombolas e para o jantar.

A homenagem às matriarcas rezadeiras foi uma forma de mostrarmos nossa gratidão e valorização da história de vida e senhoridade de cada uma. Cada homenageada recebeu dois quadros, um para levar consigo e outro para ficar na galeria dos mestres e mestras da escola Maria Iracema. É importante dizer que alguns dos homenageados faleceram durante o percurso, então, outro membro, como netos, bisnetas e filhos ou filhas receberam em seu nome.

Figura76 - Quadros das rezadeiras quilombolas



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Figura77 - Eu entregando o quadro para rezadeiras



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Foram homenageadas cinco rezadeiras atuantes e mais velhas, valorizando a sabedoria, a biblioteca viva que elas representam e que indica o marcador africano da senhoridade.

Rezadeiras Homenageadas:

Serra do Juá:

- Dona Mariinha, 83 anos.
- Dona Dalva, 52 anos.

Porteiras

- Dona Valda, 65 anos.
- Dona Verônica, 56 anos.

Cercadão dos Dicitas:

- Dona Maria dos Prazeres, 52 anos.

A culminancia teve sua abertura com um cortejo afroquilombola com a comunidade, as rezadeiras que desfilaram com suas capulanas, pesquisadores e demais convidados, o NACE esteve presente em peso. Não posso esquecer da presença da também fundadora da Pretagogia, a professora doutora da UNILAB, Geranilde Costa e Silva e da também professora doutora da Unilab, Rebeca Alcântara e Silva Meijer que também desempenha um importante papel no desenvolvimento da Pretagogia.

Figura 78 - Prof^{as} Geranilde Costa e Rebeca Mijer da UNILAB



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 79 - Nick Pereira, Coordenador de Políticas da Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Fortaleza, Sandra Petit, Rebeca Meijer e Geranilde Silva acompanhando as apresentações.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 80 – Cortejo e preparação para a caminhada com o estandarte das rezadeiras do Juá.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 81 - Preparação para a caminhada com o estandarte das rezadeiras do Juá



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

Figura 82 - Ladainha da rezadeira (capoeira) – apresentação do resultado da pesquisa do companheiro Rafael Ferreira, doutoranda Adilbênia Machado ajudando na apresentação.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 83 - Apresentação do trabalho coletivo da sociopoética com a companheira Cláudia Quilombola.



Fonte: Arquivo pessoal – 2015

Figura 84 – Rafael Ferreira apresentando o resultado da sua pesquisa na comunidade e cantando ladainhas de capoeira criadas em suas oficinas



Fonte: Arquivo pessoal - 2015

REFERÊNCIAS

- BARROS, José Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-nagô**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2013.
- BERNAT, Isaac. **Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2005.
- BÂ, HAMPATÈ AMADOU. **A Tradição Viva**. In: KI Zerbo Joseph (Org). **História geral da África: metodologia pré-história**. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982. v. 1, p. 181-218, 1982.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações**. Brasília – DF: Câmara de Educação Básica do Conselho de Educação, 2011.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Res. Nº 8 de 2012. CNE. Brasília, 2012.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso 15 fev. 2014
- GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. 1. Ed. Curitiba, PR: CVR, 2012.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através das palavras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
- LIMA, Ivan Costa; NASCIMENTO, Joelma Gentil do. **Trajetórias históricas e práticas pedagógicas da população negra no Ceará** / Fortaleza: Impresso nº 01, jan. 2009.
- LIMA, Heloisa Pires. **Capulana: um pano estampado de histórias**. São Paulo: Ed. Scipione, 2014.
- LOUW, Dirk. Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha. **Revista UHU Online**. Ano II, 2002. Disponível: <http://www.uhuonline.unisinos.br/pdf>>. Acesso 24/06/2014.
- MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias e; PETIT, Sandra Haydée.

Memórias de Baobá II. Fortaleza: Gráfica e Editora IMPRECE, 2015.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **A Menina e o Erê nas viagens ao ser negro: uma pesquisa sociopoética com educadores em formação.** 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses.** 2012. 195 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

_____. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

PETIT, Sandra Haydé, **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03.** Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

_____, Sandra Haydeé. **Rompendo o silêncio com o método sociopoético: a desnaturalização do preconceito racial na escola.** Fortaleza: Edições UFC, 2003.

_____. Sandra Haydeé. **Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa.** fortaleza: edições ufc, 2002.

PETIT, Sandra Haydé; SILVA, Rafael. Sociopoetizando a capoeira na Educação do Quilombo ou de como Mãe Dinah despertou as memórias dos lugares Encantados da Serra. In: ADAD Shara Jane, PETIT, Sandra H. SANTOS, Iraci; GAUTHIER, Jacques (orgs). **Tudo que não Inventamos é Falso.** Dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Ed. UECE, 2014.

PETIT, Sandra Haydé; SILVA, Geranilde Costa e. **Memórias de baobá.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.

PETIT, Sandra Haydé; SILVA; Geranilde Costa e. Pret@gogia: Referencial teórico-metodológico para o ensino da história e cultura africana e dos afrodescendentes. In: CUNHA Jr. Henrique; NUNES, Cícera; e SILVA, Joselina da (orgs): **Artefatos da cultura negra no Ceará.** Fortaleza: Edições UFC, p. 73-101, 2011

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza: Museu do Ceará, Secult, 2009.

ROSA, Alan. **Pedagogia, autonomia e mocambagem.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANTOS, Francimário Vito dos. **Rezadeiras: prática e reconhecimento social.** 2004. 92f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

SILVA, Geranilde Costa e. **O uso da literatura de base africana e afro-descendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza:** construindo novos caminhos para repensar o ser negro. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira)– Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia:** construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. Compartilhando saberes Africanos Aprendidos na Sala de Aula com o NACE-UFC. In: PETIT Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa (orgs). **Africanidades Caucaenses**, Fortaleza, Edições UFC, 2013, p.137-155.

_____, Maria Eliene Magalhães. **Um marco na tragédia de nossas vidas:** relato dos desdobramentos do I Curso de Especialização para Formação de Professores em Quilombo Cearense. Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE.

_____, Maria Eliene Magalhães. A poética literária das razadeiras: aspectos das africanidades nos versos da reza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES(AS) NEGRO(AS): AÇÕES AFIRMATIVAS: CIDADANIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS 8., 2014. Belém. **Anais...** Belém, PA, Ed. Livraria da Física, 2014, p. 277-278.

SILVA, Maria Eliene Magalhães; **SILVA**, Cláudia de Oliveira; **SILVA**, Rafael Ferreira da. Oralidade e Filosofia Tradicional Africana: Conceitos de Hampaté Bâ e Influências Nas Africanidades Brasileiras. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MOTA, Bruna Germana NuneS; BRUNDENBURG, Cristiane (orgs). In: **Educação, Filosofia e Cultura**. Orgs:). Fortaleza: Ed. UFC, 2014, p. 29-43.

SILVA, Maria Eliene Magalhães; **SILVA**, Cláudia Oliveira; **SILVA**, Rafael Ferreira da; **ALVES**, Maria Kellynia Farias; **PETIT**, Sandra Haydée. In: **ADAD**, Shara Jane Holanda Costa; **PETIT**, Sandra Haydée; **SANTOS**, Iraci dos; **GAUTHIER**, Jacques (org.). **Tudo que não inventamos é falso:** dispositivos artísticos para pesquisar ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: Ed. UECE, 2014. P. 103-123.

ANEXOS

Entrevistas

ENTREVISTA AO PRIMO DIOGENES MAGALHÃES MELO –SETEMBRO-2013

Foi aplicado a Diógenes, pedi naquele momento que Tia Antonieta saísse e não interferisse, mas devido a pouca lembranças, tia Antonieta respondeu.

Entrevista a Diógenes sobre a prática da reza de Otilia

1. Como rezava para cada mal? (exemplo)

R. Com ramos, depende da reza -Diógenes

2. Quais ervas, chás, lambedores que utiliza?

R. Já falamos: Malvarisco, corama, hortelã, mastruz.

3. Quais os santos que ela tinha em casa?

R. Santo Ambrósio, São Jorge, Jesus, Maria, José, Padre Cícero, Santo Antônio, etc

4. Quais os santos que ela usava na reza?

R. Os santos da igreja católica.

5. Ela usava simpatias? Quais? (Não soube responder bem)

R. - sim, às vezes, não lembro muito bem.

A parti da 6ª pergunta tia Antonieta responde porque Diógenes apenas confirma, nesse momento ela, passa a afirmar a questão espiritual

6. Qual a escolaridade dela?

R. Tia Antonieta falou: Eliene, me dê licença, posso responder por ele.

Então respondi: Então tia, fale:

2ª série primária

7. Ela tinha mediunidade?

R. Sim, mas nunca quis desenvolver por ser filha de Maria. Evitava em andar em centros espíritas.

8. Ela tinha sonhos? E como se manifestavam? Dê exemplos?

R. Sim, quando dormia, as vezes tbm recebia espíritos

9. Se ela tinha vidências? Dê exemplos?

R.sim, sentia as coisas antes de acontecer. Mas a De Lourdes era mais, porque ela adivinhava e até chorava, ela sabia o que ia acontecer com seu pai Oscar, ficava chorando pra gente, vendo ele, sua doença, sua morte.

10. Como se manifesta a vidência?

R. Sentia, sentia tudo

11. Tinha premonição? Dê exemplos?

R. sim, as vezes. Quando sentia, pedia pra gente não sair, se a gente saísse sempre acontecia alguma coisa ruim.

12. Tinha mediunidade com toque?

R. sim, na reza, com as mãos.

13. Como ela percebia as doenças?

R. Só em olhar

14. Ela tinha algum tipo de espiritualidade com o toque?

R Não sei, nunca vi, só sei que ela usava as mãos pra curar.

15. Ela sentia presenças de espírito?

R sim, as vezes, sofria com isso.

16. Usa saliva como diagnostico ou cura?

.R. Não sei

17. Como ela afastava os maus espíritos?

Rezando a prece de caritas

18. Ela tinha alguma tipo do espiritualidade com o corpo?

R. Sim, pois curava o corpo usando suas mãos.

19. Ela já frequentou centro espirita?

R. Não, era contra seus preceitos

20. Ela já frequentou centro da Umbanda?

R. Não, já disse que ela era filha de Maria

Entrevista 2

Diógenes Magalhães de Melo

(Neto)

Diógenes chamava-o de mãe, morou com ela até sua morte, até seus 20 anos e declarou alguns pontos da sua prática.

1. Como era ela na prática, sua relação com os santos da Umbanda?

Quando eu era pequena, vinham pra cá e vinham os santos da umbanda, ela era viva quando tinha os santos?

Eu não lembro, só sabia que a minha mãe biológica, Antonieta, filha da minha vó tinha dado a tia Maria Estela. O quadro de Yemanjá foi dado depois de sua morte, Valdilha trouxe os santos da Umbanda, pois ele era da Umbanda. Iamos para praia induzindo pela Valdilha, pois ela fez da casa nos 5 anos que morou um terreiro de macumba, diz Diógenes em tom baixo. Todos chamava ela de mãe, mãe que faz comida e a mim a mãe que faz bordado.

2. O que você aprendeu com ela?

Aprendi muitas coisas, aprendi quase tudo por que ela me criou, mas bonito era ver a bondade de pessoa dela, todos gostavam dela, gente vim de longe por causa da reza e ela era muito sabia.

3. O que ela achava da religiosidade da Valdilha?

Ela não gostava, mas aceitava, gostava muito de dá rinchada (gargalhadas)

4. Como veio o quadro de Yemanjá, estava viva?

Sim, ela achava muito bonito, a tia Estela (falecida), achava lindo. Na religião da Umbanda (dos macumbeiros), eles cultuam na praia, cultuam Yemanjá porque ela é do mar. Ela é a mesma Nossa Senhora da Conceição e por isso gostamos dela. Na linha de Umbanda é uma santa, ela gostava.

Obs: Não chegam a um acordo se os santos chegaram antes ou depois da morte da rezadeira, particularmente, fui testinha dessa história e lembro com clareza que já tinha tudo antes da vó falecer se foi Valdilha ou não, não lembro, mas estava lá.

CRUZAMENTO DE ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista 01 - Entrevista a tia Antonieta (filha caçula da rezadeira Otília do Parque Araxá)

Maria Antonieta Magalhães de Melo dezembro/2013

(filha da rezadeira Otília)

Filha de: **Gordulino Marcionílio Magalhães e Otília Alves Magalhães**

Idade: 72 anos

Profissão: pensionista Reside no Conjunto Ceará

1. A senhora sabe quando a vó Otília começou a rezar? (iniciação)

Mamãe tinha uns 40 anos, seu esposo, meu pai já era falecido quando ela foi iniciada na reza.

2. Quem da família passou o segredo da reza? (Transmissão dos saberes)

Aprendeu o segredo da reza com sua mãe a dona Maroca, que tinha também aprendido da sua mãe, em seguida passou para as duas mais velhas: Maria de Lourdes também sabia, mas hoje não pode dizer nada por causa do mal de alzainer e Maria Estela, Estela falecida em 2013, era solteira e não tinha filhos, não quis passar a diante, detestava quando alguém procurava-a chamando de velhinha que reza, rezava só para as pessoas da família e Lourdes também solteira, não tinha filhos era costureira e hoje tá com mal de alzainer também não quis passar a frente.

3. O que era usado durante a reza?

Mamãe usava na reza 3 folhinhas de pinhão nas crianças

Em adultos ela usava as mãos, usava para espinhela caída com: usava uma palhinha de vassoura e a pessoa colocava as mãos no portal, ela ia levantando até a espinhela ficar no lugar, até a pessoa ficar boa, rezava muito baixo e eu não sabia porque rezava muito baixo, não sei o que ela falava, era tudo baixinho, acho que era o segredo da reza.

4. Ela lhe ensinou alguma reza? Quais?

Não, mas aprendi observando, de reza ela ensinou só as da igreja católica. Aprendi observando a dos braços ou pernas demitido:

Em três vezes:

O que eu cozo, carne trilhada a pessoa respondia tudo isso eu cozo com os poderes de Deus e de São Furtuoso.

O que eu cozo, a pessoa respondia:

Oso torto, nervo rendido, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de são Furtuoso.

O que eu cozo, carne trilhada a pessoa, respondia nervo rendido, carne trilhada, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de são Furtuoso.

5. Foi passado a reza para outra pessoa? Se não foi passado o segredo para outra pessoa dá continuidade? Houve desinteresse ou foi o fato da vocação, ato da divindade?

Sim, para as duas mais velhas, as duas Marias, as mesmas rezava só para o pessoal de casa.

6. Qual a religião da rezadeira Otília?

Era Católica filha de Maria

7. O que ela achava dos quadro de Yemanjá, santos da Umbanda próximo ao seu santuário católico, tipo Nego Gerson, São Cipriano, São Jorge Guerreiro?

Não gostava não, não rezava com nada de negócio de Umbanda, ela não gostava não, mas não dizia nada, alterou um pouco a voz para negar. Negou que os santos da umbanda eram de sua mãe e disse que era da neta dela.

8. Percebi santos da umbanda na casa, qual a relação com a reza? De quem eram os santos?

O quadro de Yemanjá foi dado a Maristela (madrinha) porque ela achou bonito e os santos da Umbanda não era dela, era da neta Vadilha, ela não tinha nada a ver com isso não, eu achava linda a Yemanjá do quadro.

9. O que a rezadeira Otília achava da religião da neta Valdilha? Obs: (Umbanda) Valdilha é da Umbanda e morou um tempo com a vó.

Não gostava, achava errado, aumentava o volume da voz negando tudo, disse que a rezadeira Otília ficava na dela, respeitando.

10. E as simpatias que a tia Maristela ensinava a minha mãe? O que tem a ver com a vó Otília?

Não sei nada disso, a mãe não tinha isso não, desse negócio de simpatia.

11. Quais raízes, ervas, plantas medicinais que a rezadeira cultivava em casa?

Usava e cultivava malvarisco, capim santo, corama, comigo-ninguém-pode, arruda, cidreira, hortelã, mastruz. Mas só cultivava para a família, ela apenas orientava a pessoa a usar.

12. Se a senhora aprendeu alguma reza, fale se assim desejar?

Sim, mas observando porque ela não quis me ensinar.

Apenas a do braço e perna desmitido.

13. Além das folhas pinhão, ela usava as folhas da arruda?

Não só com pinhão, arruda era só pra cultivar em casa.

14. Quais chás ou outro remédio natural eram recomendados em cada tipo de reza, se possível com as rezas:

- Cobreiro

Mamãe pegava uma caneta, ia medindo até desaparecer em dias, rezava 3 vezes de acordo com a vinda da pessoa e até ficar bom. A reza era boa, garantia a cura da pessoa.

- Espinhela caída

Ela usava com medição uma palha de vassoura e depois botava a pessoa na porta, levando pela cintura até a pessoa ficar boa e rezava a mesma reza três vezes.

- Quebranto –

Só em crianças com folhas de pinhão, não usava arruda e era em silêncio, guardava segredo.

- Olho malhado (olho mal)

Só com folha de pinhão

Usava folhas de pinhão só em criança.

- Inveja – Acho que ela não rezava isso não. Não lembro, não sei.

- Dor de dente – Usava o gesto das mãos na boca da pessoa próxima ao dente e perguntava o nome da pessoa e abria com um pai nosso, oferecia ao anjo da guarda da pessoa. A reza era segredo, falava muito baixo.

Dor de cabeça – Não lembro que ela rezava pra isso não. Era reza de segredo e perguntava o nome da pessoa, toda reza era aberta com um pai nosso e oferece ao anjo da guarda da pessoa, isso antes de começar a reza.

Dor de barriga - Não lembro que ela rezava pra isso não.

- Ventre virado - vento caído

No vento caído ela usava só o chá da Maria Aninha.

Em diarreias de adultos e crianças também usava folhas de Maria Aninha e era tiro e queda.

- Pé e braço desmentido

Não, mas aprendi observando, de reza ela ensinou só as da igreja

Aprendi a dos braços ou pernas demitido:

Em três vezes:

O que eu cozo, carne trilhada a pessoa respondia tudo isso eu cozo com os poderes de Deus e de São Furtuoso.

O que eu cozo, a pessoa respondia:

Oso torto, nervo rendido, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de são Furtuoso.

O que eu cozo, carne trilhada a pessoa, respondia, nervo rendido, carne trilhada, tudo isso eu cozo com poderes de Deus e de são Furtuoso.

(São Furtuoso é um santo católico de Portugal)

- Diarréia – Reza e recomendava chá de folhas do olho da goiabeira.

- Engasgamento

Vixe ela não falava não. Rezava era segredo, não sei dizer

- Fechar corpo
- Não lembro que ela rezava pra isso não.

Azia

Não lembro que ela rezava pra isso não.

- Inflamação no peito – não lembro, não rezava
- Gripe, pneumonia – Ela não rezava.

- Unheiro -

Ouvir falar não.

- Tersol

Fazia esquentamento e rezava no local e não lembro,.

- Íngua

Ela mandava a pessoa tirar o chinelo e riscava uma faca no pé da pessoa e rezava, dentro do pé que ela tinha riscado.

- Impinge –

Ela não rezava não.

- Outros males - Não lembro não.

15. Quais as características que uma pessoa tem pra ser rezador ou rezadeira?

A pessoa tem que ser uma pessoa boa, pois a pessoa má não tem boa energia, minha mãe era ótima pessoa não é porque morreu, ela curou até filhos de médico, os médicos tinham fé nela porque não entendia alguns males que não tinham cura. Se uma pessoa é má como ela pode fazer o bem, a reza é um bem que a pessoa faz a outra.

16. Palavras finais, fale livremente sobre a pessoa da rezadeira Otília. Quem ela era como mãe, na comunidade, como religiosa, etc

Mamãe se chamava Otília Alves Magalhães, nasceu em Munguba, próximo a Pavuna, hoje distrito de Pacatuba no dia 03 de setembro de 1903

Sua mãe, minha vó e sua bisavó, de apelido dona Maroca, se chamava Maria Alves Laranjeira da Costa Alves minha vó e sua bisavó passou a reza para ela. Otília era amada na comunidade do Parque Araxá e adjacências. Todos a procuravam pela reza. Rezar com a Madrinha Otília como muita a chamava era tiro e queda, a fé fazia a pessoa se curar.

Mamãe casou com Gordulino Marcionílio Magalhães, vendedor da companhia telefônica e dono de casas e prédios da Rua Major Facundo, vendeu tudo, pelo fato de ter passado por um acidente de bonde onde bateu a cabeça e depois disso ficou com problemas, depois de ter vendido tudo entrou em tristeza e faleceu.

Otília era muito bem vista, todos a amava, era uma pessoa muito religiosa e meiga.

Entrevista transcrita: Maria dos Prazeres- 2014

1. Seu nome?

R. Maria dos Prazeres Campos.

2. Onde nasceu?

R. Em Caucaia, na Comunidade remanescente Quilombola do Cercadão dos Discetas.

3. Qual a sua religião?

R. Sou da Umbanda.

4. Como adquiriu o segredo da reza ou com quem?

R. Aprendi com a minha mãe. Minha mãe era parteira e além de parteira era curandeira fazia partos e rezava em crianças e nas pessoas da comunidade. Então ela passou pra mim o segredo da reza e aprendi. Ela faleceu e eu continuei a rezar.

5. Há necessidades de médicos na comunidade?

Há sim, e ajuda sim, porque se usa as plantas medicinais como medicamentos e quando não dá certo procura-se o médico

6. As rezadeiras contribuem na falta de atendimento médico?

R. Com as plantas medicinais, as rezadeiras ajudam a combater alguns males.

7. O que você usa na reza?

R. Primeiramente à Deus, chamo à Deus para me dá força e proteção para curar. Peço à Deus que me fortaleça. Graças à Deus que tenho 50 anos e nunca fiz mala ninguém. Porque quem cura mesmo é a fé.

8. Você usa as folhas?

R. Sim, peço licença a natureza para usar e não destruir a natureza, ai pego as folhas e tiro o raminho.

9. Quem passou a reza e de quem veio?

R. A minha mãe, que aprendeu com a mãe dela e que veio antes delas.

10. Quais os rituais usados na reza?

R. As orações, sempre o que vem na mente, aquele orixá, a Deus pedindo para que a pessoa se sintam bem.

11. O que é a ‘Roda de Cura’?

R. A roda de Cura, se faz a roda e as pessoas naquele momento intercedem aos orixás, no ato de luz que é o ato de cura. Sempre a pessoa vem atrás de alguma coisa, de uma cura do corpo ou do espirito.

12. Quando acontece a ‘Roda de Cura’?

R. Sempre acontecia, se fazia uma vez por ano. Este ano ainda não fizemos, mas devido o crescimento das novas religiões aqui, vem se discriminando. E o nosso grupo da Umbanda diminuindo. Mas quem é da casa, sempre volta atrás. Vamos fazer um aqui, um centro da umbanda e a partir desse centro, as pessoas poderão ir atrás, porque quem é da casa, sempre volta atrás, vamos fazer um. Quando eles que saíam, escutam o bater dos tambores, se arrepiam e, isso é raiz. A batida do tambor é forte, atrai, são as raízes ruindo forte.

13. Já marcamos uma ‘Roda de Cura’ este ano e você desmarcou. Houve algum problema?

R. Houve problema sim, porque eles ficaram ameaçando, dizendo que iriam apedrejar, jogar sal, então, nós que fazemos a organização, achamos por bem adiar, com medo das pessoas que vem, não gostarem, não ficar aquele mal, vergonha, sei lá...dessas religiões que surgem.

14. E quem são essas religiões novas que surgem?

Prazeres sussurrou com medo...e, em segredo. ‘Os evangélicos’ (Não citar no trabalho)

15. O que quer dizer tradição?

Veio antes dos meus pais, dos meus avós.

16. Quais os objetos usados na Roda?

R. Tambores, o tan tan, que chamamos aqui. Ai as pessoas dançam as músicas dos orixás, ai as pessoas se alegram e cantam.

17. Você lembra de alguma letra usada na ‘Roda de Cura’?

R. Sim, é assim:

‘Arreia as cortinas dos céus
Arreia as cortinas outra vez
Com o sangue de Cristo, me lavei
Com o sangue de Jesus, eu me lavei
Me lavei, me lavei.’

18. É tão linda a música, e fala de Cristo. Por que o preconceito?

R. Sabe porque, é por causa da batida do tambor que é forte. Quem já foi, não deixa de ser, se arrepia, quer voltar. São as raízes que é forte, a pessoa pode até se é evangélica, mas as raízes é mais forte. Vem do fundo das raízes que mexe.

19. De onde vem essa tradição?

R. Vem dos meus pais, dos meus avós, dos que vieram antes deles. Meu avó trazia as pessoas e era só ouvir os tambores...Antigamente era feito na mata, sem tambor e só com a palma das mãos.

20. De onde vem ou vieram os tambores?

R. Os tambores, são feitos aqui, fizeram através do projeto do ‘ESCUTA’, com seu Leonardo Sampaio.

21. Quantas rezadeiras têm a comunidade? E como se chamam?

R. São duas mulheres rezadeiras: Dona Rita e Dona Luciana, mas temos um rezador chamado Antônio.

22. Quais os saberes aprendidos na ‘Roda de Cura’?

São vários. O aprendizado é quem vai para a roda, vai com interesses de aprendizagem e quando vai, quer ir de novo, porque reza e se alegra.

23. O que se cura na Roda de Cura?

Se cura doenças, do corpo e do espirito. Algumas pessoas buscam encontrar resultados positivos.

24. Qual seu papel na comunidade como guardião da memória africana?

É o zelo, é a continuação, já estou passando para minhas filhas o segredo da reza. Na comunidade, toda hora, vem gente na minha casa, eu recebo, eu ajudo. Não tenho besteira...Eu não.

25. Você faz horário para reza?

Não. É só vir, que rezo. Peço à Deus proteção e sempre rezo, não tenho isso de hora boa, hora certa.

26. Quais sentimentos antes, durante e depois da reza?

Me sinto muito bem quando sou procurada e quando passo muito tempo sem ajudar me sinto mal. E peço à Deus, que as pessoas não adoçam, mas gosto de ajudar, mesmo que seja só com a palavra, com apoio, me sinto bem demais.

27. Qual seu papel na comunidade e na associação?

Sou representante do Cercadão dos Disceta, sou presidenta da Associação. Ser líder é muito forte, gosto de dizer apenas que represento.

28. Qual a relação da comunidade com você por ser REZADEIRA, sem sua relação como representante da associação? É boa?

R. Não. Muitas vezes sou discriminada porque sou uma pessoa que falo a verdade e por falar a verdade e só por isso, sou criticada como; Bruxa, macumbeira. Mas isso entra no meu ouvido e sai no outro, porque tenho meu juiz, Deus. (Resmungou em tom baixo) E em voz alta em seguida disse: E falo porque tem gente que vem com segundas intenções, para fazer o mal.

29. Você ou a comunidade tem horta?

R. Sim, mas a horta está parada por enquanto, é por causa da seca.

30. Quais as plantas usadas na reza?

R. Uso o pombo roxo, o pinhão roxo, o pau brasil ou a arruda.

31. Você tem algum santo católico ou da Umbanda? Quais?

R. Sim, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças, São José. E da Umbanda, Ogun, beira Mar.

32. Você disse que pensa em colocar um terreiro ou um espaço para essas atividades? Ou a comunidade já tem?

R. Penso sim! A gente tá pensando sim, depois de reformar da associação, se Deus quiser.

33. Qual a relação que as pessoas tem com a associação?

R. Graças à Deus, as pessoas apoiam independente de qualquer coisa, mas é assim, as pessoas dizem que o que eu fizer pode contar comigo.

Entrevista com Dona Valda_Porteiras – 19/07/2015**Sobre a oficina no Juá:**

Eliene – Bom dia, mais uma vez, venho aqui para pedir permissão para gravar e fotografar nossa conversa, nossa entrevista. Você falou na oficina no Juá sobre o inhame, que ele serve para a dengue, me fale sobre isso?

Dona Valda – Porque o inhame tem uma enzima e nós ingerimos e isso faz com que quando ingerimos faz com que não desenvolva e dengue.

Eliene – O que é a magia na cura?

A magia na cura, quando eu digo incompleta, as pessoas não ficam boa, tem que ser completa. A doença é incurável se não for rezado direito.

Eliene – mas o que é a magia?

Dona Valda - É quando uma pessoa olha com olhos mal, não fita o olhar e nos faz mal só em ver, no tom da voz, nós sentimos, temos muito conhecimentos.

Você sabe o que cada um traz de mal, energia negativa, nossas mãos, nosso olhar, tenta gaguejar, eu me sinto muito ruim.

A magia na cura só acontece quando se fala as palavras completas.

A magia é quando sentimos todos nós temos magia. Nosso olhar pode atrair, pode nos transmitir.

Nós temos muitos conhecimentos no nosso corpo, muita energia.

Eliene – A senhora conhece alguma cantiga da época dos seus avós, bisavós, tataravós na época do escravismo?

Dona Valda - Nunca gostei, não lembro, nunca gostei de música, uma lembrança da minha mãe, sol, lua, não sei.

Nunca gostei de música, nunca gostei de cantar, não lembro.

Eliene – O que é mediunidade na cura?

Dona Valda - Eu não entendo, não sei explicar, é um dom, a gente sente, não sei nem explicar, quando curamos uma pessoa.

Eu não entendo, é meu dom, que sai espontaneamente, é uma coisa tão boa quando estou curando uma pessoa.

É uma coisa, que não sei, não sei explicar. Sai espontaneamente, eu não sei nem te explicar, quando a gente tá curando uma pessoa.

Sentimos sempre algo diferente, sentimos algo que não sabemos nem explicar, num sei.

Eliene Fale sobre a discriminação às rezadeiras?

Dona Valda - Aqui, uma pessoa diz, ‘**Ela é macumbeira**’, mas ela não é macumbeira. Essa transmissão, eu, vc e vc e eu. Tipo o seu namorado, seu neto, um amor diferente, algo que não explicamos os sentimentos. Meu ex-marido tinha raiva que eu rezava, ele queimou tudo, todos meus livros sobre cura.

Ele tinha raiva que eu não perguntava nada, mas eu sabia de tudo que ele fazia sem que eu o visse. (Fala sobre sua relação pessoal com o ex-marido)

Oficina das Capulanas – Porteiras – Dona Valda

Eliene - O que significa sua arte da sua história na Capulana?

Dona Valda - Desenhei um cajueiro, que fica no meu terreiro, pra mim, ele significa muitas coisas, o que faço, a reza, ficar com as pessoas embaixo de sua sombra, o alimento.

O cajueiro significa vida.

Eliene – E o que mais?

Dona Valda – Eu desenhei um cajueiro, as plantas.

O cajueiro pra mim é vida, ele dá alimentação, remédio, cura, sombra, a castanha serve pra cura, osteoporose, ele é tudo.

Se você senta debaixo dele, vc sai bem, sai leve.

O cajueiro é inspiração, vida, tudo.

Na sombra de uma mangueira vc sai melancólico, sai com baixo astral, arriscado contrair uma doença, pq vc sai triste, mas o cajueiro não, ele é tudo.

Eliene – Existe alguma história do cajueiro?

Dona Valda - Tem o cajueiro pq eu fico no cajueiro pra rezar, pedi bênçãos, contar.

Eliene - Faça uma relação com o quilombo, com os antepassados?

Dona Valda - O cajueiro, lembra como os antigos viveram, sem casa, sem nada, então iam pra baixo do cajueiro porque não tinham casa, ele é tudo.

Meu avó falava muito que eles cultivavam cajueiro, coqueiro, porque deles tiravam muitas coisas. Que as palhas do coqueiro servia para fazer o teto e muitas coisas mais.

Eliene – Qual relação que vc faz com o cajueiro – quilombo- seus antepassados?

Dona Valda - Aquilo ali significa muita coisa, nem sei dizer, é igual a pimenta porque os africanos gostavam muito de pimenta, tinha valor, nem sei, muito.

Só sei dizer que a árvore é tudo, força, vida e dela tiramos tudo, porque ela vem da terra e da t

Roda de Cura_Ritual

Sr. Antônio acende várias velas: brancas e verdes

Branca para o anjo da guarda

Verde para o Orixá das matas

Antônio pediu permissão para o ritual, para gravar e fotografar aos orixás

Antônio, faz um gesto com os dedos estalando, fecha os olhos, louva e pedi permissão.

Eliene – A quem você está pedindo permissão Antônio?

Sr. Antônio – Ao guia das matas, é ele que defende a natureza.

E vocês podem acender velas para outros guias, para o anjo da guarda, das águas, outros, não é obrigado a ser só o meu guia não.

Eliene - Vejo que você organiza a roda por sexo?

Sr. Antônio – Sim, mulheres de um lado e homens de outro, só os rezadores que começam e fazem as rezas e benzeduras.

Em seguida todos cantam em grupo puxado sempre pela rezadeiras Prazeres e rezador Sr. Antônio.

Cantam em grupo de mãos dadas em círculo, mulheres de um lado, homens do outro.

Canção

Arrei as cortinas do céu,

Arrei as cortinas outra vez .

Com sangue de Cristo

Eu me lavei, eu me lavei.

Povo de umbanda vem ver

Vem ver os filhos teus (...)

Defuma essa tenda de caboclo

Nas horas de Deus.

Dona Prazeres diz:

- Vocês marcam o ponto de vocês, não é só acender vela não.

Eliene – Estou ouvindo tambor por ali.

Dona Prazeres – São os evangélicos, eles têm tambor.

Vamos entrar pra começar, ajuda Antônio na divisão por sexo!

Dona Prazeres – (...) Então Dona Prazeres começa com sinal da Cruz e oração de abertura.

E começa.

Dona Prazeres – Senhor, estaremos aqui reunidos em teu nome para o bem, prosperidade e paz para todos aqui presentes e ausentes, para todos.

Para que hoje receba o passe de luz, a cura e para aqueles que precisam de orientação, sejam orientados.

Dona Prazeres reza: Pai Nosso e Ave Maria duas vezes.

Dona Prazeres – Oferecemos esse Pai Nosso que acabamos de rezar para o nosso anjo da guarda, aos nossos guias espirituais para o bem espiritual da paz celestial e nos dê proteção neste momento.

A segunda oração, oferecemos aos nossos antepassados que já partiram, que eles nos dê força.

- Amém!

Cantam puxado por Prazeres:

Estaremos aqui reunidos (bis)

Como estavam em Jerusalém (bis)

Pois só quando estamos unidos (bis)

É que o espírito nos vem. (bis)

Ninguém para esse vento passando

Ninguém ver ele só quando quer.

Vem e guarda o espírito santo

Faz a igreja de Cristo nascer.

Em seguida cantam outra canção, sempre dançando lentamente, mostrando o luto nos gestos. Dessa forma, senti profundamente o respeito e a ligação comunitária em respeitar os mortos e suas famílias.

Arreia as cortinas dos céus

Arreia as cortinas outra vez

Com sangue de Cristo eu me lavo

E com sangue de Cristo eu me lavei.

Ogum de Umbanda vem (bis)

Vem ver os filhos teus. (bis)

Defuma essa tenda nas horas de Deus. (bis)

A senhora abençoe esse altar

Para ver seu filho trabalhar

Defuma essa tenda de caboclo

E mal afastai, a felicidade entrar.

Dona Prazeres – Assim seja!

Todos entoam batendo palmas lentamente, novamente outra canção.

Lá fora já tá batendo (bis)

Jesus mandou ver quem é. (bis)

Oh abra a porta, oh gente!

E deixe a falange de São Jorge entrar.

Sr. Antônio diz que é canto de entrada.

Dona Prazeres – Canta Toim!

Sr. Antônio canta:

Vamos cantar para o guia general

General de brigadas

Foi sargento de cavalaria
Trago as sete espadas pra me defender.

Mas tenho o senhor de Ogum
Em minha companhia
Por que tu eis meu pai
São Jorge é meu guia.

Se tu eis meu pai
Vieste com Deus e a virgem Maria
Com seu cavalo branco ele vem montado
Calçado de botas ele vem armado
Vinde nosso Senhor, São Jorge guerreiro
É nosso defensor.

Antônio canta com voz embolada, tenta controlar-se.

E nesse momento Antônio entra em transe, mas logo depois de cantar se controla e volta, dizendo que não se sentiu preparado para receber. E puxa outra canção.

Quem é que pode com a espada de Ogum.
Quem é que pode com a espada de Xangô.
Quem é quem pode com a filha de Oxossi.
Porque nas matas tem um dragão vencedor.

E Antônio emenda com outra cantoria, de tom diferente, provavelmente uma outra música.

Papai é o maior na espada

Chegou de ronda com sua cavalaria.

(...resmungando em transe)

Salve, salve seu rompe mata.

Antônio diz está nu, desnudo, despreparado e evita receber seu guia, se benze e faz um gesto no braço, de livramento do transe.

Nesse momento, para a cantoria e um silêncio respeitoso toma conta, em seguida todos passam um líquido de limpeza de uma garrafa, que deveria ser álcool com folhas de banho de limpeza.

(Conversas paralelas no ar).

Risos no ambiente de bom humor e amizades.

Então Dona Prazeres pergunta a uma participante da roda.

-Tu vem aqui atrás de quê?

E ela responde:

- De cura!

Então Dona Prazeres retruca:

- Aqui ninguém faz nada, o que vale é tua fé. Jesus disse: Quando tiver mais de um reunido, Deus está junto.

E volta a cantoria puxada pela Dona Prazeres.

Quem se achar perdido Afirmo Deus conduza

O mundo gira/revira

E os teus males vai embora pra matas virgens.

Emendam com outra canção.

Vinha caminhando a pé

Pra ver se encontrava a minha cigana de fé

Era parou e minha mãe

(risos)

Seu Antônio começa:

Mãe, mãe clareia..

(risos)

Ele cantou

Com tambor de Aruanda

(palmas)

Sr. Antônio – A gente tem que respeitar os guias da gente, com limpeza. Atitudes, vou fazer agora, passar os raminhos em vocês.

Eu não fui desenvolvido completamente, me afastei, mas tou voltando.

Agora cada um se concentra no problema de vocês e tenham fé porque sem fé não adianta.

Eliene – Só vocês rezador e rezadeira pode fazer esse ritual, né, puxar?

Sr. Antônio – Sim, só quem é.

Dona Prazeres – Só nós.

Momentos de silencio.

Hora das benzeduras com folhas e velas acesas pelo corpo.

Eles passam as folhas de cima pra baixo, fazem cruz e com a vela fazem da mesma forma e rezando sem parar, fazendo gestos circulares de tirar algo ruim.

Algumas orações em silencio, outras se falam pequenos trechos com paradas, e continuidade labial (segredo)

“Que Deus te livre do (...)

Continua o silencio...

Dona Prazeres e Antônio benziam de forma circular na roda até que cada um (rezador/a), se encontrou e um benzeu o outro.

Dona Prazeres – Estamos aqui para benzer e abençoar, nada de fazer desagradados, mentalizando o bem.

Nesse momento Sr. Antônio e Dona Prazeres convidam a todos a provarem o vinho.

E começam outra canção:

Portão de ferro, cadeado de madeira. (bis)

Oh Oxum fecha nossas porteiras para o mal. (bis)

Oh Oxum abre nossa porteira para o bem. (bis)

É meu pai Ogum

Vencedor de demandas

Quando vem de Aruanda

É pra salvar os filhos de Umbanda.

Oh Ogum, Oh Ogum, Oh Ogum iaiá!

Oh Ogum, Oh Ogum, Oh Ogum iaiá!

Salve os campos de batalha

Salve a sereia do mar.

Oh Ogum, Oh Ogum, Oh Ogum iaiá!

Oh Ogum, Oh Ogum, Oh Ogum iaiá!

Dona Prazeres – Tem hora que a gente fica meio. Deixa trazer mais. (vinho)

E diz: É vinho para gira de limpeza.

Sr. Antônio – Vinho é sangue de Cristo e muito usado na religião católica e Umbanda.

(prosa sobre os vinhos, risos)

Eliene – Por que o vinho é limpeza?

Sr. Antônio - é para purificar.

Dona Prazeres – É o sangue de Cristo.

Sr. Antônio – Vão bebendo, pensando em coisa boa.

Eliene – O primeiro vinho é da gira? Por quê?

Sr. Antônio – é pra dar força, limpeza.

Eliene – Por que todos e todas tem que beber?

Sr. Antônio – Por que é uma corrente, é a força em roda, em gira.

A gira do vinho.

Eliene - Achei interessante Dona Prazeres dizer que o vinho representa união.

Interessante é que não estão dançando e cantando com tambores, mas só na palma da mão, na roda, por causa do luto pela morte de Dona Marlene. Vejo como a comunidade toda está de sentimentos. Isso é senso comunitário.

Tudo na roda me chamou atenção, me veio lembranças e sentimentos da infância. Noite agradável, prosas, rodas de conversas, risadas, contação de histórias, humor, brincadeiras, canções, reunião, alegrias, né.

Pena que a rezadeira Rita não está aqui.

Esse gente, é um ritual africano. Conversando com um africano e constatei que veio de lá, oh.

Não se preocupem com o preconceito, continuem sendo guardiões dessa tradição.

Sobre seu Antônio, Prazeres já tinha falado, que ele é muito bom, vejo que ele valoriza a reza.

Sr. Antônio – Acho que aqui temos um terreiro mesmo. Isso já faz pra mais de um ano que não fazemos, muito mais.

(prosas, risos)

Eliene – Tem lugar que vocês se reúnem pra contar histórias?

Dona Prazeres – Em baixo das 7 mangueiras, é sagrado.

Vamos finalizar a roda, pedi Prazeres.

Antônio vamos encerrar!

Todos começam a bater palmas fortes e no ritmo, entoam canção.

Arrenda homem que lá vem mulher

Vamos a força da água, a rainha

A força da

É um, dois, dois...

É Cosme e Damião

Uma dorinha só não pode fazer verão

Dou-lhe duas, dou-lhe três

Entrou a mamãe...

Dela não tenho pena, dela não tenho dó

É 27 homens pra uma mulher só

Ela

Mais ela é uma moça bonita

Sereia, seria do mar

Ela vem

Eh...eh (palmas)

Ciranda

Perto de um coração

Desenhe um sol pra mim

No sertão do teu olhar

Acorda com uma canção

Dona Prazeres – Todo mundo vai falar uma coisa, qualquer coisa, pedi outra vez a roda.

Eliene – Posso começar?

Dona Prazeres – Pode sim!

Eliene – Eu desejo que sempre continue com a Roda de Cura.

Que vocês não deixem essa tradição acabar.

Que vocês continuem rezador e rezadeira e repassem.

Que sejam resistentes assim como Zumbi foi.

RESISTÊNCIA!

Sr. Antônio – Eu peço paz, proteção e saúde pra todos nós.

E que se acabe o preconceito.

Para quem não tem é muito ruim né!

E que acabe o preconceito né. Vamos em paz.

Camila – Eu peço paz, saúde e que deixem o preconceito.

Que nunca mais tenhamos preconceito.

Que a gente acabe o preconceito de dentro da gente e vamos marcar a próxima roda.

Dona Prazeres – Estivemos e sempre estaremos reunidos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

E que e que em paz vamos para nossas casas.

Amém!

Eliene – Vocês não podem perder o ritmo da Roda de Cura.

Sr. Antônio – Da próxima vez veio vestido. (risos)

Roda de Cura_Transcrição_2ª entrevista_Prazeres e Sr. Antônio –julho-2015

Entrevista

Eliene - Estamos aqui antes de começar para falar sobre a roda de Cura. E cada um vai falar a vontade um pouco Antes de começar o ritual e nossos irão falar a vontade sobre a relação com a Umbanda.

Eliene - Vamos começar com o seu Antônio.

Eliene - Diga ai seu Antônio o que se faz na Roda de Cura?

Sr. Antônio - Na Roda de Cura a gente se concentra em uma oração um guia, nos Orixás e nas orações. E vai passando a corrente de um para outro e vai se concentrando pensando em seus guias para a gente poder fazer a cura e ai a gente vai fazendo o trabalho da gente, da gente não de Deus porque não sabemos fazer nada.

Tem que se concentrar e pedir permissão, se pode ou tem ordem de fazer essa fazer essa cura ou não, porque se não tiver, não faz.

Eliene - Quer dizer que a gente primeiro pedi permissão?

Sr. Antônio - Sim, isso mesmo temos que antes pedi permissão.

Eliene – Por exemplo, é uma roda né, tem tambores, como faleceu Dona Marlene, tia de vocês não poderá fazer com dança e tambor, por causa do preconceito de algumas pessoas da comunidade evangélica e da chuva Prazeres disse que não poderemos fazer no quintal (terreiro)

Sr. Antônio – Sim, não podemos.

Eliene – Mas vamos fazer né.

Sr. Antônio Sim, vamos fazer, através da cura, uma limpeza através do pensamento, dos ramos, da limpeza.

Eliene - Que folhas o senhor usa?

Sr. Antônio - Uso mais as folhas do pinhão.

Eliene- O senhor é rezador?

Sr. Antônio - Sim, raramente eu faço né, sou rezador, eu penso naquele guia.

Tem gente que acredita, mas tem gente que não acredita.

Eliene - A roda de cura é feita por rezadeira?

Sr. Antônio - Sim, com rezadeiras.

Eliene - Desde quando se faz e começou no Cercadão a roda de Cura?

Desde que eu me entendo com gente. Meu tio já fazia, eu era menino como um menino desses, eu levava uns pauzinhos e começava batia o pé no chão.

Ai começava, a bater o pé, a cantar.

E hoje sou médium, a gente evita muita coisa devido a isso . (risos)

Sr. Antônio – Hoje diminuimos devido as novas religiões que não aceitam.

Eliene – Mas se vocês diminuir, , vai acabando e é uma cultura africana em vocês.

Sr. Antônio – É sim, mas tentamos fazer, queremos fazer um canto para os orixás.

Dona Prazeres – Mas queremos continuar.

Eliene- Quantas vezes vocês fazem por ano?

Sr. Antônio - Não tem limite, muitas vezes se precisar, no mínimo uma.

Eliene – Como era feito naquele tempo?

Dona Prazeres - Era na mata

Eliene - E o que usavam?

Dona Prazeres - As palmas, não tinha tambor

Eliene - E tinha ou tem outro ritual?

Dona Prazeres – Não

Dona Prazeres – Minha mãe contava que meus antepassados contavam a história de um navio.

Eliene – ah sim, conheço essa história.

Sr. Antônio – aqui é um preconceito tão grande que eu tinha um trabalho pra fazer numa encruzilhada, aí por causa do povo tive que fazer na mata porque se não poderiam me bater se visse fazendo isso.

Agradeço pelas informações, gravações, fotos e repasse de informações, sou muito grata a vossas gentilezas.

Entrevista a Maria Luiza

Capulana

Primeiro o sol, que representa a força vital, que Deus deixou, com relação a religião. Quando eu era criança eu tinha uma força muito grande a religiosidade, a luz do sol representa o elemento fogo, que tem a ver com minha ancestralidade.

E as flores, a natureza, o elemento vegetal, que eu gosto muito.

A força com a terra, a água e a quase todos os elementos.

E as folhas, eu coloquei ligando com a cura, com a natureza, com a magia, que é um elo que liga muito as pessoas de Porteiras, muito forte, que tem ligação com os antepassados.

As árvores porque, com relação a elas que é também natureza, mistério, contato profundo com a natureza, e em particular eu gosto de conversar com as plantas, de contar minhas coisas.

Eliene – Por quê?

Luiza - Porque acho que tem uma energia muito forte que não sei explicar, mas que é forte.

Teve uma vez que perdi minha agenda. E eu fiquei desesperada, aí nesse dia estava chovendo e fui para o centro da Caucaia, aí apareceu um rapaz com uma cobra, pequena, tipo pequeno acha que cobra de veado, não sei, então pedi a cobra que me ajudasse a encontrar minha agenda, aí não é que no mesmo dia encontrei minha agenda de volta.

Eliene - Qual a ligação com a árvore?

Luiza - Não, é porque estava falando de árvore e continue falando de natureza, porque os animais fazem parte da natureza e eu gosto muito de animais, até rezo neles.

Entrevista Dalva – 024

Eliene_ Meu nome é Eliene Magalhães da Silva, sou mestranda em educação brasileira pela Universidade Federal do Ceará e minha orientadora é Sandra Petit. E o tema da minha pesquisa é rezadeiras. Então eu quero pedir permissão de fotografar e filmar a senhora para o meu trabalho.

Eliene_ Primeiro, qual o seu nome completo?

Dalva_ Meu nome é Maria Dalva de Sousa.

Eliene_ Como a senhora é conhecida?

Dalva_ É por Dalva.

Eliene_ Qual a sua idade? Dalva_ Cinquenta e dois.

Eliene_ Como a senhora foi iniciada... como começou a reza? Como aprendeu?

Dalva_ Assim... eu tou falando aqui da minha mãe né!? Como eu já falei hoje.

Eliene_ A senhora vai repetir porque lá eu num gravei assim perguntando...

Dalva_ Num gravou né!? Pois é...

Eliene_ ...e sim apresentando, é diferente porque aqui tem umas perguntas diferentes. Pode responder.

Dalva_ Aí ela começou a rezar acho que muito nova. A mãe dela rezava e... era a avó, e era a mãe dela, e aí sogro dela... tudinho rezava, a sogra, tudo rezava, aí é família né!? tradição de família. Ela também era parteira. Pegava muita criança também. Aí a mãe dela também era parteira, já vem da mãe dela. A mãe dela ensinou.

Eliene_ A mãe dela ensinou né!? a sua vó?

Dalva_ É, a minha vó, mãe dela.

Eliene_ E a mãe da vó também?

Dalva_ É, a mãe dela era parteira né!? a mãe da minha mãe. Aí ela também era.

Eliene_ Quando começou a rezar? A senhora tinha quantos anos quando aprendeu, a reza com sua mãe?

Dalva_ É, realmente a reza que eu rezo é só pra resguardar meu corpo né!?

Eliene_ Não. Quando foi que a sua mãe lhe ensinou, a senhora tinha quantos anos?

Dalva_ Eu era pequenininha quando ela começou...

Eliene_ Ainda criança. Quantos anos? Sete? Dez?

Dalva_ É. Com sete ela chamava a gente pra rezar junto com ela né!?

Eliene_ Aí era pra aprender né!?

Dalva_ Era.

Eliene_ Aí quem foi que aprendeu? Foi só a senhora de filha?

Dalva_ Outra irmã minha também aprendeu.

Eliene_ Mas não se tornou rezadeira.

Dalva_ Ela se tornou rezadeira.

Eliene_ Mora por aqui?

Dalva_ Não, essa mora no Tabapuá, porque ela casou e foi morar lá. Ela reza.

Eliene_ Quando a senhora começou a rezar? Aprendeu pequenininha, mas com que idade começou a fazer as rezas na comunidade?

Dalva_ Realmente assim, pra rezar em criança eu não rezo. Vou ser bem clara. Só rezo pra resguardar meu corpo, pra dormir, levantar... somente...

Eliene_ Em pessoas adultas?

Dalva_ É. Só pra rezar mesmo em qualquer criança eu não... eu não me retornei assim rezar como a outra. Agora a outra reza. A outra minha irmã. A outra tem mais de sessenta anos já. A outra reza mesmo em criança.

Eliene_ Reza na comunidade mesmo né!? Mas é porque a senhora ainda não quis desenvolver... qualquer momento a senhora pode rezar...

Dalva_ É, posso sim.

Eliene_ . . .mas tem a reza. Como foi que a reza foi repassada? Através de...

Dalva_ Foi passada através da minha mãe...

Eliene_ Não... ela falava, aí você decorava?

Dalva_ É, ela rezava. As vezes ela rezava em crianças né!? aí eu ficava...

Eliene_ Observando.

Dalva_ Porque de primeiro não era assim. A gente não chegava perto das mães assim pra ficar no meio delas. Era muito... a gente ficava na altura como da casa, aí ia vendo... ela rezar.

Eliene_ O quê que a senhora usa pra realizar a reza?

Dalva_ É... assim pra quem reza mesmo é um ramo né!? como ela usava um raminho...

Eliene_ Que tipo de ramo que a senhora usa?

Dalva_ É o pinhão... é...

Eliene_ Qual o horário...

Dalva_ ... é a vassourinha né!? um matinho que dá nos terreiros, bem verdinho.

Eliene_ Qual o horário que a senhora faz a reza? Manhã, tarde, noite? Que horas?

Dalva_ É... assim... a rezadeira tem as horas né!? de rezar, que é quando o sol vem saindo e quando o sol vai se pondo né!? depois daí tem rezadeira mesmo que não reza.

Eliene_ Porque não é bom né!?

Dalva_ É, porque não é bom. Porque o sol leva... o sol também leva... as cinco e meia.

Eliene_ Quando a senhora reza, a senhora reza em pessoas, animais? Ou só na senhora e nos familiares?

Dalva_ É... eu rezo pra... em animal eu num rezo não.

Eliene_ Mas se alguém pedir pra rezar de fora, a senhora reza?

Dalva_ Assim... se for preciso a pessoa rezar né!? a fé é quem cura né!? Disse que a fé é quem cura. Aí a pessoa reza um Pai Nosso, uma Ave Maria e oferece.

Eliene_ Onde é que a senhora pratica o ofício da reza? É na casa? É fora?

Dalva_ É na casa.

Eliene_ Quais são as orações sem segredo? Assim, a senhora conhece alguma oração que as pessoas podem ouvir?

Dalva_ Sem elas ouvir?

Eliene_ Não, que a senhora fala pras pessoas ouvirem. São aquelas orações sem segredo.

Dalva_ O Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria...

Eliene_ A senhora num pode dizer nem uma oração pra mim? Um verso?

Dalva_ É realmente é sem segredo.

Eliene_ A senhora não precisa dizer toda, porque se uma palavra faltar ela perde a força. Então eu não vou usar, mas a senhora pode dizer um trequinho?

Dalva_ Só... eu vou dizer só essa assim “Com Deus me deito, com Deus me levanto. Se Deus vier lhe chamar, não terá medo nem pavor. Deus três vezes no coração, Jesus, Jesus de Nazaré, minha alma vossa é”. Pronto, aí é a reza de dormir né!? de guardar o corpo. Pronto, aí eu já posso deitar e se Deus vier chamar eu nem tenho pavor né!? Por causa que eu já rezei, aí é a reza de dormir... de guardar o corpo. Aí pode dormir...

Eliene_ Que doenças ou males do corpo e alma você usa a reza em segredo? Quais são as doenças que você faz aquela reza que ninguém pode ouvir?

Dalva_ Realmente é uma reza só pra mim mesmo né!? porque em segredo é só reza com o coração.

Eliene_ Mas o que é que a senhora cura com esse tipo de reza que ninguém pode saber? Que doença? Que mal?

Dalva_ É a pessoa... se a pessoa tiver assim muito...

Eliene_ Carregado?

Dalva_ É... assim muito...

Eliene_ A doença da alma né!?

Dalva_ É a doença da alma se tiver muito por dentro deprimido a pessoa pode rezar em segredo, que ninguém tá vendo, aí a pessoa já vai melhorando mais.

Eliene_ A senhora reza para os mortos?

Dalva_ Rezo.

Eliene_ Em que lugar a senhora reza para os mortos? Na sua casa ou fora dela? Em que lugar?

Dalva_ Eu vou pra debaixo de um pezinho de pau, de árvore bem verdinha, que é onde eles estão e podem receber. Eu não rezo dentro da minha casa.

Eliene_ A árvore tem a força de absorver aquela energia né!? que não é boa.

Dalva_ É, na minha casa eu num rezo pra morto não, porque né!? e nem acendo vela, porque assim, dia de finados tem gente que acende dentro de casa, mas eu não. Tem um local de acender, que é onde eles recebem né!?

Eliene_ A senhora já viu espíritos, ou sente?

Dalva_ Não, vejo não.

Eliene_ Nem sente né!?

Dalva_ Não.

Eliene_ A senhora invoca as almas?

Dalva_ Não.

Eliene_ As almas benditas?

Dalva_ Também não.

Eliene_ A senhora sente premonição? Ou seja, antes de acontecer a coisa a senhora já sente que vai acontecer alguma coisa ruim?

Dalva_ É, já sinto. Sim, isso aí eu sinto.

Eliene_ A senhora pode dar um exemplo?

Dalva_ É assim, eu começo com aquela dor no meu peito, aquela tristeza por dentro né!? Essa semana... vai fazer uns quinze dias que eu senti. Que as vezes eu vou pra Canindé. Que eu fui pra Canindé... contar aqui só um exemplo, porque foi muito... aí eu passei lá de frente uma irmã minha assim de pegação, que minha mãe pegou certo!? Assim na entrada que vai pra lá, aí eu senti aquela dor, aquela tristeza dentro do meu peito. Aí eu digo "Vai acontecer uma coisa e é com gente daqui". Aí eu venho... fui pra Canindé com aquela alegria, fui com a minha cunhada e tudo, mas assim com aquela tristeza, com vontade... se eu fosse pra outro lugar eu tinha descido e tinha ido lá. Aí essa menina, minha mãe pegou ela, que minha mãe era parteira né!? como eu falei. É só um exemplo muito forte. A gente tinha ela como uma grande irmã, muito mesmo... irmã mesmo. Aí eu fui pro Canindé, aí quando eu volto, que já vinha pra casa, pra subir essa ladeira ali, eu soube da notícia que ela tinha falecido. Quer dizer que isso aí eu senti né!? é um laço muito forte. Eu senti, aí eu digo "Meu Deus! Eu sabia que ia acontecer alguma coisa", era de lá que vinha. Ela foi pra Caucaia e faleceu de uma hora pra outra.

Eliene_ Qual a sua religião?

Dalva_ Eu sou Católica.

Eliene_ Quais as suas devoções? A senhora tem devoção com algum santo?

Dalva_ Tenho, com São Francisco.

Eliene_ Tem outro Santo?

Dalva_ E São José.

Eliene_ São Jorge tem?

Dalva_ Só com São Francisco e São José. Eu sou mais apegada a eles né!?

Eliene_ Que chás a senhora recomenda pra cada mal? Por exemplo, dor de cabeça, a senhora recomenda...

Dalva_ É, a gente bota o pinhão né... amorna as folhas, aí bota na cabeça, passa um óleozinho na cabeça, amarra um paninho... a carrapateira também.

Eliene_ E pra dor de barriga?

Dalva_ Pra dor de barriga é um chá. A folha da goiabeira que é muito bom o chá pra dor de barriga, pra diarreia. É muito bom o chá da goiabeira, os olhinhos da goiabeira né!? Se for pra adulto é nove olhinhos, se for pra criança é três.

Eliene_ Qual a oração pra quebranto? Sabe dizer?

Dalva_ A oração pra quebranto é... eu sei que a minha mãe costumava dizer, que eu assistia ela rezando que é "Quando Deus andou no mundo, três coisas ele curou né!? é quebrante e mal olhado, que quebrante é um e mal olhado é outro... e vento caído.

Eliene_ Qual a diferença entre quebranto e mal olhado?

Dalva_ O quebrante é por causa que é só quebrante, o mal olhado o pessoal olha com os olhos maus né!?

Eliene_ O quebranto é sem querer né!? é só energia da pessoa...

Dalva_ É e o mal olhado já sabe...

Eliene_ O mal olhar é o maldoso né!?

Dalva_ É

Eliene_ Qual a relação com a natureza? A senhora gosta de plantas?

Dalva_ Gosto, eu goste de plantar umas coisa pra remédio. Gosto de plantar hortelã, que ser pra remédio né!? Malva arisca, capim santo, corama... tudo é esses remédios assim.

Eliene_ Para a senhora, o que é que representa a terra?

Dalva_ A terra é muito bom que a pessoa planta as coisa né!? Planta as coisa da natureza...

Eliene_ Saiu tudo na minha gravação... tá com dor de barriga...

Dalva_ É, ela é muito boa a terra que a gente planta. Sem a terra ninguém num vive né!?

Eliene_ E a terra a gente volta pra ela.

Dalva_ É a gente volta pra ela.

Eliene_ Quais os sentimentos antes e depois da reza?

Dalva_ O sentimento?

Eliene_ Sim.

Dalva_ A pessoa reza e... tá falando com Deus, rezar é falar com Deus. É um momento muito...

Eliene_ E a senhora se sente bem quando reza?

Dalva_ Me sinto.

Eliene_ Como é esse sentimento que a senhora se sente bem, é um alívio.

Dalva_ É, a gente sente aquele alívio... dispensar aquele peso, eu mesmo pra mim dormir, se eu não rezar a reza de guardar meu corpo, eu não durmo. E tem que... aquela coisa ruim no corpo e tem que se acordar pra rezar né!?

Eliene_ Como é que a comunidade lhe vê?

Dalva_ A comunidade...

Eliene_ Gosta da reza?

Dalva_ Gosta!

Eliene_ Num tem ninguém que fala não?

Dalva_ Tem não. Graças a Deus tem muitas pessoas... em toda comunidade tem isso aí. Tem umas pessoas que veem a gente com bons olhos e tem outras que não veem. Em toda comunidade é assim...

Eliene_ A senhora faz referência a alguma entidade, algum protetor, alguma entidade que não é santo?

Dalva_ Que não é santo?

Eliene_ A senhora faz referência quando reza?

Dalva_ Não.

Eliene_ Como é sua relação familiar com a reza?

Dalva_ Minha família quando os meninos... eu chamava tudim e ensinava a reza, o Pai Nosso. Quando eles iam fazer a primeira comunhão eu chamava tudim. "Menino, vamos... entre aqui, que é pra quando for fazer num..." Aí eu botava tudim pra rezar o Pai Nosso...

Eliene_ Aí botava todo mundo pra rezar...

Dalva_ Era, tudim, esses meninos pequenos aí... pronto, faziam a comunhão tudo numa boa, sem precisar de ficarem...

Eliene_ Quais seus familiares é rezadeira? Quem eram?

Dalva_ A melhor era minha mãe, minha vó... agora minha irmã né!? meu avô também era rezador... minha mãe...

Eliene_ Como seus amigos veem a reza? Eles falam, acham legal, acham feio?

Dalva_ Não, eles num dizem nada não.

Eliene_ Dá força?

Dalva_ Dá... rezar né!? é pra...

Eliene_ A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por ser rezadeira? Alguém já reclamou, falou mal?

Dalva_ Ainda não.

Eliene_ A senhora é parteira?

Dalva_ É, eu peguei cinco crianças.

Eliene_ Foi mesmo? Aprendeu com a mãe né!? Quando num dá tempo ir ao hospital...

Dalva_ É com a mãe, o que ela pode deixar pra mim ainda assim. Por que a reza tem um sentido, essas pessoas que rezam, elas não ensinam nova. Quando vão ensinar já tá já que...

Eliene_ Com uma certa idade.

Dalva_ É porque a reza é assim. Dizem que se a pessoa ensinar não serve.

Eliene_ Nova demais né!?

Dalva_ É e só serve praquela pessoa que ensinou e a reza não serve mais.

Eliene_ Muito bom a senhora dizer isso... um dado importante.

Dalva_ É. A minha mãe tinha isso, ela dizia muito. Até que eu dizia “Mãe, passa essa reza pra mim passa!”, “Minha filha, quando eu tiver bem velhinha, eu passo”. Aí mais quando ela chegou a altura... ela pegou... começou a pegar crianças muito novinha né!? bem novinha e pegou duas mil crianças.

Eliene_ Foi mesmo, duas mil?

Dalva_ Foi aquela história que o menino tava lendo... mil crianças, ela fez curso... pra se graduar ela não quis, achou melhor ser mesmo a parteira que chamam a parteira mesmo né!? sem ser doutora... num quis não. Aí ela “Não, minha filha, quando eu ficar com mais idade eu ensino pra você!”

Eliene_ A comunidade pede a sua reza? Sempre vem atrás?

Dalva_ Pede. Tem muitos que querem eu reze né!? Perguntam “Você reza?”

Eliene_ A senhora já está passando a sua reza pra alguém da família?

Dalva_ É, as que quiserem aprender né!?

Eliene_ Tá passando né!? as que se interessam.

Dalva_ É.

Eliene_ Os jovens de hoje, a senhora acha que eles se interessam em aprender a reza?

Dalva_ Talvez até que se interessem, porque eu tenho um filho que ele é o mais velho, ele já tira terço. Mais velho muito interessado, ele tira uns terços. Aonde tem mulheres que não sabem tirar o terço né!? mas ele tira. Esse daí que eu sentava ele pequenininho... “Menino, vamos rezar que é pra quando vocês ficarem grandes rezarem”. Eu sempre ensinei meus filhos, meus filhos foram muito bem criados, ensinei eles a rezar...

Eliene_ Eu agradeço a senhora pela contribuição, foi muito importante.

Dalva_ Muito obrigada.

1ª Oficina

Estação: 6ª

Musicalidade

Artefato: Tambor – musicalidade

Tem com o ritmo, como se fosse uma oração. Acho sagrado porque mexe com o imaginário, com a emoção, com o corpo, com a alma e a espiritualidade.

Mexe com o todo da pessoa.

Tem sim ligação com a África, com nossos antepassados, com nosso quilombo, aqui tem muitos mistérios como o ar, os elementos da natureza, algo que não sei explicar.

O tambor é o ritmo misterioso da comunidade, do corpo, da natureza, do que somos, dos antepassados que dançam nas matas.

Entrevista Dona Mariinha

Eliene_ Meu nome é Maria Eliene Magalhaes da Silva, sou aluna da Universidade Federal do Ceará, sou mestranda, minha orientadora é Sandra Petit e o tema da minha pesquisa é sobre as rezadeiras e eu vim aqui entrevistar a senhora, fotografar, ver o local onde a senhora vive, ver como a senhora faz a reza que é uma coisa muito bonita viu!? Então eu tou pedindo permissão a senhora de fotografar e lhe entrevistar. Posso?

Mariinha_ Pode!

Eliene_ Muito obrigada Dona Mariinha. Qual o seu nome completo?

Mariinha_ Maria Pereira da Costa.

Eliene_ Minha bisavó era da Costa e era rezadeira. Então a gente é parenta. Como a senhora é conhecida? Dona... como é que eu lhe chamo?

Mariinha_ Mariinha.

Eliene_ É Mariinha! Qual a sua idade?

Mariinha_ Até outro dia veio um aqui e perguntou também.

Eliene_ Quantos anos a senhora tem?

Mariinha_ Cristão, eu sou do trinta e dois.

Eliene_ A senhora é do trinta e dois!? A senhora tem quase oitenta anos né!? (cálculos...) vai fazer oitenta e três. Qual o mês?

Mariinha_ Mês de junho, dia de São Pedro.

Eliene_ Ah, vai estar fazendo oitenta e três anos. Como foi que a senhora aprendeu a rezar?

Mariinha_ Era uma tia minha, morava lá no Padre Andrade e a casa amanheceu um dia cheia de meninos, gente grande e tudo...

Eliene_ Mas ela nasceu aqui no Juá, essa tia?

Mariinha_ Nasceu não. Eliene_ A senhora nasceu no Juá?

Mariinha_ Foi aqui mesmo. E essa tia minha era muito rezadeira, e rezava alto. Quebrante, olhar, vento caído... aí eu aprendi. As mães tem muita fé na minha reza.

Eliene_ A senhora de decorou a reza? Mas ficou observando e ela lhe ensinando?

Mariinha_ Foi.

Eliene_ Quando a senhora começou a rezar? Quando a senhora aprendeu? Com quantos anos a senhora aprendeu?

Mariinha_ Então... eu nem sei.

Eliene_ Era menina? Era moça? Já era adulta? Já era casada? Nunca casou né!?

Mariinha_ Não.

Eliene_ Já era moça?

Mariinha_ Ainda.

Eliene_ Pronto, a senhora aprendeu mocinha. E quando a senhora começou a rezar, tinha quantos anos? Tinha quarenta, cinquenta, trinta?

Mariinha_ Tinha menos.

Eliene_ Vinte? Mariinha_ É.

Eliene_ Tinha vinte, trinta? Mariinha_ Era por aí assim.

Eliene_ Como é que a reza foi repassada? Como é que a pessoa fez pra lhe ensinar?

Mariinha_ Num me ensinou não, aprendi dela mesmo. Rezava dizendo as palavras altas.

Eliene_ Não rezava em segredo? Mariinha_ Era não.

Eliene_ Não falava em silêncio? Então a senhora pode me ensinar né!? Pode?

Mariinha_ Quebrante, olhado.

Eliene_ Eu vim passar uns dias aqui. Posso? Mariinha_ Pode.

Eliene_ A senhora deixa? ... tá bom. O que usa para realizar a reza? O que a senhora usa?

Mariinha_ Nada não. Só a fé.

Eliene_ A fé e...? O que a senhora usa na mão? Num usa nada pra rezar?

Mariinha_ Só uma folhinha de mato.

Eliene_ Qual mato?

Mariinha_ Mangerioba, folha de pinhão.

Eliene_ Mangerioba, folha de pinhão. Qual é a melhor, que a pessoa fica logo curada, que a senhora acha?

Mariinha_ É a mangerioba, é a folha de pinhão. As mães tem muita fé.

Eliene_ Qual horário que a senhora faz a reza? Manhã, tarde, noite?

Mariinha_ É bem cedo. De tardezinha.

Eliene_ Quem chegar pra rezar a senhora não nega né!?

Mariinha_ Nego não.

Eliene_ Em quem ou em que a senhora reza? Eu tou querendo perguntar se além de pessoas a senhora reza em animal em terreno, reza em outras coisas, objetos?

Mariinha_ Não, somente em crianças.

Eliene_ Então a senhora é pediatra. Pediatra num é a médica de criança?

Mariinha_ É.

Eliene_ Pronto...

Mariinha_ A mãe da Claudia trazia aqueles irmãos dela tudinho.

Eliene_ Com ela foi tudo rezado né!? a Claudinha. Oh meu Deus...

Mariinha_ Nunca mais eu vi ela, a mãe da Claudia.

Eliene_ Onde a senhora pratica o ofício da reza? Onde é? Qual o local, se é fora de casa, se é dentro de casa?

Mariinha_ Dentro de casa mesmo.

Eliene_ Mas em qual compartimento? É na cozinha? É no corredor? É no quarto?

Mariinha_ No alpendre.

Eliene_ É no alpendre? Mariinha_ É.

Eliene_ A senhora acha melhor lá?

Mariinha_ É. Eliene_ Porque?

Mariinha_ É porque as casas dos menino é ali pra baixo aí eu rezo. Tem mãe de menino que traz até a camisinha pra eu rezar na camisinha.

Eliene_ Na camisinha? Rezar na camisinha do neném que vai nascer? Na barriga né!?

Mariinha_ É.

Eliene_ Depois da reza, quando a senhora reza, como é que a senhora se sente?

Mariinha_ Eu as vezes não me sinto bem não.

Eliene_ A senhora se sente fraca né!? Mariinha_ É.

Eliene_ A senhora é médium? Mariinha_ Sou não.

Eliene_ Não? A senhora num sabe o que é isso não?

Mariinha_ Sei não. Eliene_ Sabe não?

Eliene_ Quais são as orações sem segredo? Existem orações sem segredo? É aquela que todo mundo pode saber?

Mariinha_ Tem o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria...

Eliene_ Essa é sem segredo, é da igreja né!? Mariinha_ É.

Eliene_ Mas tem alguma... tem oração que a senhora não pode falar pra mim ouvir né!? tem né!? Então diga sim. Viu!? Diga sim... então a senhora não pode dizer nenhuma oração pra mim. Num pode ensinar nem um pouquinho?

Mariinha_ Cristão... menino pequeno, criança a gente reza.

Eliene_ A senhora não pode dizer nenhuma oração? Como são as palavras da oração? Diga aí.

Mariinha_ “Deus curou todo mundo, curou todo os mal. Quebrante, olhado e vento caído. Se levanta gente que Jesus Cristo voltou”. Tinha gente que vinha lá do coité, os pais com os filhos doentes, chegavam aqui chorando pra eu rezar. Aí eu ia rezar lá no terreiro pra banda do Coité.

Eliene_ Onde é o terreiro que a senhora chama? É lá fora?

Mariinha_ Lá fora.

Eliene_ Ah... porque o terreiro é forte né!? pra tirar reza? É melhor do que a casa!? O terreiro, a terra?

Eliene_ Que doenças ou males do corpo e da alma você usa a reza em segredo?

Mariinha_ Num sei não doutora.

Eliene_ Não entendeu né!? Mas qual é a doença, qual o problema da pessoa que a senhora reza sem ninguém saber, que é em segredo (calada)? Entendeu agora?

Mariinha_ Entendi.

Eliene_ Lembra? ...

Eliene_ A senhora reza para os mortos?

Mariinha_ Rezo. Eliene_ Muito bem!

Eliene_ Em que lugar a senhora reza para os mortos?

Mariinha_ Aqui mesmo dentro de casa.

Eliene_ Dentro de casa? Porque? Pode ser fora ou não?

Mariinha_ Rezo dentro de casa, nos terreiros...

Eliene_ Pode ser em qualquer lugar né!? Mariinha_ É.

Eliene_ A senhora vê espíritos? Mariinha_ Não.

Eliene_ Mas a senhora sente, alguma coisa assim quando chega perto?

Mariinha_ Não. Eliene_ Graças a Deus né!?

Mariinha_ É. Eliene_ A senhora invoca as almas, almas benditas?

Mariinha_ Rezo. Eu rezo no terço seis horas, bem cedinho. As missas, eu assisto.

Eliene_ A senhora sente premonições? Mariinha_ Não.

Eliene_ Não sente né!? Mariinha_ Sinto não.

Eliene_ A senhora pode relatar alguma oração em segredo?

Mariinha_ Sei não.

Eliene_ Sabe não, a senhora disse que sabe, mas é caladinha. Que doenças ou males do corpo e alma a senhora usa a reza em segredo?

Mariinha_ Eu peço meu paizinho do céu, minha mãezinha do céu, todos os santos do céu e da terra, me cure de todo mal que tiver em mim.

Eliene_ Isso é a oração? Mariinha_ É.

Eliene_ Qual a sua religião? Mariinha_ Cristã de Deus.

Eliene_ Católica, evangélica? Mariinha_ Sou católica.

Eliene_ A senhora já teve algum envolvimento com a umbanda?

Mariinha_ Ainda não.

Eliene_ Nem quando era novinha? Nunca foi? Mariinha_ Não.

Eliene_ Quais suas devoções? A senhora é devota a que santo? Diga o nome dos santos.

Mariinha_ É Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Desterro, Mãezinha do céu, meu Paizinho do céu.

Eliene_ E São Jorge?

Mariinha_ São Jorge também. Eu rezo pros santos tudinho.

Eliene_ Mas a senhora já rezou pra São Jorge? Mariinha_ Ainda não.

Eliene_ Que chás a senhora recomenda? Que chás a senhora recomenda pras pessoas usarem pra dor de barriga, conhece algum? Diga aí.

Mariinha_ Não.

Eliene_ Pra dor de cabeça? Mas pra colocar na cabeça? Uma vez eu cheguei aqui e a senhora estava com umas folhinhas de carrapateira.

Mariinha_ É, era dor de cabeça.

Eliene_ É, que a senhora estava com dor de cabeça. E pra dor de barriga, é bom o que?

Mariinha_ Folha de cidreira com a goma.

Eliene_ Com a goma né!? como é que faz?

Mariinha_ Bota o chá no fogo, aí desmancha a goma numa vasilha, num canequinho...

Eliene_ Goma de que?

Mariinha_ Goma de mandioca. Aí faz aquele mingauzinho e bebe e aí se acaba a dor de barriga.

Eliene_ E pra rins? Mariinha_ Num sei não.

Eliene_ Quebra-pedra serve? Mariinha_ Diz o povo que serve.

Eliene_ Mas a senhora nunca receitou não né!? Mariinha_ Não.

Eliene_ ...nunca recomendou. Qual a oração pra quebranto? Conhece?

Mariinha_ Não.

Eliene_ Como é que a senhora... o que que a senhora reza pro quebranto?

Mariinha_ Eu peço que o senhora Jesus cure. Nossa Senhora da Boa Tarde e São José do Ribamar.

Eliene_ E o que que se faz pra espinhela caída?

Mariinha_ Tem a reza, mas eu num sei não.

Eliene_ Num sabe não? E vento caído?

Mariinha_ Vento caído...

Eliene_ Levanta a criança na porteira? Minha vó levantava.

Mariinha_ É, no batente em riba.

Eliene_ Bota em riba e faz o que?

Mariinha_ Aí três vezes. Bota os pezinhos assim no batente...

Eliene_ Mas os pezinhos assim de cabeça pra baixo? Mariinha_ É.

Eliene_ Aí reza o que? Mariinha_ Aí o vento se alevanta.

Eliene_ Mas como é a reza, que faz?

Mariinha_ Quando a gente reza aí pede que Jesus cure, quebrante, olhado, vento caído, aí alevanta a criança de cabeça pra baixo três vezes no batente. Aí o vento se levanta, fica bom. E pronto.

Eliene_ Muito bem. A senhora já curou cobreiro?

Mariinha_ Eu não minha filha.

Eliene_ Qual a relação que a senhora tem com a natureza? A senhora gosta de plantas?

Mariinha_ Eu plantava, agora não tem mais não.

Eliene_ Num tem mais não, num água, num cuida... Para a senhora, o que representa a terra? A senhora acha que a terra é sagrada, é importante?

Mariinha_ Porque a terra é de Deus.

Eliene_ E depois que a gente morre ela acolhe né!? Mariinha_ É.

Eliene_ Quais as ervas do mato que servem pra curar doença?

Mariinha_ Cristão... é quebra pedra...

Eliene_ Quebra pedra serve pra que?

Mariinha_ Num sei... dizem que pra todo mal, mas eu nunca bebi não.

Eliene_ Antes de rezar a senhora sente alguma coisa? A senhora sente o que que a criança tem? Como é que a senhora descobre?

Mariinha_ É porque... a gente conhece... aquelas criancinhas que vem cangotando...

Eliene_ Pelos olhos?

Mariinha_ É... tem gente que se admira de uma criança, aí bota.

Eliene_ O que que a gente faz pra uma pessoa não dá mais quebranto numa criança, se a gente desconfia de uma pessoa?

Mariinha_ Cristão, é a mãe dizer quem bota, quem é aquela pessoa, aí nunca mais bota não.

Eliene_ Dizer pra pessoa, num precisa dar nada não?

Mariinha_ Precisa não.

Eliene_ Minha vó dizia que tinha que dizer e ainda dar um alho.

Mariinha_ Dizem que é, que tem que dar um dente de alho.

Eliene_ Mas a senhora nunca fez isso não!?

Mariinha_ Fiz não. A gente não se admira de nada, nada.

Eliene_ Qual é sua função na comunidade? A senhora ajuda na comunidade a alguma pessoa?

Mariinha_ Eu ajudo minha filha. Eliene_ Em que?

Mariinha_ Assim quando tem leilão dos santos, que a zeladora vem pedir... tem o leilão, eu dou.

Eliene_ Pedir o que, feijão?

Mariinha_ Prêmio pro leilão.

Eliene_ Prêmio né!? Dinheiro né!? Que é a prenda né!? Mariinha_ É.

Eliene_ E a comunidade gosta muito da senhora, tem uma relação boa?

Mariinha_ Gosta. Eliene_ Gosta né!? da senhora. Já notei.

Eliene_ Quando a senhora reza, a senhora faz referência a alguma entidade do seu antepassado? Tipo assim, a vó, a mãe, a senhora chama por elas, pessoas que não são santas, a senhora chama porque acha que essas pessoas são santas, quando a senhora faz a oração, além de Deus e Nossa Senhora?

Mariinha_ É. Eliene_ A senhora chama quem?

Mariinha_ Eu chamo meu padrinho do céu, minha mãezinha do céu...

Eliene_ E a sua mãe, a senhora chama? Mariinha_ Chamo.

Eliene_ Pede ajuda? A sua mãe era rezadeira?

Mariinha_ Era não minha filha. Eliene_ E sua avó.

Mariinha_ A minha avó era parteira. Eliene_ Mas num rezava não?

Mariinha_ Que eu me lembre não.

Eliene_ E a bisavó, num conheceu não? Mariinha_ Conheci não.

Eliene_ Quem da sua família foi rezadeira?

Mariinha_ Somente essa tia que morava lá no Padre Andrade.

Eliene_ E a sua família, como é que ela vê a reza? Ela acha feia, ela gosta, ela reclama?

Mariinha_ Reclama não. Eliene_ Acha bonito?

Mariinha_ É.

Eliene_ A senhora está iniciando alguém? Ensinando alguém rezar?

Mariinha_ Tou não.

Eliene_ Porque a senhora sabe que a gente é passageira né!? se a senhora não ensinar a reza, aí vai ficar na senhora. A senhora já começou a preparar? Já está de olho em alguém pra senhora ensinar?

Mariinha_ Tou não minha filha.

Eliene_ A senhora já sofreu algum tipo de preconceito? Alguém falar com a senhora porque a senhora é rezadeira ou já sofreu isso?

Mariinha_ Não.

Eliene_ A senhora gosta de dizer pras pessoas que é rezadeira, ou fica só na da senhora?

Mariinha_ O povo tudo já sabe.

Eliene_ Num precisa nem dizer né? Mariinha_ É.

Mariinha_ Meu Deus, ontem...

Eliene_ (visita) ... entra Claudinha, que ela tá querendo falar com você, que disse que nunca mais lhe viu... venha pra cá minha filha, que eu tou aqui com ela...

Claudinha_ Só se eu arrodar pela cozinha.

Mariinha_ Pode entrar.

Claudinha_ Oba Dona Mariinha, tá boa?

Marrinha_ Tou não neguinha, cansada...

Eliene_ Essa aqui é a Sandra Petit, nossa professora.

Sandra_ A benção senhora!?

Mariinha_ Deus te dê uma boa sorte!

Eliene_ Deixa eu perguntar aqui, só falta a última perguntinha...

(Conversa com as visitas)

Eliene_ A outra pergunta, é a última... o pessoal chegou... aí tive que... num quis contar né!?

Eliene_ É sobre os jovens. A senhora disse que ainda não começou, que ainda não escolheu ninguém pra ensinar, pra iniciar a reza né!? Porque? Porque a senhora achar que os jovens de hoje não tem interesse em aprender a reza? Ser rezadeiras ou rezadeiros?

Mariinha_ Tem não.

Eliene_ Porque a senhora não sentiu energia ainda pra repassar?

Mariinha_ Não. Eliene_ Tem que escolher né!?

Mariinha_ Agora correm tudo pra cá, as mães de família. Aí eu passo a rezinha nos bichinhos. As mães ficam muito agradecidas.

Eliene_ Mas a senhora sente vontade de repassar a reza?

Mariinha_ Sinto não... A mãe da Claudia, ela aí...

Eliene_ Porque a senhora tem que sentir que além da pessoa ser da família... a senhora tem que sentir que a pessoa vai repassar a reza. É por isso que a senhora não ensinou, ou não?

Mariinha_ A mãe da Claudia era tão boazinha pra mim, cristão. Já hoje eu tava me lembrando dela. Ela ia e viajava pra Caucaia e me chamava pra eu ficar com os meninozinhos dela. Aí eu ficava, tinha um que bebia tanto do chá, da folha da laranja...

Eliene_ As cascas da laranja né!? que é pra barriga.

Mariinha_ É. Eliene_ Como é que faz?

Mariinha_ Faz o chazinho. Mas gostava de chá... acho que estão tudo já é pai. O filho da Claudia, da Marina. Aí neguinha quando ela tinha o dela, ela me agradava. Quis tanto bem a mãe da Claudia, nunca mais vi ela...

Eliene_ Onde está morando? Está morando no Capão, a mãe dela?

Mariinha_ É né!? pensava que era tudo na Caucaia.

Visita_ (pergunta sobre um ferimento na perna)

Mariinha_ (fala sobre seu acidente doméstico ao amarrar um jumento)

Visita_ E a senhora botou o que?

Mariinha_ Eu botei uma folhinha de carrapateira...

Eliene_ Carrapateira é bom. Uma vez eu cheguei aqui, na primeira vez quando eu conheci ela... ela tava com um chapéu de palha e umas folhas de carrapateira e aí eu perguntei, ela disse "Não é porque eu tou com dor de cabeça e as folhas de carrapateira curam".

A senhora também reza com as folhas de carrapateira? Qual a melhor folha pra senhora rezar?

Mariinha_ De carrapateira, de folha de pinhão, folha de mangirioba... qualquer uma folhinha.

Eliene_ Aquela de pinhão é boa pro olho gordo né!? Mariinha_ É.

Eliene_ Já um problema assim de doença, outra folha serve né!?

Visita_ Tu conhece a planta da carrapateira?

Eliene_ Tem muito ali. É uma das folhinhas cumpridas. A senhora pode mostrar?

Mariinha_ Mas tem uns cachorros valentes, os cachorros. Os pés da gente vem aí dos terreiros.

Eliene_ Eu queria era um coité daquele ali.

Mariinha_ Cristão, mas deu foi muito... cai...

Eliene_ Mas se eu pegar o cachorro avança?

Mariinha_ As folhas de carrapateira...

Eliene_ Não, o coité. O coité é a mesma cabaça num é não?

Mariinha_ É.

Visita_ É, só que é seco né!?

Eliene_ Só que tem que esperar ela secar né!? então não pode tirar.

Mariinha_ Até o vento derruba. O vento derruba, chega fica rachada no chão.

Visita_ Tem que esperar cair, porque se tirar do pé, ela estraga, num fica no ponto da cabaça.

Eliene_ Mas eu acho que é. Porque assim ela tá viva, aí ela apodrece.

Mariinha_ Só se subir, se trepar... se subir e derrubar e outra pessoa em baixo aparar. Se cair no chão lasca.

Eliene_ Eu não sabia, se fosse tirar a bicha ia cair na minha cabeça. Num tem no chão não Alessandra?

Mariinha_ Tem, mas é lascada veia... mas deu muito...

Eliene_ Pois é. Pois agora eu finalizo, já fiz as perguntas que eu queria. Obrigado por a senhora ter autorizado fotografar. Eu venho outra vez...

Mariinha_ É tanto do mosquito e muriçoca de noite... num sei se no grupo tem...

Alessandra_ Num tem nenhuma planta que dê pra usar pra evitar os mosquitos piquem a senhora?

Mariinha_ Cristão, faço defumador de folha de marmeleiro.

Alessandra_ Aí dá certo!?

Mariinha_ Aí quando ferroa dá uma coceira danada. As muriçocas num tem não, mas mosquitos.

Alessandra_ O defumador como é que a senhora faz? A senhora só pega as folhas.

ENTREVISTA TRANSCRITA

LOCAL: Porteiras

Rezadeira: D. Tereza

Predição, antes da gravação

Eu me chamo Eliene Magalhães, sou mestranda da Universidade Federal do Ceará, em Educação Brasileira, minha pesquisa é sobre as rezadeiras de comunidades remanescentes quilombolas de Caucaia, lugar onde moro e trabalho. Minha orientadora é Sandra Petit.

Peço permissão para entrevista-la para enriquecer minha pesquisa com sua história na reza.

1. Qual seu nome completo?

Meu nome é Maria Tereza Assis do Nascimento.

2. Como você é conhecida?

Me chamam de Madrinha

3. Qual sua idade?

Acho que tenho 98 anos, nasci no dia 4 de junho.

4. Como a senhora foi iniciada? (Como aprendeu a reza) (Iniciação)

Eu comecei...a pessoa tem que esperar o dia certo...um sobrinho meu, estava com o pé machucado e me pediu, ai rezei, depois ele disse que o pé desinchou e eu fiquei tão alegre, pedi então pra ele vir. Assim comecei, Deus me ensinou.

5. Quando começou a reza?

Com uns 60 anos. (Senhoridade)

6. Como foi que a reza foi repassada?

Foi Deus, foi Ele que me deu a reza.

7. O que usa para realizar a reza?

Uso a minha fé, só não uso folhas de pinhão, porque não é bom, não gosto, não gosto. (Elementos da natureza)

8. Qual horário, a senhora faz a reza?

Rezo às duas horas da tarde, depois das cinco, não rezo e reza do meio dia não faço. (Espiritualidade)

9. Em quem ou quê reza?

Rezo nas pessoas.

10. Onde a senhora pratica o ofício da reza?

Faço reza na minha casa. (território, terreiro)

11. Em qual lugar da casa, a senhora reza?

Rezo na varanda, no terreiro, é meu pedaço de chão sagrado, é lugar de cura. (território, terreiro)

12. Que folhas, a senhora usa na reza?

Uso folhas, até de carrapateira, só não de rezar com folhas de pinhão roxo, é ruim. (Elementos da natureza)

13. Depois da reza, como a senhora se sente?

Me sinto bem, mas tem gente com coisa ruim, vem rezar, mas não pego nada não, meu corpo é fechado. Um dia desses, quando dei fé, um homi com coisa ruim me veio pedi uma caridade, disse que tava com espirito ruim e eu disse: 'Vixe', mas rezei, porque sabia que não

ia pegar, peguei duas foinha de carrapateira e rezei nele aqui no meu terreiro e ele ficou bom. (Corpo aberto e fechado, mediunidade, espiritualidade)

14. Quais orações sem segredo?

Minha reza é dentro de mim e eu não ensino às pessoas. (Segredo)

15. Que doenças ou males do corpo e alma você usa a reza em segredo?

Não quero dizer, não quero repassar, não tenho filhos e não sinto que estar na hora de passar. Tenho uma sobrinha que tenho vontade de ensinar, o nome dela é Gabriele, mas ela inventou de ser crente. (Segredo)

16. A senhora reza para os mortos?

Sim, rezo. (espiritualidade)

17. Em que lugar a senhora reza para os mortos?

Rezo dentro de casa, porque, porque dentro de minha casa tem santos, acendo as velas dentro de casa.

(espiritualidade, fogo)

18. A senhora ver espíritos ou sente?

Não! Tá ai, uma coisa que não quero ver, não quero sentir não.

19. A senhora invoca as almas?

Não. De jeito nenhum.

Como?

20. A senhora sente premonições?

NÃO, (Falou em voz alta)

21. Pode relatar orações com segredos?

Não, é segredo, vou guardar sempre. (segredo)

22. Que doenças ou males do corpo e da alma, a senhora usa a reza em segredo?

Sei lá, não sei. Mas, vou dizer, são todas as minhas rezas, é para todas, tenho pra quebranto e outras, é pra todos.

23. Qual a sua religião?

A minha religião é a que Deus me deu, católica.

24. Quais suas devoções?

São meus santos, todos, só os santos que tenho.

25. Que chás a senhora recomenda?

Passo remédios, lambedores, garrafadas, algumas ervas eu compro. Recomendo tanta coisa. (Ervas, elementos da natureza)

26. Liste alguns chás e para que servem cada um?

Uso as folhas de Pitanga que serve para barriga, outros chás, eu compro. Uso pauzinhos, raízes, folhas, madeiras como: cidreira, quebra pedra, camomila, boldo, aroeira, pepaconda. (Ervas, elementos da natureza)

27. Qual oração para quebranto?

Não falo, é segredo. Minha reza é pra tudo. (segredo)

28. Qual reza do vento caído?

Eu rezo pra mim, não falo, rs. (segredo)

29. Qual reza para espiela caída?

É a reza.

30. O que fazer contra a inveja?

Contra inveja é rezar e pronto, acabou-se. Se a inveja bater na pessoa, é reza.

31. Como curar:

- a) **Dor de cabeça-** Rezo com a carrapateira, para a dor de cabeça é reza.
- b) **Dor de barriga-** Para dor de barriga é o chá das fonhas de Pitanga.
- c) **Dor de dente-** Para dor de dente, só a reza mesmo, minha fia.
- d) (Ervas, elementos da natureza)

32. Qual oração para cobreiro?

A oração para cobreiro, eu rezo em segredo, calada. (segredo)

33. Qual sua relação com a natureza?

Ave Maria, eu adoro, Ave Maria é a coisa melhor do mundo...Eu adoro minhas plantas, mas às vezes morre porque uma pessoa olhando matou. (Relação com a natureza)

34. Para a senhora, o que representa a terra? (chão)

A coisa melhor do mundo, é sagrado. (Território, terreiro)

35. Quais os remédios do mato, para cada males?

As raízes de pau, a gente compra. Já curei tanta gente com Jatobá, aroeira. (Ervas, elementos da natureza)

36. Quais sentimentos, antes e depois da reza?

A coisa melhor do mundo, Ave Maria, o dia mais feliz é quando rezo nas crianças, mas quando rezo em adulto, eu não gosto, eles vem muito carregado.

37. Qual sua função (papel) na comunidade?

É de rezar, já rezo há uns quase 50 anos. (senhoridade, ancestralidade, sabedoria)

38. A senhora faz referência na reza a algum santo? Qual(s)?

A Nossa Senhora, São José. Só Santo da Igreja, São Sebastião, Santo Onofre.

39. A senhora faz referência a alguma entidade, algum protetor ou antepassado que não é santo?

Não, naum, hum....hum!

Qual?

40. Como é sua relação familiar com a reza?

A minha família, vem tudo pra cá, eles gostam, graças à Deus.

41. Quais familiares são: rezadeiras ou rezadores?

A minha mãe, era rezadeira e o pai da minha mãe também. (ancestralidade, linhagem)

42. Como sua família ver a reza?

Eles gosta, eles vem.

43. Como seus amigos ver a sua reza?

Eles gosta, porque quando tão que não se aguenta, vem, muitos não tem fé, mas manda alguém.

44. A senhora sofre preconceito por ser rezadeira?

Não, o povo olha pra mim, assim, tem gente que não gosta, ai passam olhando pra mim, agora são crentes e olham assim né. Mas, estou aqui e um dia elas voltar.

45. A senhora é parteira?

Não!

46. Se for parteira, a senhora reza ao fazer o parto. Conte.

Não!

47. A senhora tem familiares parteiras?

Não!

48. Qual a relação que a senhora tem com a comunidade?

Graças à Deus, que todos gosta de mim, só minha irmã, que é importante, nem de Deus, ela gosta. (Relação comunitária)

49. Qual a relação que a comunidade tem com a senhora?

Vou logo te dizer, se eu menti, pode dizer, todo mundo me adora...o padre...(...)
(Relação comunitária)

50. Os se interessam para aprender a reza?

Era o tempo, que os meninos queria alguma coisa com Deus e eu não tenho minha reza pra dar a qualquer um. O pouco que a minha sobrinha tirou de mim, mesmo crente, ela usa, com as mãos, ela cura todo mundo.

ENTREVISTA AO GUINEENSE SR. MANUEL DO CARMO CASQUEIRO

1. Qual seu nome completo?

R. Manuel do Carmo Casqueiro

2. Qual sua idade?

R. 69 anos

3. Qual seu país de nascimento?

R. Africano da República da Guiné-Bissau

4. Em que países você viveu, indique o tempo em cada um?

R. Na Guiné-Bissau (de 1946 a 1964) – 18 anos

Em Angola (de 1964 a 1977) – 13 anos

Na Argélia – 03 meses de 1965

No Congo (Zaire) – 02 meses de 1965

No Congo Brazzaville – 07 meses de 1965

5. Como vivem os curandeiros dos países africanos?

Só posso informar sobre os curandeiros(as) que conheci no norte de Angola. Estes vivem afastados da aldeia sempre no começo da floresta em habitação construída pelos próprios ou herdada, por morte, do tutor. São coletores e recebem doações (alimentação e dinheiro) dos pacientes que assim desejam fazê-lo. O(a) curandeiro(a) nunca cobra por seus serviços.

6. O que os curandeiros e curandeiras usam para fazer a cura?

1. R. Usam, basicamente, ervas, raízes, folhas e algumas cascas de árvore e as preces ancestrais. (Vi, também, usarem rapé).

7. Como são conhecidos os curandeiros e curandeiras africanos?

R. No período colonial eram taxados de mistificadores, bruxos, heréticos e o curandeirismo era proibido (e punido) por lei portuguesa. Após as Independências voltaram a exercer livremente seus saberes. Aqueles em que a população tem confiança e credibilidade, sempre foram (e são) muito considerados. Atualmente a medicina convencional já reconheceu o valor dos “doutores da selva”, pois quase 80% da população africana vive nas zonas rurais e depende muito desses curandeiros tradicionais. Além deles(as) existem os(as) “profetas da aldeia” que possuem conhecimentos mágicos e professam religião.

8. O que é o ritual “Roda de cura”, na tradição africana?

R. Roda-de-Cura é uma sagração ancestral existente em vários países do mundo. Na África pode-se designá-la como “abertura de caminhos”, “elo sagrado” já que a Roda cria uma movimentação intensa (transmutação de energia) que, com a concordância e a finalidade (a cura física e espiritual) de quem nela está, a “transformação” e o “despertar” sucedem.

9. Quem podem fazer parte desse ritual?

R. Em primeiro lugar, os que precisam de ajuda curativa mais a comunidade e convidados.

10. Qual objetivo da roda de cura?

R. Como o respondido no ponto 8, acrescento que nessas Rodas-de-Cura se levam em consideração não apenas os indícios físicos da doença mas, igualmente, a mente o espírito e o corpo do paciente. Logicamente, o objetivo é a cura.

11. Como acontece o ritual?

R. Não sei responder exatamente à pergunta. Na única vez que assisti nosso grupo de combate, chegou à aldeia com a cerimônia em andamento. Lembro que ao som de tambores os presentes dançavam e cantavam ao redor do curandeiro com um chocalho na mão.

12. O que se usa no ritual?

R. O que me chamou a atenção foi a indumentária do curandeiro. Rosto pintado de branco ou cinza, na cabeça usava um gorro de pele que me pareceu de cabra, colares de sementes e saiote de ráfia por cima da tanga. Lá pela metade (deduzo) do ritual foi sendo passado de uns para os outros da Roda um cachimbo mais longo dos que eu conhecia. Cada um dava sua tragada. Não posso assegurar que tipo de fumo, mas o cheiro era enjoativo e malcheiroso.

13. Há músicas e danças?

R. Sim

14. Existem processos de iniciação no ritual?

R. Não sei responder à pergunta e não aventarei hipóteses por respeito à milenar tradição.

15. Como acontecem?

R. Resposta dada em 14

16. Quais são seus resultados?

2. R. Resposta dada em 14

17. Na África, ainda existe forte essa tradição oral?

3. R. Na África sempre existirá uma forte tradição oral. É através dela que mantemos nossa identidade e sabemos a História de nossos povos que, ainda, não foi escrita.

18. Em que os/as curandeiros e curandeiras africanas participam?

4. R. O(s) curandeiro(s) não tem uma participação tão valiosa quanto a dos contadores de histórias na sustentação da tradição oral. No entanto, sua contribuição apresenta-se por meio dos cânticos e das rezas.

19. Como é visto o/a curandeiro/a na África?

5. R. Resposta dada em 7

20. Para você, o que o/a curandeiro/a dos países africanos ajudam em necessidades básicas?

6. R. Ajudam nas necessidades de segurança – necessidades espirituais – necessidades sociais – necessidade de status ou de respeito – necessidade de ato-realização.

21. Quais plantas medicinais que o /a curandeiro/a utiliza na cura de males das pessoas ou animais?

R. Ninguém em sã verdade poderá responder a esta pergunta. Se nós, meros mortais, conhecêssemos as plantas e as fórmulas utilizadas nas curas, todos seríamos curandeiros! Esse é um segredo, um benzido saber que é, tão somente, transmitido aos eleitos, ou seja, ao escolhido pelo curandeiro para lhe suceder no perpetuar do ofício. Nenhum xamã, nenhum pajé nem nenhum curandeiro jamais expõem seu dom a um leigo.

22. Como é aproveitado esses saberes orais?

R. Ninguém em sã verdade poderá responder a esta pergunta. Se nós, meros mortais, conhecêssemos as plantas e as fórmulas utilizadas nas curas, todos seríamos curandeiros! Esse é um segredo, um benzido saber que é, tão somente, transmitido aos eleitos, ou seja, ao escolhido pelo curandeiro para lhe suceder no perpetuar do ofício. Nenhum xamã, nenhum pajé nem nenhum curandeiro jamais expõem seu dom a um leigo.

23. Nas escolas, existe formas de aproveitarem esses saberes para o povo?

R. Hoje não sei informar qual o paradigma educacional adotado. Contudo, durante a guerra de Libertação contra o colonialismo, especificamente em Angola e na Guiné-Bissau, os Movimentos nacionalistas consideravam fundamentais as escolas para o avanço da Revolução. Todos os grupos guerrilheiros tinham ordens de, quando instalados próximo a um aglomerado populacional, construir uma escola. Elas eram chamadas de “escolas da floresta” e como não havia por ali tantos livros escolares, era trazida para dentro desses espaços educacionais como ajuda de muita valia nossa secular tradição oral. E ela chegava aos alunos (de qualquer idade) por meio dos conhecimentos dos curandeiros, dos contadores de histórias, das rezadeiras (aqui me refiro aos que, apenas, rezavam) e dos mais velhos.

